



United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization

MANUAL PARA
PROFESSORES

Património para a Paz e a Reconciliação

Salvaguardar

*o Património Cultural Subaquático
da Primeira Guerra Mundial*



Património para a Paz e a Reconciliação
Salvaguardar o Património Cultural Subaquático da Primeira Guerra Mundial
Manual para Professores

Dirk Timmermans
Ulrike Guerin

Direitos de Autor e Créditos

Primeira edição em 2015 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 7, place de Fontenoy, 75352 Paris 07 SP, França.

© UNESCO 2015

Versão portuguesa

A versão portuguesa do Manual para Professores “Património para a Paz e Reconciliação - Salvar o Património Cultural Subaquático da Primeira Guerra Mundial”, foi traduzida da edição inglesa, de 2015. Os dados foram atualizados à data de agosto de 2015. Foi igualmente incluída informação relativa à Estratégia da UNESCO para a Rede das Escolas Associadas da UNESCO 2014-2021, à Rede das Escolas Associadas, aos Estados ratificantes da Convenção 2001 da UNESCO sobre a Proteção do Património Cultural Subaquático, e à lista do Património Mundial.

© UNESCO/Comissão Nacional da UNESCO Portugal / 2015

ISBN 978-989-98953-2-4

Créditos



Esta publicação está disponível em Acesso Livre ao abrigo da licença Attribution-ShareAlike 3.0 IGO (CCBY- SA 3.0 IGO) (<http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/igo/>). Ao utilizarem o conteúdo da presente publicação, os utilizadores aceitam os termos de uso do Repositório da UNESCO de acesso livre (<http://www.unesco.org/open-access/terms-use-ccbysa-en>).

A presente licença aplica-se exclusivamente ao conteúdo da publicação. Para a utilização de qualquer material que não esteja claramente identificado como propriedade da UNESCO, será necessário solicitar a autorização prévia através de: publication.copyright@unesco.org ou UNESCO Publishing, 7, place de Fontenoy, 75352 Paris 07 SP França.

As designações usadas e a apresentação de material ao longo desta publicação não implicam a expressão de qualquer opinião por parte da UNESCO relativamente ao estatuto legal de qualquer país, território, cidade ou zona ou das suas autoridades, ou relativamente à delimitação das suas fronteiras e limites.

As ideias e opiniões expressas nesta publicação são as dos autores; não expressam necessariamente as da UNESCO e não comprometem a Organização.

Editores: Dirk Timmermans (UNA Flanders), Ulrike Guerin (UNESCO) e Arturo Rey da Silva (UNESCO)

Fotos da capa: Navio naufragado em Lundy © Harun Ozdas - Jovem a trabalhar © Tommy Bay

Design da capa: Koen Vervliet

Graphic design: Jan Depover

Impresso por: [EPO printing](#)

Impresso na Bélgica



Edição Portuguesa

Comissão Nacional da UNESCO

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Largo das Necessidades

1350-215 Lisboa

Tel. +351 21 394 66 52

Fax + 351 21 394 69 60

E-mail: cnu@mne.pt

Website: www.unescoportugal.mne.pt

Tradução

HighLinkEvents

Paginação e impressão

Grafilinha, Lda.

Revisão, atualização e adaptação

Fátima Claudino

Depósito Legal

399989/15

1ª Edição - Novembro 2015



MANUAL PARA
PROFESSORES

Património para a Paz e a Reconciliação

Salvaguardar

o Património Cultural Subaquático

da Primeira Guerra Mundial

O património cultural é composto pelos vestígios físicos da história. É a testemunha silenciosa de conflitos, guerras e confrontos entre nações. Conseguir compreender o nosso património comum fomenta o entendimento, a reconciliação e a paz.

Este **Manual do Professor** faz parte de um pacote fornecido no âmbito do apoio do projeto educativo da UNESCO, 'Património para a Paz e a Reconciliação', que também inclui filmes e uma brochura. O projeto Património para a Paz e a Reconciliação irá ajudar os educadores a introduzirem os conceitos de diálogo, paz e reconciliação no seu programa através da compreensão do património cultural. Poderão utilizar os exemplos fornecidos para a organização de projetos, excursões ou exposições escolares, ou para enriquecimento das aulas habituais. Uma ocasião em que poderá ser importante desenvolver atividades e iniciativas de cooperação será todos os anos a 21 de setembro, o Dia Internacional da Paz proclamado pelas Nações Unidas.

Através da escolha de uma época específica e de um determinado tipo de património, este manual centra-se no património cultural subaquático da Primeira Guerra Mundial, que socialmente foi uma das guerras mais devastadoras do século passado. Uma das novidades desta guerra, que teve um impacto particularmente forte na população civil, foi o desenvolvimento da guerra naval, e mais especificamente da guerra submarina. Esta guerra deixou para trás um extenso património submerso. Apesar destes materiais se centrarem no património cultural subaquático da Primeira Guerra Mundial, poderá ser adotada a mesma abordagem para exemplos de património cultural subaquático da Segunda Guerra Mundial, ou de outras épocas em que os conflitos incluíram inúmeras batalhas no mar.

O projeto foi acordado entre todos os Estados Partes na Convenção da UNESCO sobre a Proteção do Património Cultural Subaquático, em 2001. Os Estados pretendem utilizar o Centenário da Primeira Guerra Mundial para fomentar a educação para a paz, mais especificamente através da promoção da proteção e compreensão do património submerso. O desejo prende-se com a educação para a paz por ocasião do Centenário da Primeira Guerra Mundial, sobretudo através da promoção da proteção e compreensão do património submerso. Também pretendem chamar a atenção para a recente proteção do património cultural subaquático deste período ao abrigo da Convenção de 2001 da UNESCO.

Conteúdos

Introdução	11
I. O património cultural subaquático da Primeira Guerra Mundial e a Convenção de 2001 da UNESCO	15
O património do mundo como alicerce do caminho para a paz.....	15
O património cultural subaquático da Primeira Guerra Mundial.....	16
<i>A Primeira Guerra Mundial teve uma importante componente marítima?</i>	17
<i>Que património submerso resta da Primeira Guerra Mundial?</i>	17
<i>Encontra-se este património submerso ameaçado?</i>	18
<i>A proteção ao abrigo da Convenção de 2001</i>	19
A mensagem do património cultural subaquático da Primeira Guerra Mundial para a educação.....	20
 Ensino do património cultural subaquático: a memória e a paz.....	24
II. Educação para a paz e o património: por onde começar?	29
Legitimação.....	30
O Objetivo de Ensino.....	31
O Projeto de Ensino.....	32
<i>Saber e conhecimento: que conhecimentos devemos transmitir?</i>	32
<i>Competências: que competências devemos ensinar?</i>	33
<i>Comportamento ou atitude: que valores devemos transmitir?</i>	34
Perspetivas positivas.....	34
Modelo do Plano de Projeto.....	37
III. Pontos de avaliação para a educação para a paz através do património	41
Saber e conhecimento.....	42
<i>Conhecimento sobre o contexto histórico do património cultural subaquático</i>	42
<i>Processos e mecanismos</i>	47
<i>História versus memória coletiva</i>	52
Empatia e solidariedade.....	67
<i>Antídoto contra a indiferença</i>	67
<i>O bom, o mau e tudo o que existe no meio</i>	70
<i>Passado e presente</i>	73

<i>Ênfase da liberdade de escolha</i>	76
<i>Tratar as emoções com cuidado</i>	77
<i>Cerimónias de evocação</i>	81
<i>Cuidado com a reconstrução</i>	85
Reflexão e ação.....	88
IV. Educar para um futuro melhor.....	91
Alicerces para a educação para a paz através do património.....	92
<i>Eu, eu mesmo e os outros</i>	92
<i>Respeito e conexão</i>	94
<i>Direitos e obrigações, liberdades e responsabilidades</i>	96
<i>Falar e escutar</i>	99
<i>Conhecimento e pensamento crítico</i>	100
<i>Preconceitos, estereótipos e discriminação</i>	102
<i>Lidar com os conflitos de forma não violenta</i>	104
<i>A agressividade e a prevenção da violência</i>	105
<i>A sociedade e o indivíduo</i>	108
<i>As pessoas, a cultura e o ambiente</i>	111
V. ANEXO I – A UNESCO e a Educação para a Paz.....	115
Da Liga das Nações às Nações Unidas.....	115
A UNESCO e a Construção da Paz.....	117
VI. ANEXO II – Património Cultural Subaquático da	
Primeira Guerra Mundial.....	123
Contexto Histórico do Património Cultural Subaquático da Primeira	
Guerra Mundial.....	123
Património Cultural Subaquático da Primeira Guerra Mundial	
- Um Património Ameaçado.....	125
Assegurar a Proteção do Património Submerso da Primeira Guerra Mundial	
- A Convenção de 2001 da UNESCO.....	128
Grandes Batalhas Navais da Primeira Guerra Mundial e o seu Património	
Cultural Subaquático.....	130
VII. ANEXO III – EXEMPLOS DE PLANOS DE AULA.....	139



PREFÁCIO

PATRIMÓNIO PARA A PAZ E A RECONCILIAÇÃO - SALVAGUARDAR O PATRIMÓNIO CULTURAL SUBAQUÁTICO DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

O Ato Constitutivo da UNESCO, afirma que: “Uma vez que as guerras começam nas mentes dos homens, é nas mentes dos homens que devem ser erguidos os baluartes da paz”.

Desde a sua criação em 1945, a UNESCO tem contribuído para a consolidação da cultura da paz, de erradicação da pobreza, de desenvolvimento sustentável e de diálogo de civilizações. A educação é um dos principais instrumentos para a prossecução desses objetivos.

Enquanto agência das Nações Unidas com mandato específico em todos os aspetos da educação, o trabalho da UNESCO abrange o desenvolvimento da educação pré-escolar até ao superior, incluindo o ensino técnico e profissional e de formação, a educação não-formal e a alfabetização. Para a UNESCO a promoção da equidade e do acesso ao ensino, das oportunidades para todos na aprendizagem ao longo da vida, a melhoria da qualidade da educação e do desenvolvimento de conhecimentos e competências são essenciais, na perspetiva de valores de uma cidadania global.

Deseja-se que a educação vise o desenvolvimento pleno da personalidade humana e o reforço do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. Deseja-se que promova a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações, e todos os grupos raciais ou religiosos, no quadro das atividades globais das Nações Unidas para a paz.

A Comissão Nacional da UNESCO associou-se em 2014, ao projeto educativo lançado pela UNESCO, “Património para a Paz e a Reconciliação”, no âmbito do património cultural subaquático da Primeira Guerra Mundial. Este Manual para Professores, que foi lançado pela UNESCO no início de 2015, constitui-se como uma ferramenta educativa fundamental para fomentar a educação para a paz, especificamente através da promoção da proteção e compreensão do património submerso. Ao tomarmos a iniciativa de traduzir este Manual para Português, quisemos torna-lo acessível a todas as escolas e instituições educativas, em Portugal, e nos países de língua oficial portuguesa, fornecendo informações sobre abordagens pedagógicas da educação para a paz e a memória, especialmente, no âmbito do património cultural subaquático.

Ana Martinho
Embaixadora

Presidente da Comissão Nacional da UNESCO

Introdução

De 2014 a 2018, a UNESCO vai evocar o Centenário da Primeira Guerra Mundial. Esta será uma altura para relembrar todas as gerações da importância da paz, e para educar sobre o impacto da guerra, sobretudo através da educação baseada na compreensão do património cultural da Primeira Guerra Mundial.

A ‘guerra no mar’ - incluindo as batalhas navais e as atividades dos U-boats - foi uma componente importante que fez parte da Primeira Guerra Mundial. O património cultural subaquático desta guerra permite à humanidade compreender quão devastadoras são as consequências humanas da guerra, e encorajar todas as pessoas a envidarem esforços para preservar uma paz duradoura. O património recorda-nos que existe a necessidade de reconciliação e entendimento, e de todas as nações conviverem pacificamente.

Durante o Centenário da Primeira Guerra Mundial, as escolas e as instituições educativas serão encorajadas a realçarem diferentes aspetos da Primeira Guerra Mundial. Isto poderá ser conseguido de várias formas: uma visita de estudo a um museu marítimo, uma exposição temporária sobre um determinado aspeto da Grande Guerra, uma visita a um local de evocação, a leitura de poesia sobre a Grande Guerra no âmbito de cursos de línguas, uma visita virtual na Internet a um navio naufragado da Primeira Guerra Mundial, etc., a lista não é limitada. Todas estas atividades ajudam a aumentar o interesse dos alunos e a melhorar a sua compreensão através da criação de oportunidades para conhecer os diversos rostos da guerra, da paz e da reconciliação.

No entanto, poderá surgir o momento que todos os professores enfrentam frequentemente. Participar numa atividade entusiasmante ou comovente é bastante diferente de transformar estas experiências de aprendizagem num projeto pedagógico exequível, mensurável e sustentável, que também se adegue aos resultados finais ou transdisciplinares.

Este Manual do Professor apresenta ao profissional educativo as ferramentas necessárias para moldar este processo.

Os principais objetivos desta publicação são:

- fornecer conteúdos sobre o património cultural subaquático relacionado com a Primeira Guerra Mundial, e incorporar este tema no plano de aulas sobre direitos e responsabilidades humanas, o uso e abuso de poder, a resolução de conflitos, a compreensão intercultural, e a sensibilização para o património cultural, etc.;
- fornecer informação adicional sobre a abordagem pedagógica da educação para a paz e memória;

- desenvolver a confiança dos professores na abordagem de temas sobre o patrimônio cultural subaquático, e a sua importância para a paz, a memória e a reconciliação;
- ajudar os professores na integração eficaz de iniciativas locais do Centenário da Primeira Guerra Mundial e patrimônio cultural subaquático no programa curricular;
- fornecer aos professores atividades de aprendizagem, exemplos de boas práticas, sugestões e exemplos de ensino que estimulem a evocação da Primeira Guerra Mundial através do exemplo do patrimônio cultural subaquático, e que estimulem também reflexões inovadoras sobre a paz, a reconciliação, os direitos humanos e a tolerância nos dias de hoje.

O manual é constituído por quatro capítulos e três anexos. Cada parte tem uma cor específica.

O patrimônio cultural subaquático da Primeira Guerra Mundial e a Convenção de 2001 da UNESCO

O primeiro capítulo fornece informação contextual sobre o patrimônio cultural subaquático da Primeira Guerra Mundial e a Convenção da UNESCO sobre a Proteção do Patrimônio Cultural Subaquático. Também é explicada a componente marítima da Primeira Guerra Mundial e as várias ameaças que o mundo atual acarreta para o patrimônio. Expõe os pilares temáticos da Convenção da UNESCO, como a proteção do patrimônio e a cooperação entre Estados. Finalmente, estabelece a relação entre o objeto da Convenção, o patrimônio submerso, e a educação para a reconciliação e a paz. Os materiais de apoio a este capítulo estão incluídos no Anexo II.

Educação para a paz e o patrimônio: por onde começar?

O segundo capítulo oferece um enquadramento para os professores que pretendam organizar um projeto. Este capítulo pode ser aplicado ao patrimônio cultural subaquático, mas também a outros domínios da educação para o patrimônio e a paz. Os itens abordados neste capítulo incluem: as motivações de um projeto, os objetivos pedagógicos, o processo de ensino e as perspetivas educativas.

Pontos de avaliação para a educação para a paz através do patrimônio

O terceiro capítulo fornece conselhos para assegurar que os projetos têm elevada qualidade. Os pontos de avaliação são: (1) Saber e conhecimento, (2) Empatia e solidariedade, e (3) Reflexão e ação. São apresentadas pistas de ensino, opções e exemplos de boas práticas, e são indicadas as limitações de ensino.

Educar para um futuro melhor

Este quarto capítulo oferece às escolas dez alicerces para desenvolverem a educação para o património, a paz e a reconciliação. O conteúdo é ilustrado através de pistas e exemplos baseados no património cultural subaquático.

ANEXO I – A UNESCO e a educação para a paz

O Anexo I diz respeito à génese e ao funcionamento das Nações Unidas e da sua agência especializada, a UNESCO, na perspetiva do crescente interesse na educação para a paz e o património.

ANEXO II – O património cultural subaquático da Primeira Guerra Mundial

Este anexo contém dados e informação contextual relativa ao património cultural subaquático da Primeira Guerra Mundial. Apresenta também uma visão geral dos encontros navais mais importantes, de alguns navios naufragados relevantes encontrados in situ, e uma lista de museus que possuem uma seleção de vestígios de património cultural subaquático da Primeira Guerra Mundial.

ANEXO III – Exemplos de planos de aula

No final deste manual, são apresentados diversos planos de aula que poderão servir de inspiração para desenvolver atividades educativas adicionais. Os planos de aula mostram como determinadas escolas têm moldado os seus processos pedagógicos.

I. O património cultural subaquático da Primeira Guerra Mundial e a Convenção de 2001 da UNESCO

‘Uma vez que as guerras começam nas mentes dos homens, é nas mentes dos homens que devem ser erguidos os baluartes da paz’, afirma a constituição da UNESCO. A proteção e a partilha do nosso património são essenciais para fomentar a compreensão mútua e um conhecimento mais perfeito das vidas uns dos outros. A nossa história e o nosso património fazem parte de quem somos. São componentes preponderantes das nossas identidades, e fornecem formas de nos definirmos a nós próprios como grupos sociais na interação com outros grupos e com o ambiente. Ao recordarmos e compreendermos o nosso passado, adquirimos orientação para o nosso futuro. A história e o património criado por essa história influenciam a forma como evoluímos e como transmitimos o conhecimento às gerações futuras. Fornecem a base da tradição, dos valores e do respeito mútuo.

O Centenário da Primeira Guerra Mundial proporciona uma oportunidade única para utilizar o património no âmbito da educação para a paz e a reconciliação, sobretudo o património cultural subaquático único daquela época.

O património do mundo como alicerce do caminho para a paz

O mundo atual enfrenta o desafio de unir povos na partilha de uma coexistência pacífica numa escala sem precedentes. O património cultural do mundo é constituído pelos vestígios dos eventos mais bonitos, mas também mais trágicos da história da humanidade, e a compreensão e a partilha deste património podem ser uma poderosa força unificadora.

A ideia de estabelecer um movimento internacional para a proteção do património comum da humanidade foi mencionada pela primeira vez depois da Primeira Guerra Mundial, sob os auspícios da Liga das Nações. Foi mais tarde inscrita no mandato da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Na década de 1960, a UNESCO organizou uma campanha internacional para ajudar o Egito e o Sudão a salvarem os templos núbios da cheia iminente que seria provocada pela construção da barragem de Assuão no rio Nilo. A campanha mobilizou a comunidade internacional para o património cultural e a responsabilidade comum na sua preservação.

Um passo importante no sentido da preservação do património foi a Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural, adotada pela Conferência Geral da UNESCO em 1972, mais conhecida como a Convenção do Património Mundial. A

sua Lista de Património inclui, desde julho de 2015, 1.031 sítios de património cultural e natural de valor universal excepcional, localizados em terra ou no mar. Além disso, a UNESCO começou a designar obras-primas de Património Oral e Imaterial da Humanidade, e criou uma Lista de Património Imaterial. Esta iniciativa irá ajudar a preservar a cultura tradicional e popular.

O património cultural subaquático do mundo é protegido especificamente ao abrigo da Convenção da UNESCO sobre a Proteção de Património Cultural Subaquático, adotada em 2001 pela Conferência Geral da UNESCO.¹

A proteção de todas as formas de património ajuda-nos a compreender os vários aspetos da história, levando assim à paz e ao entendimento. Alguns sítios de património desempenharam um papel na guerra e no conseqüente apelo à paz, como o campo de concentração de Auschwitz-Birkenau, o Memorial da Paz de Hiroshima, a ponte em Mostar na Bósnia e Herzegovina, ou a frota afundada no Atol de Bikini. Existem outros elementos de património que fazem parte das mais belas criações da natureza e da humanidade. O património é o ingrediente indispensável da identidade e do desenvolvimento de cada indivíduo, de cada sociedade e do mundo no seu conjunto.

Uma grande parte do nosso património comum, os vestígios das ações, dos habitats e dos encontros humanos, encontra-se, atualmente, em locais submersos por mares, rios ou lagos. Os conflitos navais provocaram o naufrágio de navios e frotas, deixando intocados nas profundezas testemunhos importantes e extensos do nosso passado.

O património cultural subaquático da Primeira Guerra Mundial

O Centenário da Primeira Guerra Mundial dá um nosso impulso à compreensão e proteção do património cultural subaquático desta guerra. Também realça a posição única e a importância da Convenção da UNESCO sobre a Proteção do Património Cultural Subaquático. A Convenção afirma que ‘todos os vestígios da existência humana que tenham um carácter cultural, histórico ou arqueológico, e que tenham ficado parcial ou totalmente submersos, de forma periódica ou contínua, durante pelo menos 100 anos são considerados património cultural subaquático. Assim, durante a evocação do Centenário da Primeira Guerra Mundial, 2014-2018, todos os navios naufragados como consequência de eventos que ocorreram durante a Primeira Guerra Mundial ficarão protegidos ao abrigo da Convenção.

1 A Convenção entrou em vigor a 2 de janeiro de 2009 e celebrou o seu 10º aniversário no final de 2011 com uma conferência científica em Bruxelas. Atualmente, em agosto de 2015, 51 Estados ratificaram a Convenção e um crescente número de outros Estados estão a considerar aderir.

A Primeira Guerra Mundial teve uma importante componente marítima?

Apesar da maioria das batalhas da Primeira Guerra Mundial ter sido travada em terra, a guerra no mar foi significativa, sobretudo devido ao impacto social da guerra submarina.

Durante o período da ‘corrida para o mar’ (*course à la mer*) no início da Guerra, ambos os lados aumentaram a dimensão das suas frotas, e a tentativa britânica de bloquear os portos submarinos de Zeebrugge e Oostende provocou a inundação de Westhoek. Houve uma grande quantidade de importantes ações navais em todo o mundo, como as Batalhas de Coronel e das Ilhas Falkland no final de 1914, a Campanha de Galípoli em 1915, que tinha como objetivo manter a ligação ao Mar Negro ou conquistar Istambul, e a Batalha da Jutlândia em 1916.

No entanto, os efeitos da guerra submarina entre os Impérios Britânico e Alemão no canal ao longo da Costa Australiana, foram os mais marcantes devido à escassez de matérias-primas e bens de primeira necessidade, fome e doença que vitimou a população civil. Finalmente, o cansaço da guerra impulsionado por estas circunstâncias, leva ao motim da Armada Imperial em Kiel, um dos elementos que provocaram a queda do Reich Alemão.

Que património submerso resta da Primeira Guerra Mundial?

Este manual inclui um Anexo com uma visão geral do património submerso da Primeira Guerra Mundial. No entanto, não é uma lista exaustiva, uma vez que muitos dos sítios ainda não foram registados ou investigados.



Balsa II, Canakkale
Seddulbahir
© Harun Özdas

A Campanha de Galípoli (Çanakkale Savaşı) desenrolou-se na península de Galípoli, que fazia parte do Império Otomano (agora chamada Gelibolu, na atual Turquia), entre 25 de abril de 1915 e 9 de janeiro de 1916. Foi montada uma operação conjunta do Reino Unido e da França para conquistar a capital otomana de Constantinopla (atual Istambul) e assegurar uma rota marítima para a Rússia. A tentativa de fazer desembarcar as tropas dos navios de transporte falhou, provocando um grande número de baixas em ambos os lados. A campanha foi considerada uma das maiores vitórias dos turcos e vista como um dos maiores fracassos dos Aliados.

Recentemente, um projeto turco-australiano, ‘Beneath Gallipoli’, fez um levantamento da baía de Suvla, palco de

uma das maiores batalhas, e revelou que o mar preservou o que poderá ser o melhor sítio arqueológico relacionado com esta campanha. Debaixo das ondas, encontraram relíquias, incluindo diversos couraçados, assim como os restos evocadores das barças de aço utilizadas para abastecer as tropas, e para transportar e retirar os mortos e feridos das praias.

Encontra-se este património submerso ameaçado?

Apesar da grande participação naval durante a Primeira Guerra Mundial, a componente marítima do seu património arqueológico corre o risco de ser esquecida, e os seus vestígios estão ameaçados, uma vez que estão desprotegidos. É este o resultado da pouca sensibilização do público relativamente a este património, devido à sua localização no fundo do oceano. Além disso, como consequência da ignorância, e por vezes da procura do lucro, este património é tratado de forma negligente. Os navios naufragados são desmantelados e destruídos sem registo, investigação ou consulta do Estado de bandeira em questão. Os metais de baixa irradiação e as cargas supostamente valiosas atraem caçadores de tesouros que, no decurso da obtenção do material, destroem não só os contextos arqueológicos, mas também os túmulos de guerra.

Além disso, muitos mergulhadores visitam os navios afundados no âmbito do que, eufemisticamente, podemos apelidar de ‘caça à recordação’. Em grandes camadas da população, ainda existe uma grande falta de compreensão do significado histórico destes sítios e da necessidade de os respeitar. O impacto da caça à recordação também se deve ao facto de os navios naufragados da Primeira Guerra Mundial serem mais fáceis de encontrar do que navios mais antigos, que geralmente estão enterrados debaixo de várias camadas de sedimentos, ou deteriorados e irreconhecíveis.

Desta forma, a memória coletiva, não só da Primeira Guerra Mundial, mas de ambas as Guerras Mundiais (uma vez que os sítios da Segunda Guerra Mundial e de outros conflitos do século XX partilham o mesmo destino) está a desaparecer aos poucos. Agora que as últimas testemunhas oculares da Primeira Guerra Mundial desapareceram, a importância do património enquanto ponto de referência físico aumentou, uma vez que é a última testemunha direta desta fase crucial da história mundial.

Felizmente, cada vez mais os países que estiveram envolvidos na Primeira e Segunda Guerras Mundiais aderem à Convenção da UNESCO sobre a Proteção do Património Cultural Subaquático, e assim promovem de forma proativa a proteção do património submerso. No entanto, também é essencial mostrar o valor histórico e educativo destes sítios, e sensibilizar o público para o seu significado, sobretudo junto dos jovens. A mensagem que estes sítios transmitem é importante não só para os cientistas, mas para toda a humanidade.

Para obter mais informação, consulte o Anexo deste Manual.

A proteção ao abrigo da Convenção de 2001

O principal objetivo da Convenção da UNESCO sobre a Proteção do Património Cultural Subaquático é proteger este património para o bem da humanidade. A Convenção contém princípios éticos, regulamentos sobre a cooperação entre Estados, e regras para a proteção jurídica. O seu Anexo contém diretrizes científicas para a arqueologia. A Convenção encoraja vivamente a educação e o acesso aos sítios.

A Convenção considera que a principal ameaça aos sítios arqueológicos submersos são os saqueadores e as empresas especializadas na localização e recuperação de ‘tesouros’ arqueológicos para vender com fins lucrativos. Ao procederem desta forma, estes grupos ignoram de forma consciente que este património pertence à memória coletiva da humanidade e que deve ser ‘experienciado’ por todos. Atualmente, estima-se que 98% do leito marinho se encontra acessível a atividades que vão desde a caça à recordação, às atividades de recuperação em grande escala que se concentram em sítios que poderão ter até 750.000 artefactos. Estas atividades fazem com que a adesão universal dos Estados à Convenção seja de uma urgência premente. A Convenção proíbe a venda, a disseminação ilegal e a exploração comercial do património cultural subaquático, e estipula sanções e medidas para a apreensão.

Além disso, a Convenção inclui disposições sobre as atividades que, apesar de não estarem direcionadas para o património cultural, têm um impacto indireto no mesmo. Segundo a Convenção, os Estados Partes envidarão esforços, conforme os seus meios, para proteger o património deste tipo de atividades e para mitigar qualquer impacto. Apesar de não serem enumeradas, as medidas protetoras poderão incluir a proibição ou limitação de atividades de dragagem, de recuperação de minerais, as atividades de construção, ou o uso de redes de arrasto nas imediações de sítios de património. Por exemplo, devido ao impacto das redes de arrasto que têm passado pelo casco, o naufragado Lusitania não se encontra tão bem preservado como o Titanic.

As medidas protetoras referidas pela Convenção aplicam-se ao património cultural presente em zonas sob a alçada da jurisdição do Estado Parte em questão. No entanto, também se estendem a todas as águas do mundo através da jurisdição de cada Estado Parte relativamente aos seus cidadãos e aos navios que arvoem o seu pavilhão, e são aplicadas através da cooperação com outros Estados.

Para além da proteção, a cooperação entre Estados é a ideia central da Convenção da UNESCO. A ratificação permite aos Estados aderirem a um ‘club’ de Estados empenhados na proteção do património cultural subaquático, e interessados no apoio mútuo

para atingirem desse objetivo. Esta cooperação pode assumir diversas formas, incluindo a cooperação entre Estados para proteger sítios em águas internacionais. Para um Estado celebrar formalmente uma cooperação com outro Estado em águas internacionais com a ajuda do Diretor-Geral da UNESCO, deverá ser demonstrada uma ‘ligação verificável’ ao património cultural em questão. Habitualmente, os Estados são encorajados a celebrarem acordos bilaterais.

O último, mas não menos importante, pilar da Convenção é a orientação da investigação científica.

Conforme a Convenção realça, a primeira opção na proteção do património cultural subaquático é preservar o património no seu local original. Se tal proteção *in situ* for impossível ou indesejável, o património cultural subaquático poderá ser recuperado no interesse da ciência ou do público, mas nunca no interesse da caça ao tesouro ou do comércio. Qualquer intervenção direcionada para o património cultural subaquático, quer seja para simples documentação ou para recuperação, deverá cumprir as Regras acrescentadas à Convenção sob a forma de Anexo. Estas Regras não diferem substancialmente das normas de investigação arqueológica terrestre, mas, pelo contrário, fornecem um texto de referência. São, portanto, muito estimadas pelos arqueólogos.

A Convenção não regula a propriedade ou alteração de jurisdição no mar, mas é totalmente aplicável a navios naufragados que arvore o pavilhão de um Estado, incluindo muitos navios naufragados da Primeira Guerra Mundial.

Os Estados Partes da Convenção reúnem-se pelo menos duas vezes por ano, e a Convenção tem um Órgão Consultivo Científico e Técnico com doze membros que ajuda os Estados-Membros a implementarem a Convenção.

Para obter mais informação sobre a Convenção de 2001, pode consultar o site da UNESCO: www.unesco.org/en/underwater-cultural-heritage.

A mensagem do património cultural subaquático da Primeira Guerra Mundial para a educação

O património cultural subaquático da Primeira Guerra Mundial tem, até à data, sido pouco visível, pouco investigado e pouco compreendido. A história naval escrita sobre a Primeira Guerra Mundial conta-nos as batalhas, as estratégias, as tecnologias e o poder, mas os sítios dos navios naufragados, que também encerram os restos mortais de milhares de soldados que pereceram durante a guerra, contam-nos uma história tragicamente diferente. Muitos dos navios naufragados são túmulos. Ao contarem a tragédia humana da guerra através de cada história, estes relatos e os sítios de património são um apelo à paz e

à reconciliação. A forma como a história é ensinada nas escolas foi estabelecida ao longo de muitos anos em cada um dos países que esteve envolvido na Primeira Guerra Mundial. A narrativa histórica do património cultural subaquático da guerra é, no entanto, relativamente recente.

Proporciona a oportunidade de desenvolver uma nova abordagem e a possibilidade de aprofundar o entendimento cultural, promovendo as oportunidades de educação e diálogo para a paz.

A história humana do nosso património cultural subaquático permite às nações distanciarem-se das vitórias e das derrotas do passado. Compreender a guerra e o seu efeito nos povos e no património pode ajudar a fomentar a paz e a reconciliação. Ao partilharem o seu património cultural subaquático, estas nações podem aceitar a parte comum das suas identidades. A tolerância, o respeito e a compaixão para com diferentes culturas, incluindo antigos inimigos, é uma forma de fomentar a paz.

O património cultural subaquático da Primeira Guerra Mundial cria a oportunidade de uma perspectiva mais inclusiva na educação em todo o mundo, reconhecendo outras culturas e experiências.²



Balsa em Galípoli © Mark Spencer

2 As 'Diretrizes sobre a Educação Intercultural' da UNESCO realçam que a educação intercultural é um conceito dinâmico que se centra nas relações em constante evolução entre diferentes grupos culturais, assim como 'a possibilidade de gerar expressões culturais comuns através do diálogo e do respeito mútuo'. Diretrizes sobre a Educação Intercultural da UNESCO, (<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001478/147878e.pdf>).

Eu gosto do património cultural subaquático porque protege as memórias para todos, e ninguém pode reivindicar propriedade de um navio naufragado, porque é de todos.

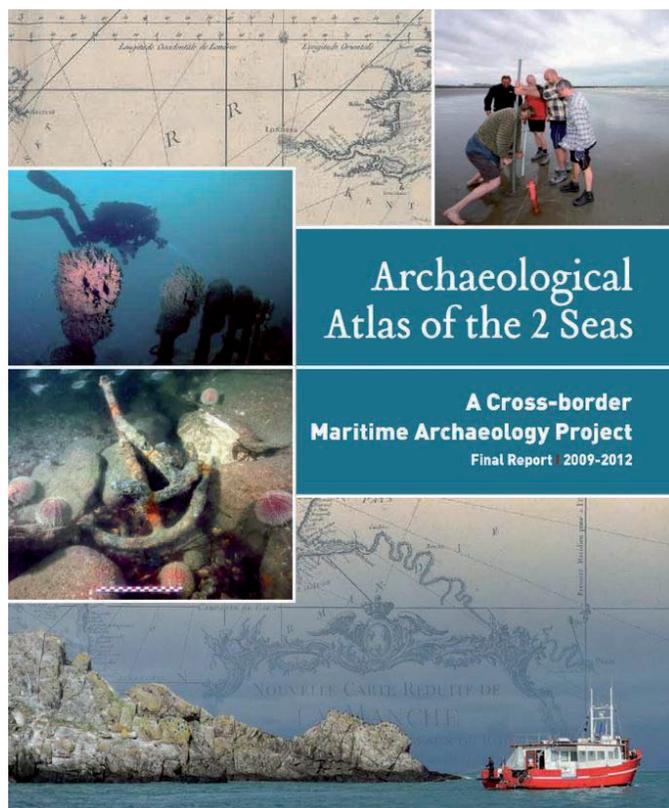
Jonathan, 12

pe Prática de ensino

- ▶ Os alunos conhecem a história marítima e o essencial sobre a arqueologia subaquática, e demonstram a capacidade de integrar, sintetizar e aplicar esta informação para chegar a conclusões fundamentadas.

‘O Misterioso Navio Naufragado’ – Um projeto escolar marítimo além-fronteiras

O mar liga povos e nações, e a interpretação dos eventos navais permite-nos aprender com o nosso passado coletivo para construirmos um futuro mais sólido. A iniciativa internacional ‘Atlas of the 2 Seas’ criou uma base de dados on-line dos navios naufragados que



Capa do relatório final do ‘Atlas of the 2 seas project’ que contém uma descrição detalhada do ‘O Misterioso Navio Naufragado’ – Um projeto escolar marítimo além fronteiras. http://www.maritimearchaeologytrust.org/uploads/publications/FINAL%20REPORT%20A2S%20Project_EN_LD.pdf

tem investigado. Pode ser usada para criar novas relações entre escolas em toda a União Europeia.

Entre 2009 e 2012, arqueólogos de França, do Reino Unido, da Bélgica e dos Países Baixos estudaram mais de 150 sítios arqueológicos subaquáticos e recolheram informação de fontes primárias e dos arquivos nacionais.

Três dos países que participaram tiveram uma escola que cooperou com o projeto: a Toynbee School em Hampshire, Inglaterra; a Collège Diwan em Guissény, França; e a Sint-Bernarduscollege em Nieuwpoort, Bélgica. Os sessenta e dois alunos e nove professores envolvidos no projeto tiveram uma formação introdutória sobre história e arqueologia marítima, e descobriram como o património cultural subaquático se enquadra nos cursos e nos programas escolares nacionais tradicionais.

Através da geminação eletrónica, as três escolas trabalharam em conjunto no projeto interativo, '*O Misterioso Navio Naufragado*'. O projeto começou com um cenário em que tinha sido descoberta uma anomalia no leito marinho durante uma investigação geofísica. De seguida, foram chamados mergulhadores para investigarem a anomalia. A partir desse momento, os alunos assumiram o papel de arqueólogos marítimos, começando por um mergulho virtual. Através de sessões guiadas, e com a ajuda de materiais educativos, os alunos conseguiram participar naquilo que seria uma busca arqueológica e histórica incredivelmente interessante. O projeto foi incluído no programa escolar em cada um dos três países participantes. No Reino Unido e na Bélgica, as sessões do projeto decorreram após o horário escolar ou nos intervalos de almoço. Em França, o projeto foi integrado nas aulas de língua bretã.

Os alunos acabaram por identificar o 'misterioso navio naufragado' como um navio a vapor belga, construído e lançado em Inglaterra em 1911. A 12 de março de 1918, o navio foi fretado pelo governo francês e saiu de Calais em direção a Bristol. O navio estava armado com um canhão e tinha 25 pessoas a bordo, incluindo pelo menos 12 belgas, 3 russos, 2 neerlandeses, 2 bretões, um sueco, e um norueguês. A 13 de março de 1918, por volta das 2h da manhã, o navio foi atingido por um torpedo de um U-boat alemão. A tripulação abandonou o navio, mas apenas sobreviveram 13 pessoas: morreram 11 marinheiros no decurso de uma explosão, afogados ou de hipotermia. Enquanto os sobreviventes estavam nos botes salva-vidas, conseguiram vislumbrar o submarino alemão, que voltou a submergir por volta das 2h30 da manhã. A história do navio naufragado - cujo nome não será aqui revelado devido à possibilidade de outros projetos - demonstra claramente que existe uma herança comum da guerra, que resulta da história marítima partilhada pelos países participantes.

Nas palavras de apenas alguns professores:

‘O projeto ilustrou a história comum da Inglaterra, França e Bélgica; um tema que queremos desenvolver mais na nossa escola’ – professor francês

‘Penso que esta é uma ótima oportunidade para envolver os alunos e tirar partido das ligações transdisciplinares na escola’ – professor inglês

‘Uma experiência muito positiva, na qual sem dúvida valeu a pena participar’ – professor belga

Para obter mais informação, consulte:

www.atlas2seas.eu/

<http://schools.maritimearchaeologytrust.org/a2mysterywreckworkshop>

<http://schools.maritimearchaeologytrust.org/maritimebus>

Ensino do património cultural subaquático: a memória e a paz



Certo dia o diretor depara-se com uma pergunta peculiar: ‘A escola estaria interessada em ter uma placa com os nomes dos oito antigos alunos que morreram no mar durante a Primeira Guerra Mundial?’

A placa tinha sido salva do lixo por um membro da sociedade histórica local.

Foi no início de um projeto em que diversos alunos realizaram uma pesquisa de documentação sobre as vidas das pessoas que faleceram. Esta pesquisa deu-lhes a conhecer eventos dramáticos dessa época.

A apresentação do seu projeto foi utilizada para lançar uma reflexão anual sobre a construção da paz.

Os navios naufragados, as instalações costeiras, os memoriais e os abrigos são alguns dos muitos vestígios materiais da Primeira Guerra Mundial. Em conjunto com os museus, as tradições e os testemunhos pessoais escritos, formam a última ponte entre o passado e o presente, uma vez que já não existem testemunhas diretas. Evocam momentos dramáticos do passado para gerações futuras.

No entanto, o património é mais do que simplesmente as relíquias materiais do passado. É algo que faz parte da nossa identidade. Faz parte da nossa particularidade e molda a nossa relação com o mundo atual. Assim, a comunidade nacional e internacional tem vindo a considerar que o património é intrinsecamente significativo. Existem diversos atores que atribuem valor aos sítios de património, incluindo comunidades locais, associações, jovens, profissionais do património, artistas, jornalistas, e políticos.

A educação desempenha um papel importante na nossa perceção e valorização do património, mas também na nossa resposta ao mesmo. A educação afeta todos os futuros cidadãos. Na escola, as crianças aprendem mais do que simplesmente línguas e matemática. Também aprendem o que são a paz, o respeito e a tolerância. Aprendem a trabalhar em conjunto. Ficam a conhecer o seu passado, quem são e como isso se relaciona com o mundo em que vivem. Para além de dar um futuro a cada criança, a educação contribui para a construção do futuro do país e da comunidade internacional. A história, o património e o passado desempenham um papel importante na garantia de um futuro seguro e pacífico.

! Uma característica específica da educação para a memória através do património é o seu ponto de partida - a memória do passado. No entanto, é o objetivo que é verdadeiramente importante. Não estudamos o passado apenas para o conhecer ou compreender. O estudo do passado refere-se principalmente ao que com ele podemos aprender, a fim de melhorar o futuro.

O património cultural subaquático da Primeira Guerra Mundial oferece um testemunho único do passado. Uma vez que tem permanecido largamente invisível, e é raramente estudado, este património proporciona a oportunidade de combinar descobertas científicas e curiosidade educativa com mensagens educativas sobre paz. Muitos dos navios naufragados são túmulos que encerram os corpos de inúmeros soldados que foram arrancados aos seus entes queridos, congelados no tempo nas profundezas gélidas. São a última morada de jovens soldados que em tempos acalentaram sonhos de um futuro cheio de esperança. Consequentemente, este património cultural subaquático é um testemunho histórico que devemos respeitar. Os restos que o mar oculta não são apenas sítios arqueológicos, que preservam os vestígios da vida quotidiana a bordo e dos vislumbres da sociedade do passado, também transmitem mensagens de vida e lições de história que se aplicam à nossa época. Ao interpretar o seu significado num contexto histórico, os alunos são encorajados a refletirem de forma crítica sobre o significado do sítio arqueológico, e também sobre a guerra e a paz no geral. O estudo da guerra sensibiliza as mentes das pessoas e ajuda-as a compreenderem o valor da paz.



Alunas a trabalharem num projeto de paz sobre o património cultural subaquático.
© Istvan Leel-Össy, cortesia do Departamento de Educação do Município da Antuérpia

Podemos ensinar a importância da memória através do património a partir de três perspetivas:

- (1) **Saber e conhecimento**
- (2) **Empatia e solidariedade**
- (3) **Reflexão e ação**

Estas três perspetivas podem ser vistas como objetivos e plataformas educativas.

O ‘saber e o conhecimento’ são essenciais para um bom começo. Quando exploramos os aspetos da Primeira Guerra Mundial e do património cultural subaquático com os alunos, fazemo-lo com uma atitude neutra para com a informação histórica e científica. Sem saber e conhecimento, a ‘empatia e a solidariedade’, e a ‘reflexão e a ação’ não têm qualquer significado, e existe o risco de nos rendermos a uma abordagem mítica ou nacionalista do passado.

No entanto, o saber e o conhecimento só por si também não chegam. Se só analisarmos os factos, o passado será apenas algo que aconteceu fora do contexto das vidas dos alunos, numa era muito distante. A ‘empatia e a solidariedade’ permitem-nos questionar o passado segundo o potencial humano ou o impossível. Esta questão é de natureza antropológica e é sempre relevante.

Sem oportunidades para aplicar o que aprendemos através da ‘reflexão e ação’, o ‘saber e o conhecimento’ e a ‘empatia e a solidariedade’ serão sempre superficiais. Ou seja, precisamos de concentrar o processo educativo no mundo em que vivemos e na sociedade contemporânea, quer a nível nacional como a nível global. Devemos perspetivar sempre um futuro melhor. Olhando para o passado, quais são os alicerces de que precisamos para a paz? Esta publicação tem uma seção à parte dedicada a esta questão.

“Imagine que não existiam navios naufragados, como divulgaríamos a mensagem de paz sem exemplos?
Catarina, 12



Âncoras oferecidas ao museu Strandingsmuseum por pescadores locais. Coleção do museu Strandingsmuseum St George, na Dinamarca © Dirk Timmermans, cortesia da Associação das Nações Unidas da Flandres.

II. Educação para a paz e o património: por onde começar?

‘Sabem a última novidade’, diz a Bárbara, enquanto acena com um panfleto, ‘o centro cultural vai abrir uma nova exposição temporária sobre a Primeira Guerra Mundial. Sabiam que foram afundados dois navios por um U-boat alemão aqui ao largo da nossa costa?’

‘A Bárbara tem sempre coisas interessantes para nos contar’, diz o João na brincadeira. Vira-se para o resto da sala dos professores e diz, ‘por isso é que já não temos de ler o jornal, temos a Bárbara.’

A Bárbara não fica desencorajada com o comentário. ‘Bem, não é uma exposição qualquer. Por exemplo, têm fragmentos de diários de alguns dos marinheiros. Falam do seu dia-a-dia, do sofrimento, da perda e da ansiedade. É verdadeiramente comovente. E há uma grande componente interativa, até podemos fazer um mergulho virtual aos navios naufragados.’

O Hugo intervém, ‘E qual é objetivo disso?’

‘Suponho que seja a crítica histórica’, diz o João. ‘A descrição de um navio naufragado poderá nem sempre ser um reflexo puro e inalterado de uma época da história. Existem diversos fatores externos antes, durante e depois do naufrágio que podem sujeitar o navio e a sua história a várias alterações.’

‘Está bem, colega’, diz a Laura, atraída pela conversa. ‘Mas o colega é professor de história. Eu sou professora de educação física, e falo com os meus alunos sobre o que devem fazer em campo. Eles não estão interessados em falar do que aconteceu há centenas de anos. Estão interessados é em saber como interagem uns com os outros hoje em dia. Por exemplo, o bullying é algo que os preocupa. Podem ter reações muito emotivas relativamente a incidentes recentes na nossa escola.’

‘Sim, e tem precisamente a ver com isso’, responde a Bárbara. ‘É uma oportunidade para aprender com a história, sobre como é que uma comunidade lida com os conflitos. Até podemos debater com os alunos as diferenças entre o bullying e outras formas de conflito social.’

‘Está bem’, diz o Hugo, ‘Estou a ver qual é o objetivo. Mas isso aplica-se a mim? Quer dizer...à matemática.’

‘Sim, Hugo’, respondem todos em conjunto, ‘sem a mãe de todas as ciências não somos nada!’

Esta é uma conversa normal numa sala de professores que poderá ser o início de um projeto incrível para a escola. Imaginemos que a Bárbara contacta o departamento educativo do museu local, e convence os colegas que seria bom para os alunos, e para a escola no geral, participarem num projeto interdisciplinar sobre a educação para a paz através do exemplo do património cultural subaquático.

Tal como o Hugo, o professor de matemática, contou mais tarde a um jornalista do jornal local: ‘No início estava cético, mas de repente apercebi-me que a matemática fornece ferramentas que podem ser utilizadas para resolver problemas no nosso mundo. A resolução de problemas é uma parte importante da pedagogia da matemática.’

! Durante a evocação do centenário, a comunidade docente será desafiada a prestar atenção a estes diferentes aspetos da Primeira Guerra Mundial. Sentir-se-ão mais dispostos a centrar-se na educação para a paz. No entanto, a educação para a paz requer conhecimentos específicos - conhecimentos para implementar projetos que sejam bem-sucedidos e sólidos. Neste capítulo, vamos apresentar um enquadramento que poderá ajudar. Apesar de não ser a única possibilidade, o objetivo é fornecer uma orientação inicial.

Enquadramento para um projeto sobre educação para a paz através da compreensão do património:

1. Legitimação: qual é a motivação do projeto?
2. Objetivo de ensino: o que é que pretendemos alcançar?
3. Projeto de ensino: como é que podemos atingir o(s) nosso(s) objetivo(s)?
 - a) Conhecimento: que conhecimentos devemos transmitir?
 - b) Atitude: que valores devemos transmitir?
 - c) Competências: que competências devemos ensinar?
4. Perspetivas: que perspetivas positivas podemos oferecer?

Legitimação

Antes de começar um projeto, os professores deverão identificar porque é que o projeto é necessário, e de que forma será vantajoso fazer uso do património. A resposta a esta questão será diferente para cada escola. Uma das escolas, por exemplo, decidiu legitimar o projeto em resposta a diversos incidentes relacionados com o bullying. Uma exposição temporária sobre um incidente local da Primeira Guerra Mundial foi a razão subjacente para utilizar a história para aprender como uma comunidade lida com os conflitos.

Os temas que são apresentados e a forma como são tratados depende da situação e variam consoante a escola, o bairro, e a comunidade. Uma escola com crianças desfavorecidas numa zona metropolitana tem interesses diferentes de uma escola situada num bairro residencial rico. Além disso, surgem muitas diferenças numa só escola, incluindo diferenças na população e nos seus contextos. Claro que também é importante ter em conta se a região tem alguma ligação ao mar ou alguma tradição marítima.

Assim, para dar início ao projeto deverá colocar as seguintes perguntas: Qual é a composição da turma? O que é que os alunos e os pais consideram mais importante? Que tipo de valores é que os nossos jovens consideram importantes, e de que forma é que estão relacionados com os nossos valores? Como é que decidimos que projeto queremos desenvolver? Qual é a ligação que a região tem ao património cultural subaquático ou à Primeira Guerra Mundial?



A escultura 'Non-Violence' ('Knotted Gun') do artista sueco Carl Fredrik Reuterswärd em exibição na sede da ONU em Nova Iorque. © Rick Bajornas/Foto da ONU

O Objetivo de Ensino

O objetivo de ensino responde à pergunta: 'O que é que pretendemos alcançar?' Depois de definirmos o ponto de partida (i.e. a legitimação ou motivação), centramo-nos no destino. Ao organizarmos um projeto sobre o património cultural subaquático e a Primeira Guerra Mundial, queremos ensinar não só o respeito pelo património, mas também

refletir sobre como podemos criar uma sociedade melhor, baseada na compreensão e partilha desse patrimônio. Como resultado final do projeto, o professor espera melhorar a sociedade e a atitude que os jovens têm para com o seu futuro.

As escolas não têm de responder sozinhas a estas perguntas. Ao longo deste manual para professores, existem diversos exemplos e referências.

! Ao reconhecer o patrimônio das Primeira e Segunda Guerras Mundiais, a comunidade docente espera encorajar as pessoas a respeitarem-se mutuamente e a trabalharem pela reconciliação, independentemente da nacionalidade ou do contexto social. A exploração e a reflexão sobre os navios naufragados da Primeira Guerra Mundial irá abranger diversas disciplinas da educação, como a história, a geografia, a ciência, a ética, e muitas mais. Logo, pode ser incluído no programa curricular como uma atividade interdisciplinar.

O Projeto de Ensino

Assim que o objetivo for identificado, a questão que surge é como avançar. O verbo ‘aprender’ tem muitos significados: saber, reconhecer, experienciar, descobrir e responder. A teoria de ensino estabelece três níveis de aprendizagem:

- **O saber e o conhecimento** estão relacionados com o verbo ‘SABER’
- **A competência** está relacionada com o verbo ‘CONSEGUIR’
- **A atitude**, ou maneira, está relacionada com o verbo ‘QUERER’

Saber e conhecimento: que conhecimentos devemos transmitir?

Existem diversas questões que são importantes para a educação para a paz. Para o projeto em questão, é importante transmitir informação neutra sobre o passado, o seu patrimônio e a sua importância. No entanto, também é crucial transmitir os resultados dessa história, como os tratados internacionais, o desenvolvimento das Nações Unidas, e o poder que a partilha do patrimônio tem na promoção da reconciliação. Consequentemente, os alunos também podem debater a prevenção de conflitos, o patrimônio, a cultura e a diversidade, o direito internacional, as Nações Unidas, assim como a paz e a reconciliação.

! Explore o que as crianças sabem através de uma conversa normal.

Compreender o que aconteceu

Uma equipa de mergulhadores britânicos ficou radiante depois de descobrir um submarino britânico da Primeira Guerra Mundial, o *J6*, que tinha permanecido escondido no leito marinho ao largo da costa norte do Reino Unido durante 93 anos. No entanto, a descoberta foi marcada pela tristeza, quando desvendaram os segredos trágicos que o navio encerrava. O *J6* foi afundado por outro navio britânico num incidente de fogo amigo a 15 de outubro de 1918, apenas um mês antes do fim da guerra. O submarino tinha acabado de sair de Blyth quando foi detetado por um Q-boat armado, o *Cymric*, pensando que o *J6* era um navio alemão e abriu fogo, afundando o submarino e matando 15 marinheiros. Uma vez que o evento esteve classificado como secreto durante 75 anos, a história só foi desvendada recentemente.

O mergulhador Steven Slater disse: ‘Ficámos bastante chocados com uma descoberta tão importante que a história tinha esquecido. Primeiro ficámos eufóricos e depois apercebemo-nos do que tinha acontecido. No caso dos submarinos é pior, porque estamos a nadar por perto e a pensar que ainda há marinheiros no seu interior.’

Os mergulhadores trataram o submarino com o máximo de respeito, não entraram nem retiraram nada.

Competências: que competências devemos ensinar?

Cada vez mais escolas se apercebem que as competências desempenham um papel importante na educação. A educação para a paz envolve diversas competências:

- A comunicação, incluindo a capacidade de ouvir e refletir;
- A colaboração;
- A imaginação, a empatia e o perdão;
- O pensamento crítico e a capacidade de resolver problemas;
- A mediação, a negociação e a resolução de conflitos;
- A paciência e o autocontrolo;
- A responsabilidade no geral e a responsabilidade cívica;
- A liderança e a visão.

! Assegure-se que integra competências suficientes no processo de aprendizagem.

Comportamento ou atitude: que valores devemos transmitir?

Quer seja de propósito ou por acaso, os professores devem ensinar normas e valores aos seus alunos; por exemplo, relativamente à forma como as pessoas interagem, a forma como as regras escolares são aplicadas, e relativamente ao método de aprendizagem aplicado. Os seguintes valores e atitudes são importantes para a educação para a paz:

- Autorespeito e tolerância;
- Respeito pela dignidade e diversidade humanas;
- Capacidade de sentir empatia;
- Atitude não violenta e abertura à reconciliação;
- Responsabilidade e solidariedade sociais, e abertura ao mundo;
- Respeito pela cultura e pelo património.



Que valores quer transmitir e como é que pode transmitir esses valores na escola?

Perspetivas positivas

No contexto da prevenção da deterioração de problemas existentes através da educação para a paz, corremos o risco de formular de forma negativa os objetivos educativos. Esta é uma limitação que está particularmente presente quando abordamos a guerra e a paz. Quando procuramos evitar ou melhorar uma situação, damos destaque aos aspetos desumanos e problemáticos da nossa sociedade global.

A questão é mais visível, por exemplo, relativamente a conceitos como a ‘educação anti-discriminação’ ou a ‘educação antiracista’. De certa forma, o carácter ‘anti’ faz sentido de um ponto de vista de legitimação social, mas implica o ensino de limitações devido aos aspetos morais subjacentes e ao ponto de partida negativo que dá origem ao projeto. Consequentemente, devemos perguntar-nos se as pessoas conseguem aprender a contribuir para uma sociedade mais humana se só estudarem os eventos desumanos da nossa história e do nosso presente.

O processo de ensino pretende desafiar os alunos a questionarem-se sobre eventos históricos e atuais. Não pretende suscitar medos ou apreensões. Assim, é extraordinariamente importante realçar as iniciativas e resultados positivos que ocorreram na sequência de eventos históricos negativos, como a Primeira Guerra Mundial, e apresentar perspetivas sobre como melhorar a atual situação mundial. Todos os problemas, grandes ou pequenos, têm uma solução positiva. Pensar nestas perspetivas é uma parte integrante do processo de ensino.

Por exemplo, o património cultural e natural é inerentemente positivo. Abrange sítios e locais de que as pessoas gostam e aos quais têm uma ligação emocional. Por isso, a abordagem mais adequada para dar início a um projeto educativo será a análise de um sítio de património.

! Defina os seus objetivos a partir de uma perspetiva positiva. Assegure-se que se mantém fiel a estes objetivos positivos durante todo o processo, e ajuste o que for necessário.

O Conselho de Segurança das Nações Unidas realça a importância da reconciliação durante o debate sobre 'A Guerra e a Busca de uma Paz Duradoura'.

Centro Noticioso da ONU, 29 de janeiro de 2014 – A cessação dos combates não põe necessariamente fim a um conflito, foi o que disse hoje um alto representante político ao Conselho de Segurança, falando em pormenor das formas como a Organização tem desenvolvido uma abordagem mais sistemática da reconciliação, em particular após os conflitos dentro de Estados. ‘Como já testemunhámos diversas vezes, os combates que cessam sem reconciliação - sobretudo dentro dos Estados - são combates, que podem, e frequentemente é o que se verifica, ser facilmente retomados’, disse o Secretário-Geral Adjunto das Nações Unidas para os Assuntos Políticos, Jeffrey Feltman.



Jeffrey Feltman, Secretário-Geral Adjunto das Nações Unidas para os Assuntos Políticos, perante o Conselho de Segurança. © Mark Garten/ Foto da ONU.

Jeffrey Feltman disse ao Conselho de Segurança que apesar da ONU ter fórmulas há muito testadas para separar exércitos, ajudar as pessoas carenciadas, promulgar roteiros políticos, e reconstruir estradas e ministérios, ‘temo-nos centrado menos na nossa capacidade de recuperar a confiança nas sociedades e fomentar uma reconciliação genuína’. Assim, o corpo mundial e as suas principais instituições deverão refletir sobre: ‘Como é que podemos reparar o tecido social de forma a que as pessoas voltem a olhar os seus adversários nos olhos e vejam um ser humano e não um inimigo?’

O Sr. Feltman está entre os mais de 50 oradores agendados para participarem no debate do Conselho de Segurança sobre ‘A guerra, as suas lições, e a busca de uma paz permanente’.

Jeffrey Feltman realçou que a reconciliação, que pode ser encorajada e tornada possível pela comunidade internacional, tem de vir de processos internos, e mencionou a importância de estabelecer um repositório da ONU de conhecimentos e experiências comparativas sobre a reconciliação. Acrescentou ainda que são os atores nacionais os responsáveis pela reconciliação, com a ajuda da comunidade internacional.

‘Os líderes devem dar o exemplo, não só pondo fim à retórica dos tempos de guerra e à promoção internacional de ressentimentos, mas também através da cooperação genuína e da análise honesta dos seus papéis nos conflitos’, disse o Sr. Feltman.

Falando do papel dos jovens, que por crescerem num ambiente pós-guerra muitas vezes se transformam em adultos mais radicais do que os seus pais, Jeffrey Feltman realçou a importância de trabalhar com pais e professores para desenvolver um programa de história que abranja diferentes interpretações dos conflitos.

‘Isto poderá ser o início do desenvolvimento de uma narrativa comum e da criação de pontos de convergência nas experiências e no pensamento das pessoas’, referiu o Sr. Feltman.

Também realçou os conflitos na República Centro-Africana, no Sudão do Sul e na Síria, em que o tão necessário fim físico da guerra não irá produzir uma paz e segurança duradouras. O Sr. Feltman louvou alguns exemplos positivos, como a recente conclusão do Diálogo Nacional no Iémen, que fez parte do acordo de transição política do país. Além disso, realçou que a reconciliação não pode substituir a justiça, mas que o contrário também é verdade, como mostram os exemplos da antiga Jugoslávia e do Ruanda em que os julgamentos internacionais não conseguem substituir a reconciliação nacional.

Sugestão de exercício para os alunos

Organize um debate sobre a reconciliação usando os exemplos do naufrágio do *Lusitania* e do *Gustloff*, ou da destruição de Coventry, Dresden ou Hiroshima.

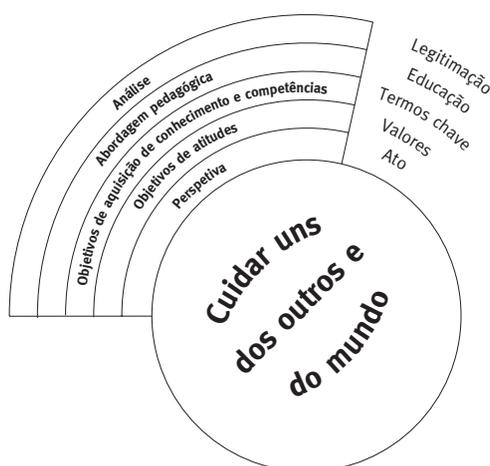
Quão importante é a reconciliação para a construção da paz e para a preservação da paz? A reconciliação é possível? O que é a reconciliação, e como é que a sociedade e os indivíduos reagem à questão da reconciliação?

Neste contexto, qual é o significado do Centenário da Primeira Guerra Mundial? Porque é que evocamos a guerra passados 100 anos? A evocação muda a forma como compreendemos o presente ou o futuro, ou até mesmo o valor que atribuímos ao passado?

Modelo do Plano de Projeto

No esquema abaixo, encontrará um modelo (Diagrama 1) através do qual poderá visualizar o plano do seu projeto.

Diagrama 1



Para desenvolver um projeto, a equipa da escola deverá começar por proceder a uma **Análise** minuciosa ou uma avaliação realista da escola e da **Legitimação**. Em que tipos de aprendizagem é que a escola se irá centrar nos próximos anos? Que questões é que a escola deverá abordar e como é que as irá abordar em um ou vários projetos? Quais são as motivações para os alunos?

Ao explorarem um sítio arqueológico subaquático da Primeira Guerra Mundial em diferentes disciplinas, e refletirem sobre este aspeto pouco conhecido do passado, os alunos são estimulados a pensarem nas possibilidades que temos, atualmente, de criar um mundo pacífico. No entanto, o professor deverá ter presente que todos os projetos têm as suas limitações. É um desafio motivar os alunos a debaterem temas como a história e a paz. No entanto, através do diálogo e de uma atmosfera de participação ativa, conseguimos rapidamente encontrar assuntos com os que os jovens se identifiquem. Os temas que os alunos consideram interessantes nem sempre correspondem aos temas que o professor tem em mente. Um simples levantamento sobre os temas em que os alunos pensam e pelos quais se interessam pode fornecer muita informação sobre a opinião dos jovens relativamente a um futuro pacífico.

Depois da legitimação do projeto ter sido identificada, a **Abordagem Pedagógica** irá de-

terminar o planeamento e os métodos do projeto de ensino. Nesta fase, a equipa da escola será confrontada com muitas questões. Estas questões obrigam-nos a pensar nos Termos Chave e nos Valores subjacentes ao projeto de ensino.

Em que disciplinas é que queremos integrar o projeto? Será que o projeto pode ser integrado num projeto escolar global? Que ONGs lidam com estes temas específicos e será que as suas abordagens vão de encontro às políticas pedagógicas da nossa escola? Que objetivos é que queremos alcançar? Que conceitos chave é que queremos desenvolver? Existem outros projetos na nossa escola que abordem os mesmos conceitos chave? O tema de preservação do património suscita debates sobre valores. Como é que lidamos com estes valores na escola ou na sala de aula, tanto implícita como explicitamente? Existem diferenças interculturais relativamente à perceção destes valores?

Acima de tudo, é importante apresentar uma **Perspetiva** positiva que respeite os diferentes valores que poderão ser atribuídos à preservação de sítios de património.

Conforme mencionado, a educação para a paz começa com perguntas: perguntas para os alunos, para os professores e para a escola. Apesar dos pontos centrais (a legitimação) dos diversos tipos de educação para a paz poderem variar, quanto mais nos aproximamos da essência do processo pedagógico, mais facilmente vemos as ligações a outros temas. As fronteiras entre os diferentes tipos de educação para a paz e o património vão-se desvanecendo, e surgem cada vez mais pontos comuns. Alguns dos objetivos de conhecimentos e de competências identificados também são abordados em outras áreas da educação.

Diagrama 2



Recomendamos que não se esqueça da legitimação escolhida, mas que também tenha em atenção as congruências e a forma como os conceitos chave se refletem no programa escolar. No que diz respeito a este aspeto, também podemos ter em consideração o ‘programa escondido’ da escola, um termo que faz alusão aos valores, aos hábitos, às opiniões e às ideologias presentes na escola, e que têm um impacto nos alunos.

Desta forma, os professores conseguirão estabelecer, de forma bem-sucedida, políticas sobre a educação para a paz e o património no seio da escola. Assim, a educação para a paz e o património transforma-se num enquadramento transversal ou pandisciplinar presente nas diferentes disciplinas e organizações interdisciplinares. Este programa comum para a paz possibilita a transformação de crianças em adultos capazes de participarem em debates democráticos e conscientes dos desafios sociais. Isto não só para desenvolver os seus conhecimentos sobre história, mas também para munir-los de boas capacidades para interpretarem os problemas contemporâneos e as zonas de conflito - perto de casa, ou até mesmo na escola, ou noutra local - e atribuir-lhes um contexto humano, social e histórico.



Alunas do Holstebro Gymnasium a explorarem uma maquete de um submarino durante uma sessão educativa. A maquete foi construída em 1920 por Erich Schumde e sobreviveu ao bombardeamento de Stettin (Polónia) durante a Segunda Guerra Mundial. © Tommy Bay/ Strandringsmuseum St George.

“ Paz significa amor, amizade, carinho e proteção. É raro as pessoas darem-se ao trabalho de serem pacíficas.

Catarina, Portugal, 12

III. Pontos de avaliação para a educação para a paz através do património

Este capítulo fornece informação mais detalhada sobre como organizar um encontro com o património cultural subaquático da Primeira Guerra Mundial. Esta abordagem também poderá ser aplicada aos diversos navios e aviões naufragados da Segunda Guerra Mundial, ou de outros conflitos.

Para cada ponto, é explicado o que se pretende transmitir com (1) saber e conhecimento, (2) empatia e compromisso e (3) reflexão e ação. As limitações de ensino são reconhecidas, e são fornecidas diversas opções de ensino assim como pistas para cada ponto. Por uma questão de clareza, as três partes são apresentadas separadamente. No entanto, na prática nunca são rigidamente separadas.

‘A educação para a memória significa desenvolver uma atitude de respeito ativo na sociedade atual através da memória coletiva do sofrimento humano que foi provocado por comportamentos humanos como a guerra, a intolerância ou a exploração, e que não pode ser esquecido.’

A educação para a memória, conforme descrita pelo Comité Especial da Educação para a Memória, encomendado pelo Departamento de Educação Flamengo.



Cemitério Tyne Cot © Westtoer

O Comité Especial da Educação para a Memória desenvolveu ‘Pedras de Toque para a Educação para a Memória’, uma diretriz sobre atividades de ensino relacionadas com as ambas as Guerras Mundiais e com outros conflitos mais recentes. Este documento inspirou o governo da Flandres Ocidental a não só concretizar as ‘pedras de toque’, mas também a unir todas as iniciativas relacionadas com a Primeira Guerra Mundial com uma rede da província chamada ‘Guerra e Paz nos Campos da Flandres’. A Flandres Ocidental é a província mais a oeste da Região Flamengo, localizada no centro da antiga frente



War Balloon, navio a vapor (de carga) © Nicolas Job

ocidental na Flandres, na Bélgica. Esta rede é apoiada por parceiros na região dos ‘Campos da Flandres’, com museus, associações, comités locais e outros. No período que antecede o Centenário da Primeira Guerra Mundial, a rede está a centrar-se no tema ‘Aprender com a Guerra’. É importante ajustar a história da Guerra a uma memória justificada e a uma mensagem de paz. Os pontos de avaliação apresentados

neste manual são, entre outros aspetos, inspirados nas iniciativas mencionadas.

Para obter mais informação, consulte:

<http://www.herinneringseducatie.be/toetssteen/>



Saber e conhecimento

Conhecimento sobre o contexto histórico do património cultural subaquático

Abordagem pedagógica

O conhecimento é indispensável para a educação para a paz através do património. De facto, a educação para a paz pretende ajudar os alunos a adquirirem conhecimentos sobre um contexto histórico específico; ou seja, um contexto com determinantes económicas, políticas, sociais e culturais, e em que é possível identificar diversos processos, mecanismos e estratégias. Também pretende fornecer informação sobre o património resultante de uma época específica e a sua importância.

le Limitações de ensino

A informação sobre o passado nem sempre está historicamente correta ou disponível na totalidade.¹ Aliás, as histórias contadas pelas pessoas, ou pelos livros, são frequentemente tendenciosas. Consequentemente, é importante ter em atenção a fiabilidade das fontes. Saber qual a fonte, onde e porque é que a informação foi registada.

A língua também pode ser enganadora: tenha o cuidado de utilizar a expressão certa no sítio certo! A ‘Alemanha’ e ‘Inglaterra’ não participaram nas batalhas da Primeira Guerra Mundial. As partes envolvidas foram o Império Alemão e o Império Britânico (incluindo as ex-colónias da África e da Ásia).

Existem vários problemas associados ao processo de atualização da história. No entanto, isto não quer dizer que os projetos de história devem evitar a questão da relevância atual. Provavelmente a mensagem mais importante de qualquer projeto de história é que a história não fornece respostas inequívocas e prontas. Neste aspeto, sem dúvida que não nos podemos esquecer do papel da propaganda e da informação tendenciosa. Muitas das vezes, a história é escrita pelos vencedores. Neste contexto, o contributo da arqueologia subaquática pode ser decisivo, e pode ilustrar esta distorção das fontes de factos.

de Pista de ensino

O *Lusitania*

O naufrágio do RMS *Lusitania* foi um dos piores desastres no mar, e provavelmente o desastre com maior influência histórica da Primeira Guerra Mundial, e é frequentemente citado como o segundo navio naufragado mais conhecido, a seguir ao *Titanic*. O *Lusitania* era um navio transatlântico britânico que, por breves momentos, foi o maior navio do mundo. Com o rebentar da guerra em 1914, foi utilizado como navio armado, mas revelou-se inadequado e foi autorizado a retomar a função de transporte de passageiros desde que transportasse também carga para o governo.

O Império Alemão tinha declarado os mares à volta do Reino Unido, que na altura ainda incluía a Irlanda, uma zona de guerra sem restrições, e os passageiros nos EUA foram avisados para não viajarem no *Lusitania*. A embaixada alemã em Washington até distribuiu um aviso alertando os passageiros para o facto de o navio atravessar uma zona de guerra.

1 Para obter um exemplo mais detalhado, consulte o Anexo II (Património Cultural Subaquático da Primeira Guerra Mundial) – O património ameaçado da Jutlândia – um projeto sobre submarinos de Innes McCartney.

Na tarde de 7 maio de 1914, o Lusitania foi atingido por torpedos disparados por um U-boat alemão a 11 milhas da costa sul da Irlanda, e afundou-se levando consigo 1.198 vidas. A perda de 128 cidadãos dos EUA que iam a bordo, foi uma das principais razões que precipitou a declaração de guerra por parte dos EUA ao Império Alemão, em 1917.

Sugestão de exercício para os alunos

O naufrágio do *Lusitania* provocou a morte de civis, incluindo famílias e crianças que nada tinham a ver com a guerra ou as suas estratégias.

- Descreva a última viagem do Lusitania, a situação da época e o aviso recebido.
- Foi correto transportar munições num navio de passageiros e permitir que o navio prosseguisse viagem apesar do aviso expresso?
- Qual era a situação dos passageiros?
- Compare esta situação com os dois incidentes posteriores do Baralong.
- Compare esta situação com as situações de conflitos atuais e as nossas respostas aos mesmos.

Pista de ensino

O património cultural subaquático proporciona a oportunidade de envolver os alunos num exercício de crítica histórica.

A descrição de um navio naufragado e do tipo de vida da sua tripulação, nem sempre será o reflexo puro e inalterado de uma época histórica, mas sim de um ambiente e circunstâncias específicas. Existem diversos fatores externos antes, durante, e depois do naufrágio que podem sujeitar a compreensão do navio e da sua história a várias alterações. Consequentemente, as conclusões sobre eventos históricos tiradas com base em sítios arqueológicos subaquáticos, ou nas nossas interpretações do passado, resultantes da análise de navios naufragados deverão, tal como qualquer testemunho de um evento, ser abordadas com cuidado.²

Por exemplo, é possível que alguns dos bens tenham sido atirados borda fora para tentar reduzir o peso e melhorar a estabilidade do navio dada a hipótese de um naufrágio catastrófico. Estes objetos poderão nem sequer estar nas imediações do navio naufragado. Noutros casos, como o do *Lusitania*, os navios foram deliberadamente alterados após o naufrágio.

2 Martin Gibbs, 2006, 'Cultural Site Formation Progress in Maritime Archaeology: Disaster Response, Salvage and Muckelroy 30 Years On', *The International Journal of Nautical Archaeology*.

O naufrágio em si é frequentemente uma experiência involuntariamente angustiante, em que as pessoas não procedem de forma racional. Os estudos mostram que são poucos os marinheiros que são capazes de reagir de forma rápida e eficiente a este tipo de desastres. As decisões que são tomadas nestas alturas nem sempre são racionais e podem influenciar a situação e o ambiente em que o navio naufragado acaba por ser encontrado. Após o acidente, também poderão ocorrer fenómenos naturais como marés e tempestades que possivelmente terão um impacto negativo na preservação do navio naufragado.

Além disso, os testemunhos dos sobreviventes são frequente e extraordinariamente influenciados pelo caráter traumatizante da experiência que tiveram. O contar da história da



RMS Titanic, fotografado em junho de 2004. O RMS Titanic está localizado a cerca de 600 km a sul-sudeste da costa de Terra Nova, e a uma profundidade de 3.800 m. © NOAA



© Frank Leloire, Associação ANGES, www.plongee-anges.com

catástrofe pode adquirir muitas formas. Por vezes, tem apenas um objetivo terapêutico, outras vezes pode servir para explicar as decisões tomadas, ou ser até uma chamada de atenção. Desta forma, a narrativa poderá até adquirir proporções míticas. Por exemplo, a maioria dos mitos sobre o *Titanic* parece persistir na memória das pessoas de forma particularmente insistente.

Refletir sobre a recriação dos factos de um evento é um exercício interessante para a sala de aula, que mostra como a nossa perspetiva do passado pode ser perturbada por diversos incidentes e coincidências. Pode ser adquirida muita informação através das agências locais ou nacionais de património.

oe Opções de ensino

Os filmes ou documentários históricos sobre a Primeira Guerra Mundial são um meio bastante utilizado na educação. Cada vez mais professores consideram que os média são uma fonte importante de saber, conhecimento e sensibilização. No entanto, esta tendência vem acompanhada de um apelo ainda maior ao desenvolvimento da ‘literacia histórico-cinematográfica’ em crianças. Espera-se que tais competências os ajudem a adotar uma atitude crítica e consciente relativamente ao meio, assim como relativamente à relação entre factos e ficção. Por exemplo, um filme de Hollywood, sobretudo se for sobre conflitos, não reflete a verdade histórica.

Para obter mais informação sobre Educação para os Média, consulte:

UNESCO: *Media and Information Literacy* [Online] Disponível em:

<http://www.unesco.org/new/en/communication-and-information/media-development/media-literacy/> [Acedido a 24 de setembro de 2014]



Arquivos da Sede abertos no Dia do Património Audiovisual Declarado pela UNESCO.
© Ryan Brown/
Foto da ONU



Eu gosto do património cultural subaquático porque faz com que as pessoas pensem no passado e perguntem: porque é que este navio está no fundo do mar?

Roberto, El Salvador, 12

Processos e mecanismos

ap Abordagem pedagógica

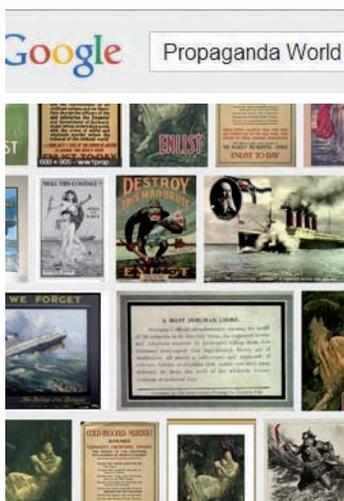
Os processos de guerra e as estratégias de propaganda não ocorrem num vazio histórico. São parcialmente determinados e moldados pelo contexto em que emergem. Ao longo da história, têm adquirido diferentes formas. Os processos atuais poderão ser semelhantes aos mecanismos do passado, mas também serão inevitavelmente diferentes devido à alteração de contexto. O passado nunca se irá repetir exatamente da mesma forma. Os alunos deverão ter a oportunidade de adquirirem não só um entendimento aprofundado do contexto histórico, mas também de observarem as semelhanças e as diferenças, e identificarem possíveis relações.

le Limitações de ensino

Ao estudar a Primeira Guerra Mundial, corremos o risco de nos perdermos numa sequência de datas e pormenores. Tente fazer com a história seja o mais simples possível, centrando-se nos processos e nos mecanismos que atualmente têm valor. Por exemplo, qual foi o impacto da propaganda no recrutamento de marinheiros? Em que medida é que a propaganda influencia os contextos políticos atuais? Como é que o naufrágio foi relatado nos diferentes meios de comunicação?

de Pista de ensino

A Primeira Guerra Mundial foi, desde o início, uma guerra de propaganda. Com o aumento dos meios de comunicação no final do século dezanove, os políticos aperceberam-se que a capacidade de influenciar as massas poderia ser extraordinariamente importante para o desenvolvimento da guerra. O principal meio de comunicação era a imprensa escrita, juntamente com os posters, os comunicados do governo, os filmes e os noticiários.



No caso das escolas secundárias, poderá ser interessante os alunos compararem os posters da Primeira Guerra Mundial de diferentes países, assim como analisarem a relação entre as notícias sobre os conflitos.

A Google e o logotipo da Google são marcas registadas da Google Inc., usadas mediante autorização.



Notícias nos Estados Unidos após o naufrágio do Lusitania. Washington Post, 31 de maio de 1915.

tos navais, incluindo o naufrágio de navios, e destes posters de propaganda. Uma simples pesquisa no Google apresenta vários posters de propaganda da Primeira Guerra Mundial. Pequenos grupos de alunos deverão escolher alguns posters e analisar o seu conteúdo. O American Social History Project Center for Media and Learning fornece uma inspiradora Ficha de Análise de Poster.³

pe Prática de ensino

► Os alunos deverão desenvolver as competências técnicas e as capacidades que lhes permitam organizar os elementos visuais para comunicar informação sobre o património cultural subaquático da Primeira Guerra Mundial.

A Escola Secundária Municipal de Cadix é uma escola de arte e design localizada perto do porto de Antuérpia num bairro que vai buscar o seu nome à cidade portuária espanhola de Cadiz. Como consequência do dialeto local, o nome do bairro acabou por ser alterado para Cadix. Com esta relação em mente, não foi preciso muito para convencer a escola a desenvolver um projeto de educação para a paz através do património cultural subaquático e a Primeira Guerra Mundial. O assunto foi debatido e analisado num contexto histórico, no decurso de diversas aulas de educação geral, e incluiu uma reflexão sobre as mensagens que os alunos queriam partilhar com os seus pares. Também desafiaram os colegas dos departamentos de fotografia e design gráfico a promoverem e transmitirem as

3 American Social History Project – Center for Media and Learning, 'Propaganda Poster Analysis Work-sheet' [Online] Disponível em: <http://herb.asp.cuny.edu/items/show/1827> (Acedido a 30 de abril de 2014).

suas mensagens de paz através da criação de um conjunto contemporâneo de posters de ‘propaganda’.



3 posters criados pelo departamento de arte da Escola Secundária Municipal de Cadix © Escolas Municipais da Cidade de Antuérpia – Foto de Jan Landau.

de Pista de ensino

Na publicação, *The Great War and the Sea*,⁴ Alfons Staelens reconta a sua experiência na Grande Guerra enquanto uma criança de oito anos numa aldeia costeira na Bélgica. Ir à escola, não era uma certeza, uma vez que os professores tinham fugido ou estavam na frente a combater. As crianças eram obrigadas a manterem os diques sem areia - e depois veio a fome. Era frequente as crianças recolherem moluscos às escondidas para pelo menos terem qualquer coisa para comer.

Ainda atualmente, existem muitas crianças vítimas da guerra, algures no mundo. Os alunos podem recolher exemplos. Atualmente, como é que abordamos esta questão? Temos as ferramentas necessárias para proteger de forma mais eficaz as crianças em zonas de conflito?

oe Opções de ensino

Algumas crianças experienciaram a guerra em primeira mão. Fugiram de zonas de guerra e encontraram refúgio em países de acolhimento. Algumas dessas crianças têm dificuldade em falar das suas experiências. O apoio psicológico para crianças que viveram no meio de

4 P. Deschoolmeester, 2013, ‘Sea Feeling’, *The Great War and the Sea*. N.º especial 36, novembro, p. 103, Oostende: Vliz.

um conflito armado é um dos direitos básicos consagrado pela Convenção dos Direitos da Criança das Nações Unidas (Artigo 39).⁵

Os educadores que abordam temas que estabelecem uma relação entre o passado e o presente deverão ter em consideração as experiências destas crianças. Em alguns casos, poderá ser benéfico envolver as experiências destas crianças no tema abordado na aula.

Prática de ensino

- Os alunos reconhecem e articulam as questões éticas e sociais que fazem parte da história da própria escola, relativamente à Primeira Guerra Mundial.

A escola Royal IBIS School em Bredene, perto da cidade costeira de Oostende na Bélgica, é uma escola única, e não apenas devido ao seu uniforme característico com motivos marítimos. Foi fundada pelo Príncipe Alberto da Bélgica em 1906 para fornecer educação e formação aos órfãos que foram criados no ambiente da indústria das pescas. Ao longo dos anos, este internato foi-se transformando num porto de abrigo e num ambiente de aprendizagem estimulante para jovens dos 6 aos 16 anos que vinham de contextos sociais complicados. Rodeada por água, com infraestruturas modernas e ao pé da praia, a IBIS proporciona um lar e uma educação (quer seja ensino primário ou ensino secundário marítimo), a um máximo de 110 rapazes.

Para obter mais informação, consulte:

www.ibisschool.be

Quando a Primeira Guerra Mundial rebentou, a escola decidiu que não era seguro para as crianças ficarem na Flandres. A 13 de outubro de 1914 – no dia antes de os alemães conquistarem Oostende – o pessoal da IBIS, juntamente com 20 alunos que tinham ficado para trás, embarcaram na *IBIS V* (0.75) e na *IBIS VI* (0.76), duas traineiras a vapor que iam em direção a Milford Haven no País de Gales, no Reino Unido. Foi aí, na escola secundária local, que o pessoal e os alunos se refugiaram. Durante toda a guerra, Milford Haven foi o refúgio mais importante para a IBIS.

Em dezembro de 1918, a *IBIS VI* foi o primeiro barco de pesca a atracar no porto de Oostende após a Guerra. O barco foi escoltado pelas forças armadas, e abastecido com peixe como presente dos armadores belgas de Milford Haven para o povo faminto de Oostende.

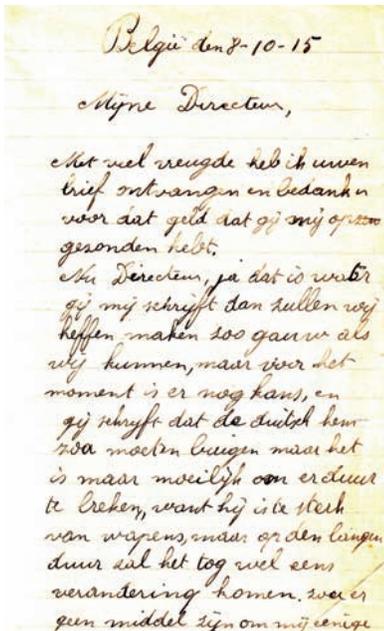
5 Artigo 39: Os Estados Partes deverão tomar todas as medidas apropriadas para promover a recuperação física e psicológica e a reintegração social de uma criança que foi vítima de: qualquer forma de negligência, exploração ou abuso; tortura ou qualquer outra forma de tratamento ou castigo desumano ou degradante; ou conflitos armados. Tal recuperação e reintegração deverão ocorrer num ambiente que fomente a saúde, a autoestima e a dignidade da criança.



Alunos da escola 'Royal IBIS School' a prestarem homenagem a Bernard De Koninck.

© Royal IBIS School.

Os vastos arquivos da IBIS incluem cerca de 30 cartas escritas por um dos antigos alunos da escola, Bernard De Koninck. Enquanto órfãos, tanto o Bernard como o seu irmão entraram na IBIS em 1907. Depois de adquirir a sua formação, o Bernard tornou-se navegador. Em 1915, entrou no exército como voluntário. Durante a Guerra, escreveu cartas ao único 'familiar' que lhe restava, o diretor da IBIS. O Bernard morreu em combate em setembro de 1918. Todos os anos, a escola organiza um memorial no local do seu túmulo e um concerto para a paz. A IBIS também planeia organizar um programa de intercâmbio de alunos com uma escola no País de Gales em que 20 rapazes se refugiaram durante a guerra.



Fragmento de uma carta

Bélgica, 8 de outubro de 1915

Caríssimo diretor,

Fiquei muito feliz por receber a sua carta, e quero agradecer-lhe o dinheiro que me enviou. Aquilo que o diretor disse é verdade: vamos conseguir assim que for possível. Mencionou que os alemães terão de ceder em breve, mas é muito difícil quebrar as suas defesas - as suas armas são extraordinariamente fortes. Mas penso que a longo prazo as coisas vão mudar...



Precisamos de proteger os navios naufragados e as cidades afundadas porque existiram e ainda não desapareceram necessariamente. Porquê vermo-nos livres de algo que literalmente decidiu ficar?

Ayan, França, 12

História versus memória coletiva

ap Abordagem pedagógica

O ideal será a verdade histórica coincidir, na sua maioria, com o que nos é transmitido pela memória coletiva. No entanto, nem sempre é assim. A história deveria basear-se numa análise e interpretação neutras das fontes e dos factos. Pelo contrário, a memória coletiva é influenciada por diferentes fatores: políticos, sociais, ideológicos, etc. Consequentemente, a memória coletiva poderá apenas ter em conta os factos históricos que servem um determinado objetivo social ou político. Deste ponto de vista, é interessante analisar como determinado assunto é recordado atualmente, e quais as razões subjacentes. Este processo de sensibilização desempenha um papel importante na educação para a memória através do património cultural.

le Limitações de ensino

A busca para descobrir as experiências e as rotinas das gerações anteriores enriqueceu a nossa consciência histórica. No entanto, qualquer facto pode ser visto de diversas formas, uma vez que o passado é polifónico. A investigação histórica não deverá aceitar a parcialidade do contemporâneo, deverá transcendê-la!

de Pista de ensino

Existem vários locais onde os alunos podem realizar uma busca dos vestígios da guerra relacionados com o património cultural subaquático, como locais evocativos, museus com exposições de património cultural subaquático, cemitérios navais, ou até estátuas e monumentos relevantes. Tais visitas podem ser particularmente valiosas se não nos esquecermos dos seguintes aspetos:

- Saber o que esperar: visite o local com antecedência e tente vê-lo através dos olhos de um jovem.
- Defina com antecedência os objetivos a atingir com a visita deste local.

- Transmita aos seus alunos a natureza excepcional destes locais de memória. Tenha cuidado para não criar expectativas pouco realistas. Por vezes, antes da visita, os alunos têm a ideia de que irão experienciar uma catarse intensa, e depois ficam ‘desiludidos’ com a realidade.
- Tenha em atenção que os locais evocativos nunca contam apenas uma história; são locais onde inúmeras memórias coletivas se reúnem. Realce a neutralidade, e a mensagem positiva de eventos passados e da reconciliação. Dê às crianças a oportunidade de terem em consideração todas as facetas da história.

Exemplo dos navios naufragados da Jutlândia

Um exemplo revelador são os restos afundados da Batalha da Jutlândia, na Dinamarca. A batalha foi travada entre as duas marinhas mais poderosas da época: a Grã-Bretanha e o Reich Alemão. Foram vários os navios que se afundaram, e que levaram consigo tripulações e carga. Já muito foi dito sobre a importância política desta batalha, a sua relevância estratégica e sobre as toneladas de metal que se afundaram. A vitória e as perdas foram utilizadas como propaganda e nos relatos divulgados. No entanto, são poucas as histórias sobre a batalha que falam da dimensão do sacrifício humano. Quem eram as pessoas que morreram nestes navios? O que sentiram por estarem no mar envolvidos numa batalha feroz e mortal?

Já houve alguns arqueólogos subaquáticos que visitaram os navios afundados que travaram esta batalha. Durante esses mergulhos, descobriram os corpos de jovens soldados ainda vestidos e calçados com os seus uniformes. Aquilo que antes eram apenas números e estratégias transformaram-se em mortos, alguns deles adolescentes que partiram para nunca mais voltarem.

! O Museu Strandingsmuseum, em Thorsminde, na Jutlândia na Dinamarca, apresenta a história da costa oeste da Jutlândia, incluindo eventos históricos e do quotidiano. As suas coleções também incluem artefactos de navios que naufragaram na Batalha da Jutlândia.

O museu tem diferentes relíquias do SM-U20, o submarino que disparou os torpedos que afundaram o RMS Lusitania a 7 de maio de 1915. O submarino deu à praia em Vrist, a norte de Thorsminde, a 4 de novembro de 1916, levado por correntes e incapaz de navegar no denso nevoeiro. Os alemães enviaram navios para salvar o U-boat, mas a tentativa falhou e a tripulação foi forçada a abandonar o submarino. Durante o incidente, uma



Museu Strandingsmuseum St George, em Thorsminde, na Dinamarca © Dirk Timmermans, cortesia da Associação das Nações Unidas da Flandres.

equipa de salvamento dinamarquesa perguntou ao comandante, Walther Schwieger, se precisavam de ajuda, mas ele recusou. Em terra, o rumor do naufrágio do U-boat alemão espalhou-se rapidamente – e um jornalista de uma cidade vizinha relatou ‘que os carros e as bicicletas tinham desaparecido, porque as pessoas queriam ir ver “o tubarão dos mares” atolado nos bancos de areia’. Por volta do meio-dia, o comandante alemão avisou as cerca de 500 pessoas que estavam na praia que deveriam sair do local, e lentamente estas foram-se retirando, escondendo-se atrás das dunas. Os alemães tentaram destruir o U-boat com explosivos e alguns dos destroços chegaram à praia - felizmente ninguém foi atingido.

Após a guerra, o submarino permaneceu na praia e coube às autoridades dinamarquesas assegurarem que o U-boat e o seu armamento não seriam utilizados para fins bélicos. Em 1925, foi feita uma segunda tentativa para fazer explodir o submarino, desta vez por parte das autoridades dinamarquesas. Desde 1954 que existem registos de mergulhadores que se aventuram à procura de metais valiosos do submarino no leito marinho; posteriormente, em 1993, um clube de mergulho local elaborou um relatório sobre as condições do submarino e revelou que havia artefactos importantes no leito marinho, incluindo dois motores a gasóleo. Atualmente, o submarino naufragado está a cerca de 370 metros da costa e considera-se que está ameaçado pelas condições climáticas (erosão) e pela atividade humana. O submarino não está protegido pela lei dinamarquesa, que protege

os navios naufragados quando os mesmos estão a 24 milhas náuticas, ou menos, da costa mas apenas quando têm mais de 100 anos.

de Pista de ensino

Consegue identificar Lusitania Avenue, Georg-von-Trapp-Strasse, Jellicoe Avenue, Langsdorff Strasse e Langsdorff Drive ou Ajax Avenue num mapa? O que é que estas ruas têm a ver com a guerra no mar? Ambas as Guerras Mundiais deixaram vestígios em todo o mundo. Às vezes, o nome de uma rua, uma placa numa casa ou um postal estão relacionados com um evento passado. Os vestígios locais apelam de forma direta aos alunos na sua vida quotidiana, conseguindo reduzir a grandeza das histórias e as linhas gerais da história das Guerras Mundiais ao espaço envolvente em que os alunos se movem. Passam todos os dias perto destes locais.

Algumas opções:

- A minha cidade tem praças ou ruas que estão relacionadas com a Primeira Guerra Mundial e com os seus eventos navais? O governo municipal incluiu uma referência à pessoa ou pessoas que deram o nome à praça ou rua? São muitas as cidades e os municípios que nem sequer têm informação básica, e os alunos poderão ir à Câmara Municipal investigar. Também poderá desenhar um mapa alternativo das ruas com a sua turma ou escola. Que nomes selecionaria e porquê?
- Também poderá investigar a história da sua escola. São muitas as escolas que têm uma história rica ou que em tempos de guerra foram adaptadas para outros fins. Por exemplo, a KA Pitzemburg é uma Escola Associada da UNESCO da cidade de Mechelen, na Bélgica. A escola foi fundada em 1831 e, conseqüentemente, já passou, de forma consciente, por duas Guerras Mundiais. A escola ainda tem algumas relíquias que ilustram este mesmo facto, como placas para lembrar as vítimas. A escola tem investigado os seus arquivos para encontrar as histórias ‘esquecidas’. Muitos dos habitantes da terra fugiram durante a guerra, através de uma rota organizada para Inglaterra. Com esta história em mente, a escola quer centrar-se na sua ‘colónia’ em Inglaterra e na forma como os refugiados atravessaram o Canal.

pe Prática de ensino

A Arqueologia e a Primeira Guerra Mundial – Organizar uma Exposição: Uma parceria entre o Programa de Arqueologia Marítima, da Universidade do Sul da Dinamarca, e o museu Strandingsmuseum St George.

- ▶ Os alunos adquirem conhecimentos sobre a história e o impacto do aspeto naval da Guerra. Descobrem como funcionam os museus e contribuem para um novo conceito de exposição através de um pensamento inovador.

Um projeto sobre educação para a paz e o património cultural

Com a aproximação do centenário da Primeira Guerra Mundial, o museu Strandingsmuseum St George está a organizar uma exposição sobre a arqueologia marítima da Primeira Guerra Mundial. O objetivo da exposição é transmitir a história e o impacto da componente naval da guerra no Mar do Norte, e sensibilizar as pessoas para a importância do



Alunas do Holstebro Gymnasium a trabalharem no projeto de educação para a paz e o património cultural no museu Strandingsmuseum St George. O objeto é um canhão de 88 mm com cano talhado do submarino U20. © Tommy Bay / Strandingsmuseum St George, na Dinamarca.

seu património cultural submerso para o nosso conhecimento e compreensão do passado, assim como do presente. Este último aspeto é particularmente importante relativamente à educação para a paz.

Para realizar o conceito da exposição, o museu Strandingsmuseum St George está a cooperar com o Programa de Arqueologia Marítima da Universidade do Sul da Dinamarca, localizada em Esbjerg. O projeto da exposição foi o tema de uma disciplina no 2º semestre de 2014. O resultado pretendido é o conceito completo para a exposição, que será concretizada no museu. Além disso, os alunos irão preparar um manual em diversas línguas e outro material relacionado para diferentes faixas etárias.

A participação dos alunos é a componente central do conceito do museu

O envolvimento dos alunos de uma disciplina relacionada na conceção e criação de uma exposição ‘real’ tem diversas vantagens e benefícios, tanto para o museu como para os alunos que participam. Ao transformar os alunos em ‘contadores de histórias’ – responsáveis por comunicarem conhecimentos a outras pessoas – pensou-se que o museu mais facil-



Jovens a trabalharem. Mina de contacto típica da Primeira Guerra Mundial encontrada na praia na costa da Jutlândia. © Tommy Bay/Museu Strandingsmuseum St George, na Dinamarca.

mente conseguiria chegar aos alunos entre os 15 e os 25 anos de idade. Habitualmente, este é um público que é difícil de cativar. A base do projeto é que mentes jovens produzem ideias jovens e novas, e abordagens inconventionais para a conceção da exposição. Os alunos tiram partido do projeto, não apenas porque aprendem quais são as dificuldades de conceber uma exposição e transmitem ideias ao público, mas também porque ganham consciência da importância de comunicar o porquê de salvaguardar o nosso património cultural submerso. A questão da importância e utilidade da arqueologia marítima relativamente aos vestígios da Primeira Guerra Mundial levou a alguns debates acesos na sala de aula.

Enquadramentos de referência

Abordagem pedagógica

A educação para a memória através do património permite aos alunos adquirirem conhecimentos sobre diversos aspetos, como documentos, a criação de imagens, a interpretação, a subjetividade, o papel dos meios de comunicação, e a propaganda. De facto, o comportamento humano é condicionado pelo conhecimento que as pessoas possuem a um dado momento. É importante não esquecer o contexto envolvente dos alunos, e ter a noção, enquanto professor, de que nem todos os alunos estão familiarizados com determinados conceitos ou terminologia históricos.

Limitações de ensino

Cada uma das histórias sobre as Guerras Mundiais e o património cultural subaquático influencia os alunos de forma diferente. Assim, nem todas as histórias podem ser utilizadas na sala de aula. As histórias que podem ser utilizadas devem encaixar numa rubrica de ensino, em que o valor educativo é determinado pelos objetivos educativos, juntamente com o tipo de alunos que participam.

O projeto Europeana 1914–1918

O projeto Europeana 1914–1918, fazendo uso de histórias não contadas e histórias oficiais da Primeira Guerra Mundial, combina recursos de bibliotecas e arquivos de todo o mundo, com memórias e lembranças de famílias de toda a Europa.

Para obter mais informação, consulte:

Europeana 1914-1918 [Online] Disponível em: <http://www.europeana1914-1918.eu/en>
[15 de agosto de 2014]

oe Opções de ensino

As palavras-chave seguintes poderão ajudar a avaliar os enquadramentos de referência para as histórias humanas relacionadas com o património cultural subaquático:

- *Familiaridade*: Uma história utilizável é uma história com que os alunos estão familiarizados. Os alunos conseguem colocar-se na situação descrita na história, que se relaciona e ecoa nas suas próprias experiências.
- *Plausibilidade*: As histórias familiares são plausíveis para os alunos. Apesar de algumas histórias conterem elementos incompreensíveis e inconcebíveis, é importante que as mesmas sejam recontadas de forma plausível. É importante mostrar como as pessoas lidam com coisas desumanas de uma forma humana. É a história humana por detrás da guerra no mar, independentemente de quão difíceis algumas situações foram.
- *Diversidade*: Além de fornecer um contexto histórico, uma história utilizável mostra uma imagem multifacetada das pessoas. Isto significa que as histórias que se centram apenas nos efeitos sensacionalistas e no heroísmo da guerra são inadequadas para os contextos educativos. Apesar destas histórias serem entusiasmantes, tiram partido do sentimentalismo, e raramente dão origem ao tipo de envolvimento que pretendemos.
- *Desafiante*: Uma história utilizável é também uma história algo inacabada. Uma história com respostas prontas é menos enriquecedora do que uma história que estimula os alunos a colocarem perguntas.

de Pista de ensino

Não é fácil compreender como crianças e cidadãos inocentes, que nada tinham a ver com a Primeira Guerra Mundial, morreram quando o navio transatlântico RMS *Lusitania* se afundou no Mar da Irlanda na viagem de Nova Iorque a Liverpool. No final da tarde de 7 de maio de 1915, um U-boat alemão disparou torpedos contra o *Lusitania* a 11 milhas da costa sul da Irlanda. O navio afundou-se em 18 minutos, e 1.198 homens, mulheres e crianças perderam a vida. Os testemunhos dos sobreviventes refletem a história humana por detrás desta tragédia da guerra (consulte <http://www.rmslusitania.info/>).⁶

- Consulte e compare histórias semelhantes do naufrágio do *Gustloff*, do *Centaur* ou do *Laconia*.

6 *The Lusitania Resource* [Online] Disponível em: <http://www.rmslusitania.info> (Acedido a 30 de setembro de 2014).

Sugestão de exercício para os alunos

Com esta informação, podemos começar a desenvolver um projeto educativo que ensina aos alunos que por detrás de cada testemunho está alguém que experienciou o evento em primeira mão. Isto pode ser conseguido levando os alunos a procurarem uma ligação entre a experiência pessoal do indivíduo e o contexto temporal mais abrangente. É possível escolher diversas abordagens. Seguem-se alguns exemplos:

- Elaboração de uma lista de testemunhas e das suas histórias sobre o naufrágio do *Lusitania* (incluindo, e.g. idade, profissão, sexo, motivo da viagem).
- Quais são os países de origem das pessoas? Para onde é que iam?
- A comparação das datas de nascimento dos passageiros mostra como qualquer pessoa – sem distinção – pode ser vítima da guerra. Por exemplo, a Chrissie Aitken tinha 16 anos quando embarcou no navio. A Annie Adams tinha 46.
- Quantos homens, mulheres e crianças iam a bordo?

Estas investigações produzem listas com semelhanças e diferenças, e fornecem uma base para a exploração mais aprofundada do assunto e do contexto da guerra.

Numa segunda fase, os professores podem pedir aos alunos para refletirem sobre os testemunhos. Peça a cada aluno para adotar um testemunho e partilhar a sua experiência com os colegas. Poderá utilizar as seguintes abordagens para dar início à conversa:

- De que testemunhos se lembra? O que aprendeu sobre como as pessoas reagem a um desastre? A experiência marcou-os para o resto das suas vidas?
- Foi pessoalmente afetado por uma destas histórias?
- É importante preservar estas memórias e os navios naufragados? Porquê?

© The Lusitania Resource

THE LUSITANIA RESOURCE
History, Passenger & Crew Biographies, and Lusitania Facts

Navigation: [lusitania home](#) / [about](#) / [contribute](#) / [legal](#) / [contact](#) / [community](#) / [site map](#)

Community Sidebar:

- COMMUNITY
- FORUM
- RMS LUSITANIA
- SM U-20
- PEOPLE
- CARGO
- LIFEBOATS
- RESCUE VESSELS
- IRELAND
- CONTROVERSIES
- PRIMARY DOCUMENTS
- RELATED SHIPS

Main Content:

LUSITANIA HOME

[f](#) Vind ik leuk [g+](#) 22 [t](#) Tweet 17 [Pin it](#)

RMS Lusitania's 106th and RMSLu voyage" annive

Welcome to [The Lusitania Resource](#)! This site is dedicated to the passenger ship whose sinking altered the course of the First World War. On this site RMS Lusitania and the Lusitania sinking, as well as the passenger and crew was torpedoed on 7 May 1915.

Background

The RMS *Lusitania* was a British ocean liner of the early twentieth century was laid on 16 June 1904 and she was launched on 7 June 1906. *Lusitania* 1 September 1907 and arrived in New York, United States, on 13 September ship in the world at the time of her launch, although she was soon eclipsed and luxury by rivals *Olympic* and *Titanic*. *Lusitania* would make 101 round and-9-month career.

Lusitania became a casualty of World War I (1914 - 1918). On 7 May 1915,

- Suponhamos que ia reconstituir o que aconteceu na sala de aula. Que pessoas escolheria? Que objetos usaria?
- Fale sobre como o conflito entre países teve um impacto nas pessoas e na forma como estas pessoas influenciaram (ou não) os eventos e o conflito.

SS *Mendi*

O navio SS *Mendi* transportava trabalhadores negros da África do Sul para França. Uma vez que o governo da minoria branca não permitia que os negros tivessem postos de combate, eram recrutados como trabalhadores. A 20 de fevereiro de 1917, o *Mendi* colidiu com outro navio ao largo da Ilha de Wight, no Reino Unido, e naufragou, matando 649 dos seus passageiros e da sua tripulação.

O Reverendo Isaac Wauchope Dyobha, um clérigo idoso e proeminente membro da elite negra educada da África do Sul, ia a bordo. O obituário de Dyobha reconta:

‘A noite estava escura como breu no nevoeiro marítimo e as luzes eram ineficazes. Na madrugada de dia 21, ouviu-se um estrondo ensurdecador quando o *Mendi* sofreu o embate de outro navio, verdadeiramente gigantesco. Sem visibilidade, nenhum dos navios viu o outro. O casco do *Mendi* foi perfurado de lado, o que provocou uma enorme fissura por onde começou a entrar água, desvanecendo qualquer esperança de o salvar. O outro navio tentou salvar as pessoas que se estavam a afogar, mas a confusão causada pela escuridão e pela guerra comprometeu os seus esforços.’

‘Leitor, observai as pessoas freneticamente a tentarem salvar-se! Perigo deste é algo de novo: nunca haviam experienciado nada assim! Algumas acordaram estremunhadas sem terem qualquer ideia de para onde deveriam fugir! Consta que não havia botes salva-vidas que chegassem para as multidões a bordo. E de um momento para o outro o navio afundou-se como uma pedra! Leitor, por favor, observai os seus rapazes a serem sugados para uma imensidão aquática sem princípio ou fim! Vede-os a agarrarem-se uns aos outros, sem consciência das suas ações! Vede-os a encheram aquele barco com mais peso do que consegue suportar, fazendo com que todas as dezenas de pessoas a bordo sejam engolidas pelo mar! Nunca vos esqueceis, leitor, do frio daquele país, e da sua água também! Pensai nos grupos em tal frio, os seus braços másculos a fraquejarem, os seus corpos a afundarem e desaparecem! Nunca vos esqueceis, leitor, que os jovens do vosso país fizeram milagres perante tal crise, milagres ao salvar imensos homens brancos que eram seus superiores, e perderam a vida a salvar os outros!’

A história oral relata que o Reverendo Dyobha falava alto para a multidão com os braços no ar para a reconfortar, revelando imensa coragem. ‘Permanecei silenciosos e calmos, meus compatriotas. O que está a acontecer é razão porque estais aqui... ides morrer, mas foi para isso que viestes. Irmãos, estamos a perfurar a broca da morte. Eu, um Xhosa, digo vós sois meus irmãos... Swazis, Pundos, Basotho... vamos morrer como irmãos. Somos os filhos de África. Erguei os vossos clamores, irmãos, pois apesar de nos terem obrigado a deixar as nossas azagaias na aldeia, as nossas vozes estão com os nossos corpos. Vamos morrer como irmãos.’

Os momentos terríveis do naufrágio são descritos por um sobrevivente. ‘Ouço as sirenes de aviso do nosso navio e, no convés, vejo dois barcos a serem descidos em direção ao mar. Sinto a grande inclinação do navio à medida que a água o inunda, e vai-se virando lentamente até já não ser possível estar de pé no convés. Ouço alguém gritar, “Todos borda fora! Está a afundar!” e todos os que conseguem, saltam ...’

O naufrágio do *Mendi*, que repousa na vertical no leito marinho 11 milhas náuticas a sudoeste de St Catherine’s Point na Ilha de Wight, é uma recordação física importante deste evento e da história mais abrangente do serviço de negros da África do Sul e de muitos outros países durante a Primeira Guerra Mundial. O navio naufragado foi identificado em 1974.

“ Eu gosto do património cultural subaquático porque preserva ruínas antigas. É bom descobrir o passado; aprender como as pessoas viviam, se vestiam e como pensavam. Como é que aprenderíamos estas coisas se já não houvesse história?

Kyle, Itália, 12

Histórias de ‘esperança’

Abordagem pedagógica

O valor da educação para a memória e o património aumenta extraordinariamente se for dada atenção a histórias de esperança. Apesar de ao longo da história sempre terem existido guerras, também sempre existiu paz. Por exemplo, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, estabelecida a 10 de dezembro de 1948, após o sofrimento resultante de ambas as Guerras Mundiais, é um marco histórico. Ainda atualmente, continua a ser um enquadramento de referência essencial para avaliar e condenar os crimes contra a humanidade.

le Limitações de ensino

Não se centre só nos problemas. Os grandes problemas só por si não são um bom ponto de partida para estimular a curiosidade dos participantes ou para promover a solidariedade entre os alunos. Recomendamos que seja cuidadoso, especialmente com crianças mais pequenas. É importante fornecer uma perspetiva no processo de ensino (consulte também a secção ‘Educação para a paz e o património: por onde começar?’).

A empatia em tempos de guerra através de um exemplo de um navio naufragado

O *Transylvania* era um navio inglês que foi atingido por torpedos disparados pelo submarino *U-63* a 4 maio de 1917. No espaço de 40 minutos, o *Transylvania* ficou completamente submerso, resultando na morte trágica de 10 membros da tripulação, 29 oficiais do exército, e 373 soldados. Surpreendentemente, 2.708 passageiros conseguiram sobreviver. A maioria das pessoas foi salva por botes japoneses e pescadores ligurianos, alguns dos quais receberam uma medalha de honra do governo britânico pela sua ajuda compassiva. Assim que viram o ataque, mostrando grande coragem e empatia pelos seus semelhantes, acorreram aos seus barcos e enfrentaram ventos fortes para salvar tantas vidas quanto possível. Com as mãos feridas e sangrentas, foram em direção aos portos de Noli e Finale Ligure.

Após o naufrágio, houve uma enorme onda de solidariedade em Itália para com as vítimas. Os feridos foram alojados em hospitais e mosteiros locais superlotados, e em casa dos habitantes da região que abriram as suas portas para receberem as vítimas inglesas, apesar dos seus escassos recursos financeiros. A barreira linguística não impediu que se criassem laços de amizade e, na época, muitos dos ligurianos nunca tinham conhecido um estrangeiro.

Durante a década de 1930, e ao longo da Segunda Guerra Mundial, o Reino Unido era um inimigo oficial destes salvadores italianos e japoneses. No entanto, apesar destes fatores políticos e da horrível realidade da guerra, os laços que se formaram durante esta tragédia não podiam ser destruídos. Ainda hoje, a catástrofe do *Transylvania* evoca emoções fortes na região. As experiências e as histórias da tragédia são passadas de geração em geração, adquiriram um estatuto quase mítico.

Não é apenas o salvamento corajoso, o cuidado prestado aos feridos, e as amizades duradouras que transmitem uma mensagem de paz e reconciliação entre povos que já foram inimigos. A subsequente descoberta e preservação do *Transylvania* também é uma fonte de reconciliação, que fornece evidências físicas que podemos usar para lembrar a tragé-

dia. A 8 de outubro de 2011, os Carabinieri de Génova descobriram o *Transylvania* ao largo da costa da ilha liguriana de Bergeggi, perto de Savona, na Itália, a uma profundidade de 630 metros. O navio naufragado é agora a residência de um raro coral branco.

No seguimento da descoberta do navio, foi organizada uma evocação em memória das vítimas em Finalborgo, na Itália. O evento contou com a presença de representantes do governo e das forças armadas da Itália, Inglaterra, Japão e Alemanha. O evento foi acompanhado de música de trompete assombrosa, e descrito como festivo, mas foi também extraordinariamente emotivo. É difícil imaginar um exemplo melhor do poder da reconciliação do que este, proporcionado pelo património cultural subaquático.

Pista de ensino

O naufrágio do USS Arizona em Pearl Harbor – Uma História de Reconciliação

Os vestígios de guerras e de batalhas passadas podem transformar-se em locais de reconciliação. Um dos exemplos mais poderosos é o couraçado USS *Arizona* que se afundou em Pearl Harbor, no Havai, EUA. Atingido por bombas aéreas durante o ataque japonês a 7 de dezembro de 1941, o *Arizona* explodiu, matando 1.177 membros da sua tripulação. Foi essa gigantesca perda de vidas nesse curto ataque surpresa que fez com que os Estados Unidos entrassem na Segunda Guerra Mundial. Meio submerso e a arder durante dois dias, o Arizona tornou-se um símbolo muito fotografado de uma nação que pedia vingança. A imagem foi usada para incitar as tropas americanas a combaterem durante a subsequente guerra no Pacífico, com o lema ‘Lembrem-se de Pearl Harbor!’

O navio naufragado ficou demasiado danificado para ser retirado da água, e após a guerra o seu casco amassado transformou-se na base de um monumento e memorial que desde então já foi visitado por milhões de pessoas. À medida que o tempo foi passando, e apesar dos sentimentos poderosos da época e da persistente raiva americana relativamente ao ataque surpresa dos japoneses, o *Arizona* e o seu memorial tornaram-se um local de reconciliação. Vêm visitantes japoneses prestar homenagem, incluindo veteranos de guerra e famílias de soldados e marinheiros japoneses que também morreram na guerra.

James Delgado, Diretor do Património Marítimo do NOAA,⁷ EUA, explica a sua experiência de reconciliação relacionada com o *Arizona*:

7 National Oceanographic and Atmospheric Administration.

Para mim, o momento mais poderoso de reconciliação que já testemunhei foi durante o 50º aniversário do ataque, a 7 de dezembro de 1991. Enquanto um dos arqueólogos que tinha trabalhado no *Arizona*, participei nas entrevistas com os veteranos americanos e japoneses que travaram a batalha, que se reuniram no Havai para o último grande encontro daqueles que cinco décadas antes combateram em mar e no ar naquele dia. Vi idosos a recordarem que já todos tinham sido jovens, que combatiam por os seus respetivos países, não necessariamente pelas ideologias, que perderam amigos e camaradas naquele dia terrível e nos subsequentes anos de combate brutal. Vi-os a relembrares e a partilharem histórias e tristeza, a autografarem os livros de história uns dos outros, e lado a lado enquanto as flores caíam nas águas negras que remoinham por cima do enferrujado USS *Arizona*.’

Sugestão de exercício para os alunos

- Discuta com os seus alunos a importância das Guerras Mundiais e do seu rescaldo na promoção de movimentos para a paz (mesmo contrariados por movimentos nacionalistas).
- A Primeira Guerra Mundial poderá ser vista como um momento na história em que o mundo se tornou global e internacional? Peça aos alunos para descreverem a história dos movimentos para a paz e a sua origem.
- Neste sentido, qual é o valor da reconciliação, e o que é a verdadeira reconciliação no contexto de uma guerra? Na nossa vida quotidiana?
- Que papel desempenha o património na reconciliação?

de Pista de ensino

Para os alunos nos últimos anos do ensino secundário, os Direitos Humanos Universais proporcionam a oportunidade de ver a sociedade de um ponto de vista positivo. Aqui ficam diversos exercícios, a este respeito.

1. Imagine o seguinte. Um grupo de historiadores está a construir uma cave gigante. Nesta cave, reúnem todos os tipos de objetos, incluindo livros, ferramentas, desenhos e outros objetos que apresentam um retrato do nosso estilo de vida atual. Os historiadores esperam que no futuro as pessoas vejam a cave e consigam imaginar a forma como vivíamos.

De seguida, pedimos aos alunos para levarem para a cave objetos que ilustrem a forma como as pessoas atualmente lidam com os direitos humanos fundamentais.

- O que levaria para a cave?
- Porque é que escolheu estes objetos?

- Há objetos com os quais todos concordam?
- O que é que significariam para as pessoas no futuro?

2. A história é frequentemente reduzida a uma lista de guerras e violações dos direitos humanos. Hegel até disse que os ‘Períodos de felicidade são páginas em branco da história’.

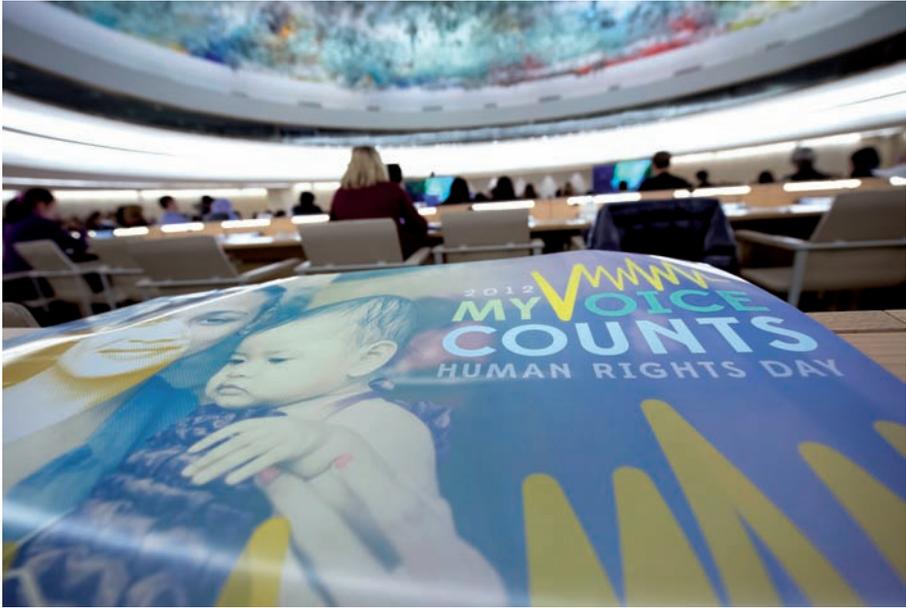
Tente encontrar exemplos históricos e atuais que possam ser usados para construir uma história de paz. Encontre exemplos de ações individuais e de iniciativas institucionais.



Portões ornamentais em ferro fundido do Palácio da Paz, com representações clássicas dos ideais da Carta das Nações Unidas. © Associação das Nações Unidas da Flandres.

3. Recolha relatos dos meios de comunicação (e.g. jornais, televisão e internet) que estejam relacionados com os direitos humanos. Tenha em consideração temas como os refugiados, a liberdade de expressão, as atividades das Nações Unidas, a discriminação, os requerentes de asilo, a guerra (incluindo a guerra civil), e os direitos humanos. Em conjunto com a turma, escolha dois relatos e tente responder às seguintes perguntas:

- Que direitos humanos são abordados neste relato?
- São mencionadas soluções, ou só realça os problemas?
- Que instrumentos estão à nossa disposição para fazermos alguma coisa?
- Existe algum património que possa resultar destas questões?
- O relato poderá conter soluções para as gerações atuais e futuras?



Um grande plano de um dos posters promocionais da evocação do Dia dos Direitos Humanos em 2012, subordinado ao tema, ‘A Minha Voz Conta’, na câmara do Conselho dos Direitos Humanos da ONU, em Genebra, na Suíça. © Jean-Marc Ferré/Foto da ONU.

“ A história deve ser preservada, em terra e no fundo no mar. Sem história, não temos passado. Sem passado, não temos futuro.

Hugo, Inglaterra, 12

Empatia e solidariedade

Antídoto contra a indiferença

Abordagem pedagógica

A educação para a memória e a paz estimula a empatia histórica. Neste contexto, o uso de fontes primárias e de sítios de património é essencial. De facto, o objetivo é retratar as pessoas envolvidas, tanto quanto possível, como seres humanos e não estatísticas. Compreender os sonhos, as ideias, os sentimentos e os planos dos outros é um ótimo antídoto contra o alheamento e a indiferença.

le Limitações de ensino

Conhecer a história humana por detrás do património cultural subaquático das Guerras Mundiais requer o envolvimento ativo dos alunos. Devem aprender a colocar-se no lugar da outra pessoa. Assim, podem estabelecer comparações com eles mesmos e com o seu estilo de vida. No entanto, isto é útil se os alunos não se identificarem com a outra pessoa na totalidade. Devem colocar-se no lugar da outra pessoa, mas sendo ao mesmo tempo eles próprios, e a outra pessoa ela própria. Os alunos deverão reconhecer que as pessoas têm valores, interpretações e crenças diferentes. E que as perspetivas divergentes são normais e significativas.

oe Opções de ensino

A Primeira Guerra Mundial é frequentemente vista como um conflito multinacional entre estados grandes e poderosos. No entanto, a Grande Guerra foi também uma era caracterizada por uma mistura sem precedentes de diversas culturas e crenças. Cidadãos e soldados de colónias distantes, trabalhadores forçados, refugiados e pessoas deslocadas; para muitos, o conflito representou mais do que uma mudança radical do espaço envolvente, mas também um confronto com outras práticas sociais e culturais. É raro a Primeira Guerra Mundial ser abordada desta perspetiva. Contudo, proporciona inúmeras questões educativas muito entusiasmantes. Qual foi o formato destes contactos entre pessoas de diferentes origens? Estes encontros ocorreram no contexto da lógica da guerra, ou transcenderam a guerra? Como é que as pessoas da época experienciaram estes encontros? O que ficou destes contactos após a guerra? Analise, por exemplo, os casos dos naufrágios do Mendi e do Athos. De que países vinham os passageiros?

de Pista de ensino

Em muitos países, a evocação da Primeira Guerra Mundial é alvo de uma atenção considerável. Para além da homenagem às vítimas, devemos usar estes momentos para mostrar a importância da paz e da democracia. Quer queiramos quer não, a guerra e a paz fazem parte da identidade de uma nação. Consequentemente, os novos cidadãos e os imigrantes também anseiam ser envolvidos neste passado nacional. No entanto, nem sempre é assim, uma vez que a história da guerra de um país é semelhante mas também diferente das histórias dos países de origem dos novos habitantes. As experiências dos pais, dos avós e dos bisavós das pessoas nativas não são sempre semelhantes às dos imigrantes. Portanto, o grande papel que atribuímos à Primeira Guerra Mundial não é partilhado da mesma forma em todos os países e por todas as populações.

Poderão existir outras guerras, libertações de ditaduras, e processos de descolonização que desempenhem um papel mais proeminente na experiência histórica dos imigrantes. Contudo, estes eventos estão frequentemente relacionados com as Guerras Mundiais. Por exemplo, as guerras travadas na antiga Jugoslávia na década de 1990 tiveram origem, pelo menos em parte, em conflitos que remontam à década de 1940.

Uma perspetiva global da história alarga a nossa compreensão, que é tão necessária nas sociedades multiculturais e na época de globalização em que vivemos. É particularmente importante para as escolas em zonas metropolitanas com crianças de diversas culturas. Apesar de isto não querer dizer que devemos esquecer a história da guerra do nosso país, por vezes, tal história está tão enraizada na nossa sociedade que alargar a perspetiva está fora de questão. É um desafio encontrar o equilíbrio certo entre a história nacional e a internacional.



Galípoli, Anafartalar, Contratorpedeiro francês © HARUN OZDAS.

O estudo do património cultural subaquático da Primeira Guerra Mundial proporciona oportunidades para a integração desta perspetiva internacional nas aulas. Houve batalhas no mar em todo o mundo. Seguem-se alguns exemplos: Jutlândia na Dinamarca (maio, 1916), no Lago Tanganica (dezembro, 1915), nas Ilhas Falkland (dezembro, 1914), em

Papeete no Taiti (setembro, 1914), Galípoli na Turquia (abril, 1915 e janeiro, 1916), Otranto em Itália (maio, 1917), e Oostende e Zeebrugge no Mar do Norte (abril, 1918). O Anexo II deste manual apresenta uma visão geral destas batalhas.

Prática de ensino

- ▶ Os alunos demonstram a capacidade de integrar, sintetizar e aplicar esta informação para chegar a conclusões fundamentadas. Os alunos integram a informação histórica num ‘espetáculo de entretenimento informativo’ através de diferentes meios artísticos.

A escola Sint-Jozef-Klein-Seminarie da cidade de Sint-Niklaas, na Flandres, está a integrar o tema do património cultural subaquático num espetáculo de entretenimento informativo baseado no professor-e-aluno enquanto componente de um projeto, já existente e a longo prazo, sobre a Primeira Guerra Mundial.

Num espetáculo criativo e informativo de 100 minutos serão discutidos diversos aspetos básicos da Primeira Guerra Mundial: as novas armas, a neutralidade, a Trégua de Natal, o trauma de guerra, a propaganda, etc. Os alunos contribuirão voluntariamente de várias formas através de: produção de um pequeno filme, apresentação de um livro, realização de teatro, conversão de poemas de guerra na letra de uma música e interpretação ao vivo com uma banda de ocasião, apresentação de documentos (cartas, diários) dos seus avós, etc. O objeto subjacente é a promoção da paz. O aspeto do património cultural subaquático será concretizado através da abordagem das cheias nas planícies do Yser e da história de Galípoli, assim como através dos contributos especiais de alunos de origem turca.

Além disso, todas as disciplinas irão analisar a Primeira Guerra Mundial do ponto de vista específico dessa área. O aspeto da arqueologia marítima será abordado nas aulas de ciência (e.g. proteção do sítio, preservação de artefactos, corrosão, processos biológicos, etc.).

O bom, o mau e tudo o que existe no meio

Abordagem pedagógica

A ‘empatia histórica’ revela-se de diferentes formas, segundo a perspectiva escolhida. Assim, podemos falar de preocupação com o destino das vítimas, empatia para com os transeuntes, e consciência dos motivos dos perpetradores. Ou será que por vezes os perpetradores também são vítimas?

le Limitações de ensino

As pessoas que consideram que todos são vítimas poderão fazê-lo para evitar pensar nas formas contemporâneas de exclusão, violência e privação. Se todos são vítimas, então não há perpetradores. Uma vítima poderá ser um possível perpetrador e vice-versa.

oe Opções de ensino

Em muitos casos, os alunos apenas tiverem contacto com histórias sobre o lado heroico da guerra (e.g. através de filmes). Nestes contextos, normalmente é óbvio quem são os bons e os maus. Apesar dos filmes de guerra serem descritos como sendo sobre homens ‘reais’, as guerras reais envolvem todas as pessoas. No decurso da aula, é útil ter em consideração o outro lado da guerra. A guerra vive nas nossas mentes. Poderíamos dizer que nas guerras só há perdedores. Os soldados perdem os seus amigos. Os civis choram a perda dos seus familiares. Os sobreviventes vivem com a dor, o medo e a tristeza que experienciaram. É difícil identificarmo-nos com a dor e a tristeza dos outros. Esta dificuldade está patente nas tentativas árduas de reconciliação após os conflitos armados.

Em muitos casos, a dor e a tristeza de uma guerra ou conflito perduram na segunda geração. Os filhos dos perdedores carregam o fardo de os seus pais terem estado ‘do lado errado’. Os filhos de pessoas que enfrentaram grande sofrimento durante a guerra são por



Ex-criança-soldado entregue ao cuidado da UNICEF. © Foto da ONU.

vezes confrontados com a incapacidade dos pais de falarem sobre o assunto. A importância de lidar com o trauma após a guerra é cada vez mais reconhecida. Um exemplo bem conhecido é a Comissão Sul Africana para a Verdade e a Reconciliação, inspirada pelo Arcebispo Anglicano Desmond Tutu.

Ainda atualmente, as organizações da ONU, como a UNESCO trabalham diariamente para dar apoio às crianças e as ajudar a lidarem com as suas experiências traumáticas.

Para obter mais informação, consulte:

www.unicef.org

de Pista de ensino

Em tempos de guerra, são muitas as pessoas que temem o que lhes possa acontecer, aos seus filhos e aos entes queridos. Contudo, seria uma injustiça vê-las apenas como vítimas. Existem muitos exemplos de pessoas que não se rendem, e que se defendem a si e aos outros. Dedicam-se à educação e à saúde ou estabelecem redes de solidariedade, que frequentemente transpõem barreiras étnicas e culturais. Muitas das vezes este trabalho é realizado por mulheres. No entanto, é frequente as mulheres serem exclusivamente rotuladas de vítimas. São muito poucos os monumentos que foram criados, ou livros que foram escritos, sobre o seu trabalho.

Para obter mais informação, consulte:

www.unwomen.org



Manifestação Antiguerra
© Foto da ONU

Passado e presente

ap Abordagem pedagógica

É frequente os alunos colocarem-se no lugar de outra pessoa com base nos seus próprios contextos, situações e experiências emocionais. Tornar o passado atual (i.e. encorajando os alunos a imaginarem-se numa situação no passado) é algo que deve acontecer de forma ponderada e consciente. Deverá ser fundamentado em saber e conhecimento sobre o contexto histórico e os processos e mecanismos.

le Limitações de ensino

Ao descobrirmos o passado, é frequente depararmo-nos com duas abordagens: uma que tem uma perspetiva deficitária, e a outra uma perspetiva diferencial.

- Numa perspetiva deficitária, partirmos do presente, pressupondo que as pessoas hoje em dia são mais civilizadas e humanas do que as pessoas do passado.
- Numa perspetiva diferencial, pressupomos que a vida no passado era diferente da vida hoje em dia, sem afirmar que consequentemente a vida era pior e que atualmente as situações são muito melhores.

Nenhum destes pontos de vista será útil para os professores se for levado ao extremo. O facto de os alunos descobrirem que as pessoas foram melhorando ao longo do tempo não responde às questões que enfrentamos atualmente. Por outro lado, se abordarmos a história enquanto um ciclo completamente opaco de eventos em que tudo o que podemos fazer é esperar e suportar, não promovemos a esperança.

Ao contrário destas abordagens, a educação para a memória pressupõe que hoje em dia as pessoas são capazes de aprender com os eventos do passado, mas isto não quer dizer necessariamente que consigam criar uma sociedade melhor.

oe Opções de ensino

Durante o período de 2014–2018, será dada atenção aos efeitos que as Guerras Mundiais tiveram em diversos lugares em todo o mundo. É frequente as autoridades locais organizarem projetos especiais relacionados com eventos históricos que tiverem um grande impacto. A história local cativa os alunos de forma direta. Nestes eventos, as histórias extraordinárias e a cronologia geral da história da Guerra Mundial são reduzidas a histórias ‘comuns’ e familiares. Geralmente, os alunos interessam-se pelo seu meio envolvente porque são confrontados com o mesmo ambiente todos os dias. Isto cria oportunidades

educativas especiais para as escolas trabalharem com o governo local para desenvolverem um projeto que vai para além da escola.



Concordo que precisamos de nos lembrar das guerras,
mas não quero mais guerras, não precisamos de guerra!

Eleanor, Inglaterra, 12

Prática de ensino

O Centenário da Primeira Guerra Mundial - Educação para a paz para crianças - Um exemplo de um projeto que transcende a escola

- ▶ As crianças aprendem, descobrem e debatem a situação crítica da sua cidade durante a Primeira Guerra Mundial, e o seu património. As crianças exploram as ligações às questões contemporâneas, como os refugiados, e a importância da paz: tanto em pequena escala, por exemplo, como manter a paz na sala de aula ou no seio da família, e em grande escala.

Projeto na cidade de Antuérpia com o envolvimento das escolas para desenvolver uma ponte para o futuro

O Centro para a Paz da Cidade e a Província de Antuérpia são responsáveis pelo programa do Centenário da Primeira Guerra Mundial para a Cidade de Antuérpia. As crianças e a educação para a paz são duas prioridades deste programa.

Novo Trilho de Experiências para as Crianças: Ponte para o Futuro

O Centro para a Paz desenvolveu um trilho de aventuras para crianças de escolas e grupos de escuteiros entre os 10 e 12 anos de idade, dando-lhes a oportunidade de participarem num workshop interativo sobre vários aspetos da guerra e da paz. O objetivo era aprenderem, descobrirem e debaterem a situação crítica de Antuérpia durante a Primeira Guerra Mundial, quando milhares de pessoas tiveram de fugir da cidade fazendo uso de uma ponte temporária sobre o rio Escalda. Ao longo do trilho, as crianças podem explorar as ligações às questões contemporâneas, como os refugiados da Síria e do Iraque, e a importância da paz: tanto em pequena escala, por exemplo, como manter a paz na sala de aula ou no seio da família, e em grande escala, por exemplo na União Europeia.

Atravessar a Ponte

O objetivo do trilho de experiências era transmitir conhecimentos sobre a história de Antuérpia durante a Primeira Guerra Mundial, aprofundar a compreensão da paz, e encorajar a construção de pontes culturais. As turmas que participaram também receberam

um bilhete para o Cortejo da Paz, a convidá-las para atravessarem a ponte temporária que os batalhões de engenharia da Bélgica e dos Países Baixos reconstruíram em outubro de 2014. Este Cortejo da Paz, durante a inauguração, contou com milhares de crianças que atravessaram a ponte. Esta Ponte da Paz é um símbolo poderoso da ligação entre o passado, o presente e o futuro.

Ponte da Paz, 3-5 de outubro de 2014

A reconstrução da ponte temporária sobre o rio Escalda de 3 a 5 de outubro de 2014, foi o ponto alto do programa de evocações de *Antuérpia '14-'18*. Em 1914, o exército belga construiu, no mesmo local, uma ponte de barcas sobre o Escalda, perto do centro histórico de Antuérpia. A ponte permitiu que o exército abastecesse o *National Réduit* de Antuérpia, e evacuasse de forma rápida. A ponte foi usada por milhares de pessoas para fugirem da cidade, incluindo o Rei Alberto I e Winston Churchill. Cem anos depois, de 3 a 5 de outubro de 2014, 100.000 pessoas tiveram a oportunidade de atravessarem a Ponte da Paz a pé, da margem direita para a esquerda.



Ponte de barcas 1914 © Vredescentrum Antwerpen.



Ponte de barcas, 2014. Os batalhões de engenharia da Bélgica e dos Países Baixos reconstruíram a ponte (28 de setembro de 2014) para testar aspetos técnicos e de segurança. © Jimmy Kets/Vredescentrum Antwerpen.

Veja este vídeo sobre a reconstrução da ponte:

<http://vimeo.com/75696891>

Ênfase da liberdade de escolha

ap Abordagem pedagógica

A ligação aos eventos históricos também começa por prestar atenção à liberdade de escolha individual. Que dilemas é que estes indivíduos enfrentaram? Também se depara com dilemas na sua vida? O que faria nessas circunstâncias? Independentemente das circunstâncias, devemos ter em atenção a liberdade de escolha individual.

le Limitações de ensino

Até que ponto é que consegue identificar-se com a situação, as experiências de vida e os pensamentos dos outros (e.g. de um jovem soldado num navio de guerra)? Como é que é possível compreender os pensamentos, os sentimentos e as expectativas de outra pessoa, sobretudo se essa pessoa tiver uma perspetiva diferente, talvez até contrária à sua?

Além disso, cada história tem diferentes lados. Apesar de ser tentador generalizar a diversidade complexa - sugerindo que qualquer pessoa teria feito o mesmo - esta posição ignora a possibilidade de fazer escolhas independentes.

oe Opções de ensino

Pode aprender a escolher! Se as crianças aprenderem desde cedo a compreender o processo de escolha, conseguirão utilizar esta competência ao longo das suas vidas. É por isso que aprender a escolher é frequentemente algo implícito, apesar de por vezes ser incluído de forma explícita, nas qualificações fornecidas pelos programas escolares em muitos países.



Crachás com mensagens sobre o direito à educação na Feira da Juventude organizada no âmbito do Dia de Malala na sede da ONU em Nova Iorque. © Devra Berkowitz/Foto da ONU.

As pessoas que nunca aprenderam a escolher, ou a ter em consideração as boas e as más escolhas, correm o risco de fazer escolhas erradas em alturas importantes. Escolher é uma competência. Para a qual, é necessário que as pessoas se compreendam a si mesmas e ao mundo. Aprender a escolher é uma competência que pode ser desenvolvida.

As escolas secundárias podem aprender muito com o ensino pré-primário. Em muitos países, as crianças da pré-primária escolhem as suas próprias atividades de entre várias possibilidades apresentadas pelos professores. Desta forma, as crianças descobrem o que gostam, e aprendem a escolher coisas que vão de encontro aos seus interesses e capacidades. É provável que as crianças da pré-primária escolham atividades para as quais estão prontas a determinada altura. Aprender a escolher de forma independente tem um valor considerável só por si, mas também mais abrangente. Também é importante mais tarde na vida, uma vez que estamos constantemente a fazer novas escolhas. Isto pode chegar a acontecer centenas de vezes por dia: o que comer, o que comprar, quando dormir, que programas de televisão ver. Além disso, ocasionalmente todas as pessoas fazem escolhas de grande importância: que emprego escolher, onde viver, que universidade frequentar. Deverá ser a escola a formar os alunos para se tornarem pessoas capazes de fazer escolhas de forma autónoma.

Durante tempos de guerra e outras circunstâncias, é óbvio que as escolhas são mais limitadas do que em tempos de paz. Contudo, as pessoas continuam a escolher. Poderia ser interessante, enquanto projeto escolar, os alunos analisarem histórias da Guerra e dos seus eventos navais realçando as escolhas mais ou menos relevantes que as pessoas fizeram.



Lamento as situações em que as pessoas têm de combater na guerra porque às vezes não têm escolha.

Declan, Inglaterra, 13

Tratar as emoções com cuidado



Abordagem pedagógica

Lidar com as atrocidades do passado é algo muito emotivo. O objetivo aqui não é evocar emoções, mas sim caminhar no sentido da compreensão, reflexão e ação. Simplesmente confrontar os alunos com imagens chocantes ou histórias tristes sem apresentar qualquer explicação, não tem um valor educativo relevante.



A guerra não determina quem está certo, apenas quem resta.

Bertrand Russell

le Limitações de ensino

No início, é frequente os alunos sentirem-se pouco à vontade a estudarem temas como a Primeira Guerra Mundial. Esta incerteza é um momento essencial no processo de aprendizagem, porque levanta questões e fornece o ímpeto necessário para a determinação de uma atitude. Assim, as emoções são o início do envolvimento. Também podemos dizer que confrontar os factos, o comportamento humano passado e presente provoca uma fratura no nosso pensamento. Esta incerteza não deverá levar ao desespero e a emoções não processadas, porque tal dificultaria o processo de aprendizagem. Deverá ser abordada abertamente.



Cemitério Militar, Houthulst, Bélgica © Westtoer.

de Pista de ensino

Os estudos mostram que devemos ter cuidado com o conteúdo visual que apresenta imagens de guerra, violência e morte que envolvam sobretudo crianças. A dissuasão raramente leva a um comportamento desejável. Em vez de serem educativas, envolverem as crianças ou estimularem um comportamento positivo, tais imagens poderão apenas evocar medo, indiferença ou até fascínio.

O medo pode levar a um sentimento de desespero e impotência. A indiferença é frequentemente expressada através de piadas cínicas, mas também pode ser um escudo que as crianças emocionalmente chocadas usam para se esconderem. Em algumas circunstâncias, o fascínio pela violência pode impedir o desenvolvimento da empatia. Nestes casos, os atos violentos são percebidos como irrealistas, ou, por vezes, como agradáveis e lúdicos.

Além disso, mostrar imagens de brutalidade extrema e de crimes contra a humanidade do passado, poderá fazer com as crueldades atuais pareçam menos sérias. É necessário conhecimento sobre as razões por detrás de tal comportamento humano.

Utilize testemunhos ou histórias relacionadas com o ambiente das crianças para dar aos alunos uma ideia do que as vítimas da guerra e da violência experienciam. O exemplo abaixo é o de um 2º Tenente britânico com 19 anos de idade, que escreveu uma carta a um amigo, outro soldado com 17 anos, sobre a batalha naval da Jutlândia na Dinamarca. O testemunho revela muito sobre as emoções confusas de jovens soldados, quase crianças, quando enfrentam o lado real e difícil da guerra. O que contrasta fortemente com a propaganda, cujo principal objetivo era convencer os jovens a participarem na guerra. O jovem é atormentado no seu íntimo por ambos os aspetos da guerra.

Apresentar aos alunos testemunhos escritos por jovens que na época tinham a sua idade, permite-lhes envolverem-se nesses eventos e refletirem sobre o impacto da propaganda



Alunos a fazerem uma apresentação sobre a vida a bordo de um dos navios alemães durante a batalha da Jutlândia. © Tommy Bay/Strandingsmuseum St George, na Dinamarca.

naquela época e atualmente. Por exemplo, pensar nos inúmeros exemplos de jovens voluntários em conflitos atuais em diversos lugares do mundo.

Uma carta, que reconta a batalha naval da Jutlândia, ilustra bem que os jovens soldados que combatiam na guerra pouco ou nada sabiam ou compreendiam sobre os perigos da batalha e os danos causados aos outros. Neste caso, o 2º Tenente britânico de 19 anos e o seu amigo de 17 anos eram as crianças desprevenidas que foram atiradas para o meio de uma guerra que mal compreendiam:

‘Há um tempo que ando para te escrever e contar como foi o dia 31, mas não conseguia encontrar a tua morada e só me lembrava do número. Lamento imenso que não tenhas lá estado. Foi uma experiência terrível mas também maravilhosa, e não a teria perdido por nada deste mundo, mas valha-me Deus! Não é algo de que queira fazer um hábito. Devo dizer que foi muito diferente do que estava à espera. Estava à espera de estar entusiasmado, mas não estava, nem um bocadinho. É difícil explicar como uma pessoa se sente, mas é parecido com o que sentimos quando vamos bater a bola no críquete, há muita coisa em jogo e a depender de nós, e estamos à espera da primeira bola. Bem, é muito parecido com isso – percebes? É uma espécie de tensão à espera do desconhecido, e sem saber exatamente com que contar. Não sentimos medo nenhum, e a ideia de que nós ou o nosso navio pode ser afundado nem sequer nos passa pela cabeça. Há demasiadas outras coisas em que pensar... Esperamos ser surpreendidos a qualquer momento – e acabamos por ser. Quando nos apercebemos estamos a 900 metros de dois ou três cruzadores Hun enormes. Eles ligaram as luzes de busca e começaram a disparar como algo nunca visto. Depois apontaram-nos as luzes, mas por algum motivo extraordinário não dispararam. Claro que, como íamos a toda a velocidade, teríamos desaparecido num instante, mas devo dizer que achei, aliás penso que todos acharam, que era o fim, mas não sentimos medo ou pânico. Acho que nunca me tinha sentido tão calmo. A seguir perguntei a várias pessoas o que tinham sentido, e todas disseram o mesmo. Acontece tudo no espaço de segundos, não temos tempo para pensar, mas nunca na minha vida fiquei tão agradecido de voltar a ver a luz do dia – e acho que nunca mais quero passar por outra noite assim – é uma tensão terrível; na altura não sentimos, mas é a reação a seguir.’

A batalha da Jutlândia foi travada a 31 de maio e 1 de junho de 1916 no Mar do Norte perto da Jutlândia, na Dinamarca. (<http://www.firstworldwar.com/diaries/jutland.htm> – *The Jutland battle by two who took part in it*, Londres, Bukrup. Mathieson & Sprague, 1916).



A torre do SM-U20, o submarino que disparou os torpedos contra o RMS Lusitania a 7 de maio de 1915. Coleção do museu Strandingsmuseum St George, em Thorsminde, na Dinamarca. © Dirk Timmermans, Cortesia da Associação das Nações Unidas da Flandres.

“Imagine que alguém que conhecia estava num navio que naufragou. Não é agradável pensar nisso, mas aconteceu. Morreram muitas pessoas em guerras e naufrágios. Não queremos que isso volte a acontecer.

Niamh, Irlanda, 12

Cerimónias de evocação

ap Abordagem pedagógica

Neste contexto, as cerimónias de evocação têm um destaque especial. A evocação e a reflexão sobre eventos passados, o reconhecimento do sofrimento passado, a homenagem das vítimas, e o respeito pelo desgosto e luto dos familiares pressupõem uma forma de empatia. Ao mesmo tempo, no entanto, devemos ter a noção do carácter complexo das evocações e da sua evolução histórica. Também devemos ter em atenção a mensagem política, social, ideológica, económica ou cultural que pretendem transmitir; por exemplo, a glorificação da paz versus a glorificação das forças armadas.

le Limitações de ensino

É frequente as escolas estarem envolvidas em eventos evocativos. Alguns destes eventos partem da iniciativa da própria escola, enquanto outros são organizados a pedido do município ou do governo local. Consideramos que a preparação, a participação e o processamento destes eventos é uma atividade esclarecedora, que põe os alunos em contacto com aspetos da Primeira Guerra Mundial. Além disso, através da participação ativa, os alunos podem encontrar costumes e rituais relacionados com a memória.

Contudo, também poderá ser útil olhar para a evocação de um ponto de vista crítico. Em muitos casos, a filosofia da evocação varia de país para país. Podem até existir diferenças na mesma região, conforme a entidade organizadora. Quando a evocação for incluída num projeto de ensino, deverão ser abordadas as seguintes questões: Quem está a evocar? Quem está a ser evocado? Porque é que está a ser evocado? Existem motivos subjacentes que poderão não ser óbvios à partida? Qual é a mensagem que esta evocação pretende transmitir?



Cemitério Lone Tree Cemetery, na Bélgica © Westtoer.

de Pista de ensino

O professor é responsável por trabalhar com os alunos na preparação para uma evocação. Por exemplo, podem ajudar na procura do significado de conceitos como ‘evocações de guerra’, ‘nunca esquecer’, ‘memória’, ‘evocação de experiências interiorizadas’ ou o apelo à proteção do património. A Primeira Guerra Mundial é evocada de diferentes maneiras em diferentes tradições. As evocações encerram mensagens diferentes sobre assuntos como

heroísmo, patriotismo, tristeza ou uma mensagem de paz. É importante ajudar os alunos a descobrirem a diversidade de evocações de guerra.

Depois poderá ser dado destaque ao *como* da evocação. Porque é que as bandeiras estão a meia-haste nos edifícios oficiais? Qual é o significado de uma bandeira? Porque é que colocamos flores ou coroas nos monumentos ou túmulos? As pessoas estão a tentar dizer que pensam naqueles que morreram, ou que a vida é tão bonita quanto as flores? Isto também se aplica quando há grande tristeza?

Não se restrinja aos aspetos substantivos, tenha também em consideração os aspetos formais do ritual de evocação. Dependendo da cultura dos jovens, por vezes as crianças precisam de que os eventos evocativos sejam estruturados de formas muito diferentes. É importante prestar atenção a este aspeto. Por exemplo, debater as diferentes formas que as pessoas usam para expressar os seus sentimentos.



Papoilas vermelhas no memorial do HMS Vindictive em Oostende. As papoilas vermelhas tornaram-se num símbolo de recordação dos soldados que morreram durante a guerra. O poema que inspirou o uso de papoilas como símbolo de recordação foi escrito em maio de 1915 por John McCrae, que estava destacado em Ipres. © Dirk Timmermans, Cortesia da Associação das Nações Unidas da Flandres.

Evocar a Primeira Guerra Mundial e o Património Cultural Subaquático

Por ocasião do Centenário da Primeira Guerra Mundial, e para chamar a atenção para o património cultural subaquático ameaçado desse conflito, a UNESCO apelou aos navios no mar para evocarem a data arvorando as suas bandeiras ou estandartes a meia-haste a 28 de junho de 2014. Os navios atracados foram encorajados a soarem as suas sirenes às 7 da tarde desse mesmo dia, para recordar a hora em que foi disparado o primeiro tiro do conflito. Estes atos simbólicos foram sugeridos como um apelo à paz e à reconciliação, para recordar as vítimas que pereceram na guerra, e para nos lembrarmos da necessidade de proteger o património cultural subaquático daquela época.

Além disso, os mergulhadores também foram encorajados a visitar o património cultural subaquático da Primeira Guerra Mundial de forma responsável e respeitosa, apelando mais uma vez à evocação e à proteção dos navios naufragados.

de Pista de ensino

Quando as escolas participam em cerimónias evocativas, normalmente os professores reúnem-se com as autoridades ou organizações locais responsáveis pelo evento. Nem todos têm em atenção o envolvimento ou presença dos jovens. Em muitos casos, os alunos estão presentes mas não envolvidos. Recomendamos que os professores e os alunos se reúnam com as organizações envolvidas com antecedência e apresentem sugestões para promoverem o envolvimento dos jovens. É importante que os alunos se sintam incluídos. Por exemplo, os alunos poderão recitar um poema, apresentar um breve relatório sobre um projeto para a paz que tenha sido desenvolvido na escola, ou cantar uma música. Finalmente, se os alunos forem desempenhar uma tarefa, será importante ensaiarem com antecedência.



Cemitério Harboøre, Jutlândia na Dinamarca. As campas de dois soldados alemães e um soldado britânico encontrados na costa dinamarquesa. O soldado na campas do meio morreu durante um ataque aéreo em Oostende na Bélgica. © Dirk Timmermans, Cortesia da Associação das Nações Unidas da Flandres.

pe Prática de ensino

- ▶ As crianças descobrem questões históricas importantes e o património da sua região. São capazes de relacionar os factos do passado com questões do presente e do futuro.

Madonna e St Julien são duas escolas primárias localizadas no centro dos ‘Campos da Flandres’⁸, na Bélgica. Dada a sua proximidade, era inevitável que as ambas as escolas trabalhassem em projetos relacionados com o património da Primeira Guerra Mundial. O principal objetivo era transmitir conhecimentos sobre o património às gerações futuras. O resultado foi a criação, por parte das crianças, de visitas guiadas para adultos e crianças de várias escolas, e a partilha do conhecimento adquirido sobre património.

Ambas as escolas querem recordar a Primeira Guerra Mundial no contexto de ‘Vigílias para a Paz’. A informação continua a ser importante, mas os factos do passado estão ligados às questões do presente e do futuro (e.g. refugiados, o uso de armas químicas).

Ambas as escolas utilizaram programas de intercâmbio para desenvolver os seus projetos para a paz. Os alunos das escolas partilham o seu conhecimento sobre o passado relativamente ao seu próprio ambiente com os pares de Valónia, no decurso de visitas in situ ao seu espaço envolvente. Numa segunda fase do projeto para a paz, as suas experiências serão alargadas a conflitos contemporâneos.

“Acho que é importante lembrarmo-nos das guerras, mas não da vitória. Não esquecer como as guerras trouxeram destruição, e lamentar as pessoas corajosas que morreram.

Hugo, Inglaterra, 12

Cuidado com a reconstituição

ap Abordagem pedagógica

Se a empatia levar à identificação e/ou à reconstituição (encenar situações e eventos), é necessário ter cuidado. Nas reconstituições, é frequente um determinado evento ou ação ser isolado do seu contexto. Consequentemente, é provável que diversos aspetos ou objetivos da educação para a memória (saber, atitudes, reflexão e ação) só sejam parcialmente

8 ‘Campos da Flandres’ é uma designação comum para os campos de batalha da Primeira Guerra Mundial na província da Flandres Ocidental, na Bélgica.

atingidos ou fiquem até totalmente inatingidos. Além disso, o risco de uma representação estereotipada é maior.

le Limitações de ensino

Uma das limitações importantes da reconstituição é o facto de por vezes estar mais relacionada com o presente do que com o passado. Já realçamos a importância de não negligenciar o devido contexto histórico. Em muitos casos, as reconstituições apresentam uma perspectiva nostálgica ou romanceada do passado. Também existe o risco muito real de determinadas lacunas ou imprecisões do conhecimento da história serem preenchidas pela imaginação. As reconstituições centram-se apenas na reprodução de um evento, como uma batalha. No entanto, a guerra e a paz implicam muito mais do que o confronto de armas. Finalmente, há uma questão moral que deve ser levantada: É sequer possível reconstituir o verdadeiro sofrimento e o verdadeiro horror da violência da guerra de uma forma autêntica? A dor e a tristeza das pessoas que passaram por experiências de guerra em primeira mão é extraordinariamente individual; não é possível compará-la, quanto mais reconstituí-la. Isto é revelado pelos fragmentos de diários escritos por marinheiros a bordo de navios e por soldados nas trincheiras.

oe Opções de ensino

A história viva torna-se mais credível se for percebida como uma peça, com um guião e encenação. Para o espectador, é óbvio que é um espetáculo e que os atores estão a encenar eventos passados. Ou seja, temos a perfeita noção de que é uma interpretação da história. No entanto, a guerra não deverá ser transformada num jogo e deverá respeitar-se uma abordagem apropriada.

de Pista de ensino

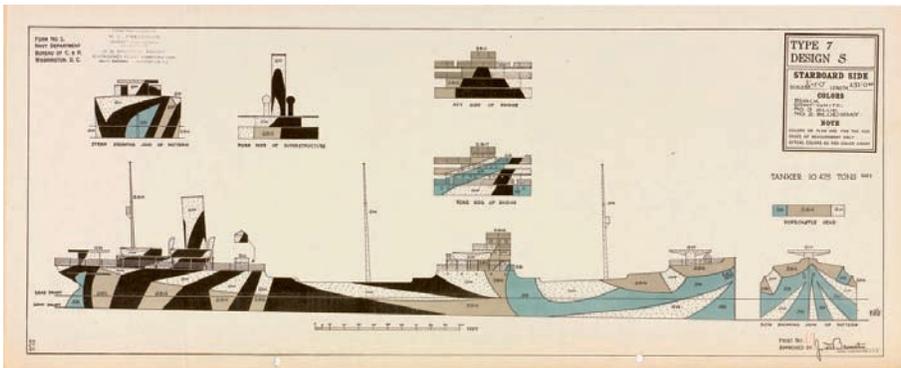
Razzle dazzle

Os britânicos chamavam-lhe ‘Dazzle painting’, e os americanos ‘Razzle Dazzle’. Este tipo de camuflagem foi usada pelas Marinhas britânica e americana durante as duas Guerras Mundiais. Os navios eram pintados com padrões geométricos cubistas. No entanto, este ‘cubismo de guerra’ não era uma afirmação artística. Durante as Guerras Mundiais, os comandantes dos submarinos alemães tinham de seleccionar manualmente os alvos dos torpedos. A camuflagem ‘dazzle’ era utilizada para dificultar as estimativas que o inimigo fazia da distância, velocidade e direção do navio-alvo; à semelhança das zebras, cujas riscas confundem os predadores. Este tipo de camuflagem pintada foi utilizado pela primeira vez durante a Primeira Guerra Mundial.



Exemplo de um navio Dazzle © Cortesia da Biblioteca da Escola de Design de Rhode Island, em Providence, Rhode Island; Fotografia Digital de Erik Gould.

Além disso, cada navio tinha um padrão único, para que fosse impossível o inimigo distinguir rapidamente as diferentes classes de navios. Até os navios de passageiros eram pintados desta forma. Os diferentes padrões foram concebidos por artistas. As testemunhas que viam estes navios camuflados garantiam que eram uma visão única e confusa. Após as Guerras Mundiais, a técnica desapareceu devido ao aumento do uso de aviões, para os quais estes navios eram alvos fáceis. Além disso, as forças armadas nunca tinham gostado muito dos desenhos não militares nos seus navios de guerra.



Exemplo de um navio Dazzle © Cortesia da Biblioteca da Escola de Design de Rhode Island, em Providence, Rhode Island; Fotografia Digital de Erik Gould.

Mais tarde, o mundo da arte começou a revelar algum interesse nesta técnica. Os desenhos arrojados e as cores vivas cativavam a imaginação das pessoas. Consta que Pablo Picasso afirmava que o conceito era uma invenção do movimento cubista!

Em 2009, o conceito inspirou a Escola de Design de Rhode Island a expôr algumas das obras de Maurice L. Freedman, com o título 'Bedazzled'. Freedman foi o *camuflador* da

Florida durante a Primeira Guerra Mundial. Após a guerra, estudou na Escola de Design de Rhode Island, e mais tarde doou os originais das suas fotografias e planos à escola.

Para obter mais informação, consulte:

<http://dazzle.risd.edu>

Pista de ensino

Os alunos da Universidade de Karel de Grote-Hogeschool na Bélgica trabalharam de forma ativa e criativa com os novos meios de comunicação na sua evocação da Primeira Guerra Mundial.

Para esse efeito, colaboraram com o fotógrafo Jimmy Kets, que também estava a preparar uma exposição fotográfica para a evocação. O artista deu sugestões criativas aos alunos, que, neste contexto, trabalharam de forma ativa e inventiva com os novos meios de comunicação. Conforme o fotógrafo expressou: ‘Às vezes é muito mais eficaz esconder do que exhibir. Em muitos casos, uma imagem conseguirá conservar o seu interessante se não mostrarmos tudo.’

A guerra e a paz, a memória, a polifonia – os alunos traduziram as diferentes facetas da Primeira Guerra Mundial. Que memórias restam? Quais são os testemunhos disponíveis em formato físico, narrativo, gráfico ou outro? Que perspetiva única poderá ser útil para trabalhar com os média com base nos vários temas?



Gostava de conseguir estalar os dedos e parar a guerra!
Quando penso na guerra, penso como seria lá estar.

Jonathan, Inglaterra, 12

Reflexão e ação

A Primeira e a Segunda Guerras Mundiais foram dois dos conflitos mais destrutivos da história recente. No entanto, também foram pontos de viragem na forma como percecionamos a guerra, e, conseqüentemente, poderão conduzir a uma paz duradoura no futuro. Por exemplo, as guerras levaram à fundação das primeiras organizações internacionais cujo mandato é a criação de uma paz duradoura.

Atualmente, o mandato da UNESCO, a agência da Nações Unidas especializada em questões educativas, científicas e culturais, inclui a construção da paz. Na constituição da UNESCO, os Governos dos Estados Partes declararam em nome dos seus povos que acreditam que ‘uma vez que as guerras começam nas mentes dos homens, é nas mentes dos homens que devem ser erguidos os baluartes da paz.’ A divulgação alargada da cultura e da educação da humanidade para a justiça, a liberdade e a paz foi considerada indispensável para a dignidade de todos os seres humanos.

A partir destes valores, centramos o processo educativo numa melhor compreensão do mundo atual e nas futuras escolhas de vida dos alunos. Entre outras coisas, isto implica o respeito por princípios democráticos, a valorização da diversidade social e cultural, e a aceitação da responsabilidade.

No entanto, uma visita a um sítio histórico de património cultural subaquático, ou a visualização de um filme ou documentário, não é um antídoto contra o pensamento extremista ou uma atitude de desrespeito. Além disso, se os alunos forem confrontados com um discurso demasiado moralista, existe o risco de ser contraproducente. É importante que os alunos não absorvam simplesmente as lições bem intencionadas, mas que procurem ativamente temas sobre os quais querem aprender. Não lhes devemos dizer o que pensar, os alunos deverão pensar por si próprios.

A secção seguinte explica como atingir estes objetivos.



Sonho com o dia em que já não haja guerra, em que haja igualdade de género e cor, e em que todas as pessoas tenham direito à educação, sem custos.

Freya, Irlanda, 12

IV. Educar para um futuro melhor

‘A paz é o caminho’, disse Mahatma Gandhi. Esta afirmação parece óbvia, e quase demasiado simples. No entanto, todos os dias experienciamos que na realidade não é nada simples. Lidar com a vida de uma forma pacífica é, aparentemente, algo que precisamos de ensinar a nós próprios e às nossas crianças. Como é que podemos fazer isto? Como é que organizamos este processo de aprendizagem e definimos os seus moldes e conteúdos? Qual é o lugar do perdão e da reconciliação? Neste contexto, quão importante é a compreensão do património? A educação tenta fornecer uma resposta a estas questões.



Um aluno da escola primária apaga o quadro da sua sala de aula, em Harare, na Etiópia. © Eskinder Debebe/Foto da ONU.

Nas últimas décadas, a ênfase dada à educação para a paz tem aumentado sistematicamente. O nosso objetivo é educar as crianças para que se tornem cidadãos pacíficos, envolvidos e cosmopolitas, que conseguem participar em eventos a nível local, nacional e internacional. Para esse efeito, tentamos fornecer-lhes os conhecimentos, os valores e as competências necessárias. Se a paz é uma casa em que as pessoas podem viver confortavelmente e em segurança, que alicerces devemos utilizar para a construir? Nesta secção, fornecemos uma lista de experiências e ideias que produzem pontos de interesse concretos, como pistas de ensino – através do exemplo do património cultural subaquático – e reflexões de ensino sobre a paz, a reconciliação, os direitos humanos e a tolerância nos dias de hoje.

Alicerces para a educação para a paz através do patrimônio



Neste Dia Internacional da Paz, vamos comprometer-nos a ensinar às nossas crianças o valor da tolerância e do respeito mútuo. Vamos investir nas escolas e nos professores que vão construir um mundo justo e inclusivo que aceita a diversidade. Vamos lutar pela paz e defendê-la com toda a nossa força.

*Ban Ki-moon, Secretário-Geral das Nações Unidas
no Dia Internacional da Paz, 21 de setembro de 2013*

Eu, eu mesmo e os outros

Alicerce:

Ajudamos as crianças a compreenderem o quão enriquecedora é a diversidade cultural, e ensinamo-las a porem-se no lugar de pessoas que pensam de forma diferente, que se comportam de forma diferente, ou que sejam diferentes. Ensinamos-lhes que todas as pessoas têm as suas qualidades e defeitos, e ensinamos-lhes valores como solidariedade e igualdade.

Este planeta é habitado por aproximadamente 7,2 mil milhões de pessoas, e todas as pessoas são diferentes. O autorespeito e o respeito pelos outros começam pela aceitação da diversidade cultural sem outros juízos de valor. Apesar de algumas diferenças serem totalmente visíveis e exteriorizadas – o género, a etnia, a idade – outras, como os desejos, as necessidades, as expectativas, a preferência sexual, a personalidade, e o nível de escolaridade, são menos visíveis. Cada pessoa é uma combinação única destas características diferentes. Por vezes, podemos ter a tendência de atribuir diferentes classificações a estas características. Os homens ainda são colocados acima das mulheres, as crianças são tratadas como sendo inferiores aos adultos, as pessoas com incapacidade têm mais dificuldade na sua integração na sociedade, algumas pessoas acham que pertencem a uma raça superior, etc. Ao contrário de uma atitude não violenta que se centra na igualdade e na solidariedade.

Quando abordamos a diversidade de uma forma positiva, criamos uma atmosfera em que todas as pessoas se sentem seguras e confortáveis. A longo prazo, a ênfase da diversidade das características humanas produzirá um equilíbrio entre as pessoas que participam na sociedade - imigrantes e nativos, pessoas com e sem incapacidade, homens e mulheres, e pessoas com e sem formação superior.

“A melhor maneira de corromper um jovem é ensiná-lo a admirar aqueles que pensam como ele e não aqueles que pensam de forma diferente.

Friedrich Nietzsche

de Pista de ensino

Diferentes janelas para o mundo

Nenhuma criança entra na escola como um ‘livro em branco’. Todas as crianças têm uma vida familiar diferente, e todas as crianças têm diferentes experiências de vida, sentimentos, interesses, forças e peculiaridades. Desde a creche que as crianças experienciam diversos desenvolvimentos nas suas vidas. Contam histórias sobre as suas experiências, permitindo abrir uma janela para o seu mundo e proporcionar uma preciosa fonte de intercâmbio. O conhecimento destas experiências poderá dar-nos as bases necessárias para o reconhecimento mútuo, a aceitação, o respeito e a amizade. Além disso, estas histórias fornecem um manancial de material inspirador sobre a vida quotidiana, assim como as semelhanças e as diferenças entre as pessoas. Quando os professores proporcionam esta oportunidade aos seus alunos, estas histórias surgem naturalmente.

oe Opções de ensino



Prato com motivos florais em losango do navio naufragado Belitung, ArtScience Museum, Singapura, Fotografado por Jacklee, wikicommons.
http://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Ceramics_recovered_from_the_Belitung_shipwreck

Intercâmbio de Diversidade – um exemplo de património cultural subaquático

Num navio naufragado do século IX, descoberto por caçadores de tesouros ao largo da Indonésia e mais tarde apelidado de Belitung, foram encontrados vários pratos chineses. Antes da descoberta do Belitung, os historiadores pensavam que na Dinastia Tang a China usava como rota comercial a Rota da Seda da Ásia Central, apesar dos registos antigos revelarem frotas persas que navegavam nos mares do Sudeste Asiático. O dhow Belitung confirma que grande parte do comércio era realizado ao longo da Rota Marítima da Seda.

No interior do *dhow* havia centenas de grandes jarros de faiança, que por sua vez armazenavam centenas de taças. Foi aí que foram encontrados três pratos com motivos florais em losangos rodeados por ramos de folhagem. Pensa-se que são os exemplares completos mais antigos de cerâmica chinesa azul e branca. Estes exemplares mostram que os artesãos chineses já faziam uso do azul cobalto vindo do Iraque, que aplicavam como pintura decorativa sob o vidrado, cerca de 500 anos antes da famosa porcelana azul e branca do século XIV. Antes da descoberta do *dhow*, os pigmentos de azul cobalto só tinham sido encontrados no Médio Oriente.

Curiosamente, o navio data da época em que os produtos chineses transformaram as tradições cerâmicas do Médio Oriente. A porcelana branca da china foi importada e copiada por artesãos da Mesopotâmia que produziam cerâmica clara de origem calcária com vidrados de óxido de estanho. A faiança chinesa com vidrado verde e branco também foi copiada. As formas e os ornamentos chineses influenciaram a cerâmica islâmica, sobretudo a forma de taça em faiança branca com pé em disco, e os estilos largos e abstratos de decoração vidrada utilizados em faiança policromática de locais como Changsha no sul da China.

A maioria da carga cerâmica do Belitung do século IX era faiança dos fornos de Changsha – revelando que os artesãos mesopotâmicos copiavam a porcelana chinesa, e os artesãos chineses utilizavam o cobalto trazido pelos navios que vinham da Mesopotâmia.

É óbvio que o mundo marítimo influenciou ambas as tradições, e este património cultural subaquático proporciona-nos uma perspetiva diferente desse mundo.



A paz é honestidade e relaxamento. É viver em harmonia e tolerância com tudo à nossa volta.

Laura, Dinamarca, 12

Respeito e conexão

Alicerce:

Ajudamos as crianças a desenvolverem um sentimento profundo de respeito pelos outros e por outras culturas através da criação de várias experiências de conexão, assim como através da estimulação da capacidade da criança de sentir empatia.

Sem respeito, é impossível conseguir uma sociedade pacífica. Além disso, o respeito não se refere apenas à nossa atitude para com os seres humanos. Destruir o património, sujar os espaços públicos, destruir ou danificar os pertences de outras pessoas, gritar, insultar os outros, fazer muito barulho, intimidar um colega de turma são apenas alguns exemplos de formas do comportamento desrespeitoso que é frequentemente expresso pelas crianças (e adultos).

Os estudos mostram que no caso de comportamento desrespeitoso a ligação entre o perpetrador e a vítima é limitada, ou até inexistente. A visão do mundo do perpetrador não inclui as experiências, emoções ou percepções que o ligam à sua vítima. Consequentemente, o culpado não é capaz de sentir empatia, e não será dissuadido por sentimentos de culpa, vergonha ou arrependimento.

Ou seja, é importante as crianças terem experiências de conexão que estimulem a sua capacidade de sentir empatia e lhes proporcionem a oportunidade de crescer, para que assim desenvolvam uma atitude respeitosa relativamente ao seu meio envolvente. Qualquer pessoa que se sinta ligada ao seu ambiente ou património, terá uma abordagem de vida mais afetuosa e pacífica. Irão respeitar e valorizar as outras pessoas e, consequentemente, cuidarão delas.



Jovem a trabalhar em património subaquático © Tommy Bay/Museu Strandingmuseum St George, na Dinamarca.

oe Opções de ensino

Aprender a articular-se

Uma criança que aprenda a valorizar o património irá valorizar os sucessos dos seus antecessores, e uma criança que sinta que faz parte de um grupo também irá valorizar e proteger o património cultural, tanto material como imaterial. Isto poderá acontecer a nível local, por exemplo, cuidar de edifícios antigos ou fazer voluntariado numa campanha de preservação, ou a nível global, por exemplo, ter preocupações pela preservação de património importante para toda a humanidade.

Desenvolver empatia

A Sociedade de Arqueologia Náutica do Reino Unido criou um programa chamado ‘Adote um Navio Naufragado’. Este programa encoraja o público a registar, de forma ativa e não intrusiva, os sítios de património cultural subaquático que visitam. Todas as pessoas que adotaram um sítio e que cuidam dele são encorajadas a candidatar-se ao Prémio Anual do programa Adote um Navio Naufragado. Apesar do título sugerir um navio naufragado, não terá obrigatoriamente de assim ser. Em terra, existem diversas obras portuárias e edifícios com ligações náuticas, habitações costeiras, cascos, e outro material de interesse arqueológico que pode ser protegido. Até ao momento já foram adotados 120 sítios, no Reino Unido e no estrangeiro.

Para obter mais informação, consulte:

www.nauticalarchaeologysociety.org/content/adopt-wreck-scheme



A paz é como um prado, com o sol a brilhar, as pessoas a sorrirem, as pessoas são amigas dos coelhos e dos pássaros, das árvores e também de todas as outras pessoas.

Natasha, 12

Direitos e obrigações, liberdades e responsabilidades

Alicerce:

Ajudamos as crianças a descobrirem que os direitos e as obrigações são necessárias para assegurar uma sociedade saudável para todos, e que os direitos e as obrigações requerem uma participação, uma responsabilidade e uma cidadania ativas. Ensinamo-las a investigarem as fronteiras da liberdade.

A sociedade precisa de regras e acordos, senão degenera e torna-se caótica. Essas regras e acordos traduzem-se em direitos e obrigações. Baseiam-se no comportamento que consideramos honesto e justo, e que assegura que conseguimos conviver de forma digna, respeitosa, segura e confortável.

Os direitos e as obrigações apoiam e protegem as pessoas, mas também implicam responsabilidades. Invocam sentimentos de solidariedade e cidadania, e apelam à consideração e à tolerância. Por vezes, as crianças exigem os seus direitos, sem terem consciência de que devem dar algo em troca.

Opções de ensino

Sensibilizar para os direitos e as obrigações.

Para as crianças adquirirem consciência dos seus direitos e das suas obrigações, podemos apresentar exemplos da vida quotidiana, como sítios de património cultural ou museus – deverão estar relacionados com o contexto marítimo da Primeira Guerra Mundial. Se não existissem regras e todas as pessoas pudessem levar para casa um bocado do sítio, mais tarde ou mais cedo não restaria nada.

Pista de ensino

Quão óbvios são os nossos direitos?

As pessoas que nasceram depois da Segunda Guerra Mundial muitas vezes não se apercebem que são os direitos humanos fundamentais que possibilitam grande parte das suas vidas. Isto pode ser ilustrado através de um exercício simples. Pergunte aos seus alunos (ou a outros adultos) o que fizeram no dia anterior, e debata quais os direitos fundamentais que permitiram a realização dessas atividades. Serão mencionados vários direitos. De manhã, as pessoas leem o jornal ou ouvem rádio (direito à liberdade de expressão). As pessoas usam os transportes públicos para chegar à escola ou ao trabalho (direito à liberdade de movimentos, direito à educação, direito ao trabalho). No decurso de uma aula de religião ou ética, surge um debate aceso sobre uma questão social ou ética (direito à liberdade de pensamento, consciência ou religião, direito à liberdade de expressão). Durante o intervalo do almoço, há uma reunião da associação de estudantes (direito à liberdade de reunião), e por aí em diante. É habitual considerarmos que estes direitos são dados adquiridos, mas em muitos países alguns destes direitos, ou até mesmo todos, não existem ou são frequentemente violados, para algumas ou todas as pessoas.



Visão alargada da câmara do Conselho de Direitos Humanos durante a 19ª sessão do segmento de alto nível do Conselho, 29 de fevereiro de 2012, em Genebra, na Suíça. © Jean-Marc Ferré/Foto da ONU.

O direito ao tesouro individual?

Devido à propensão para tempestades, a costa da Florida é especialmente rica em naufrágios antigos. Alguns dos navios continham uma carga valiosa e variada porque transportavam minerais preciosos das colónias espanholas da América para Espanha. Assim, estes navios proporcionam um retrato da vida quotidiana da época e poderão transformar-se em atrações turísticas únicas, desde que seja assegurado um acesso responsável e que não sejam destruídos.

No entanto, uma vez que a caça ao tesouro é legal na Florida desde a década de 1960, já foram destruídas frota inteiras de navios naufragados, sendo a sua carga vendida. Muitos dos sítios já desapareceram. Mesmo quando é óbvio que não contêm nenhum tesouro, os navios são desmantelados para divertimento de caçadores de tesouros amadores, a caçar em zonas que apelidaram de a ‘costa do ouro’ e a ‘costa dos tesouros’.

‘A caça ao tesouro é uma das poucas indústrias em que as pessoas ainda podem usar a sua força e sagacidade para ganhar dinheiro através do que consigam encontrar’, disse um caçador de tesouros numa entrevista em 2010. ‘O oceano não quer saber quem somos ou o que temos. Se formos suficientemente espertos para encontrarmos o tesouro, pode-nos sair a sorte grande.’

Em 1990, Peter Throckmorton, arqueólogo subaquático pioneiro, escreveu no seu conhecido artigo, 'A economia da caça ao tesouro com comparações com a vida real', que:

Aquilo que era um passatempo de fim de semana relativamente inofensivo como praticado nas Ilhas Keys... transformou-se numa corrida ao ouro... A política da Florida em termos de antiguidades subaquáticas já custou milhões ao Estado. O Estado tem direito a 25% dos tesouros encontrados, sendo que nos últimos 20 anos tal percentagem ascende apenas aos 5 milhões de dólares. O museu estadual da Florida tem aproximadamente 1.500 moedas de ouro que valem 2.000 dólares cada, e cerca de 20.000 moedas de prata que valem entre 80 a 150 dólares cada. Isto representa os 25% de todos os tesouros recuperados na Florida antes de 1982. O custo de manutenção da coleção já ultrapassou o seu valor, sobretudo se incluímos os custos relacionados com os processos judiciais que resultaram da política do Estado. Se a Florida tivesse usado o dinheiro do Estado e tivesse investido 10 milhões de dólares em dois grandes museus marítimos na década de 1960, ao invés de conceder alugueres a empresas de recuperação de tesouros, todos os anos o Estado ficaria quase 500 milhões de dólares mais rico, se o exemplo sueco [do museu Vasa] se aplicar à Florida.

Atualmente, há grupos de arqueólogos marítimos americanos que estão a lutar para que a caça ao tesouro em navios naufragados seja proibida. Estes arqueólogos consideram que no fundo a caça ao tesouro é uma pilhagem, com autorização do Estado, de sítios históricos que pertencem à humanidade e não a apenas alguns indivíduos.



Gosto do património cultural subaquático porque nos relembra que nem tudo é nosso.

Kayla, Irlanda, 12

Falar e escutar

Alicerce:

Ajudamos as crianças a expressarem o que sentem numa atmosfera relaxada e segura, e ensinamo-las a escutarem os outros, permitindo que resolvam os conflitos sem recorrerem à violência ou sem quererem ultrapassar, humilhar ou ridicularizar os outros.

Se ambas as partes comunicarem e escutarem, o conflito pode ser revertido. Isto poderá parecer simples, mas é fácil deixarmo-nos levar pela vontade de evitar a conversação e o confronto no decurso de um conflito, uma vez que os mecanismos de defesa e o receio de

confrontar os interesses pessoais e as seguranças, e a possibilidade de as perder, impedem a resolução. Se a situação se transformar num confronto, a pessoa que empregar algumas técnicas comuns como dizer piadas ou vociferar, poderá ficar em vantagem. Da mesma forma, existem diversas emoções violentas e incontroladas que podem sabotar qualquer tentativa de estabelecer um diálogo construtivo.

Pista de ensino

Algumas pistas para lidar com conflitos:

1. Tente descrever, da forma mais precisa e clara possível, o que o/a incomoda sem atacar ou julgar os outros.
2. Escolha o momento certo, tente manter a calma e acreditar que o conflito será resolvido.
3. Limite-se ao conflito em questão; não mencione outros conflitos.
4. Escute e mantenha abertura de espírito relativamente aos pontos de vista da outra parte; tente encontrar pontos comum, e não diferenças.
5. Encontre soluções criativas e tente chegar a um acordo. Alguns conflitos não são fáceis de resolver e outros nunca desaparecem totalmente.

Conhecimento e pensamento crítico

Alicerce:

Ajudamos as crianças a melhorarem o seu discernimento através da estimulação do pensamento crítico e da colocação de perguntas. Além disso, ensinamos-lhes a necessidade de adquirir conhecimento antes de fazer juízos de valor, e ajudamo-las a interpretar a informação que recebem através dos diferentes tipos de meios de comunicação.

Existem muitas formas de transmitir conhecimentos: cursos, livros, DVDs, vídeos, televisão, jogos de mesa, internet, workshops, etc. Neste aspeto, é importante não só que as crianças conheçam os factos, mas também que aprendam a refletir sobre os mesmos antes de tirarem conclusões precipitadas, ou, neste caso, antes de fazerem juízos de valor precipitados. Na escola, cada uma das disciplinas influencia o pensamento dos alunos de uma forma muito específica. Por exemplo, numa aula de história as crianças aprendem não só os factos históricos, mas também a pensarem de forma crítica.

Na educação para a paz, é essencial encorajar as crianças a fazerem perguntas para estimular as suas capacidades críticas. É importante que as crianças tenham a noção de que o nosso conhecimento é sempre limitado e parcial, não apenas devido ao nosso contexto

cultural e social, mas também como consequência das nossas fontes de informação. Tal como a história dos quatro cegos e do elefante mostra,¹ a experiência de uma pessoa pode ser real, mas é apenas uma parte da realidade, e nunca poderá abranger toda a verdade.

Na realidade, ninguém sabe toda a verdade. As pessoas sabem apenas uma pequena parte. O mundo é muito diferente conforme os diferentes pontos de vista. Por vezes somos manipulados, de forma consciente ou inconsciente. Seja como for, os nossos noticiários fornecem apenas uma seleção dos eventos e das histórias do mundo, e que, na maioria dos casos, também são influenciados pelo nosso pensamento ocidental.

Algumas pessoas ou organizações enganam-nos com meias verdades ou até mentiras para nos conquistarem. As mensagens tendenciosas e incompletas, a propaganda, a manipulação, os rumores, e os preconceitos podem ludibriar-nos. Nestas situações, descobrimos a importância de fazer perguntas críticas.

Prática de ensino

- ▶ As crianças mostram interesse pelo passado, presente e futuro. As crianças aprendem que existem diferentes razões para ficar com medo, zangado, feliz ou triste.

A aprendizagem é um processo continuado ao longo da vida que pode ocorrer em qualquer altura e em qualquer lugar. Filosofar com os jovens numa atmosfera de aprendizagem relaxada é muito estimulante. Os alunos fazem a sua própria investigação, enquanto o mentor escuta e facilita o processo. É possível filosofar com crianças desde cedo.

Por exemplo, a escola pré-primária financiada pela cidade de Antuérpia, 't Vliegertje, organizou um projeto filosófico com as suas crianças mais jovens. Este projeto transformou-se numa forma integrada de aprender sobre o património cultural subaquático e a educação para a paz, uma vez que se baseava tanto em conhecimento como em empatia, adaptado aos valores atuais. Este projeto também estava ligado aos objetivos de desenvolvimento nacional para jardins de infância.

Através de conversas de grupo sobre artefactos de sítios subaquáticos, o termo 'património' foi definido de forma mais clara. Após a visita ao museu local MAS (Museum at the Stream), foram estabelecidas ligações a outros conceitos, sobretudo através das perguntas

1 Em várias versões do conto, quatro homens cegos tocam no elefante para descobrir como é a sensação. Cada um toca numa parte diferente do corpo, como a cabeça ou a presa. Depois comparam as sensações e discordam completamente. Em algumas versões do conto, os homens acabam por se envolver num conflito violento, noutras, param de falar, começam a escutar e a colaborar para 'ver' o elefante todo. Quando um homem visual passa e vê o elefante todo ao mesmo tempo, também descobrem que eram cegos. Apesar da experiência subjetiva de uma pessoa ser verdadeira, poderá não corresponder a toda a verdade.

colocadas pelas crianças quando regressaram à sala de aula. Aparentemente, este tipo de visitas despoleta uma série de perguntas por parte das crianças. Elas colocam estas perguntas não só para expressarem a sua admiração pelo que viram, mas também porque ao pensarem nas respostas melhoram a sua capacidade de se orientarem no mundo. A principal vantagem das crianças mais jovens é que não são influenciadas por conhecimentos pré-existentes do mundo. Apesar de habitualmente estarem à espera que os adultos lhes deem as respostas, não é e não deverá ser assim: os professores deverão ensinar e estimular as crianças a pensarem por si próprias.

Durante as conversas filosóficas com as crianças mais jovens, foram explorados diferentes conceitos, como os navios históricos, os transportes, os portos, a diversidade e os direitos.



Crianças a construírem um submarino © Escolas Municipais da Cidade de Antuérpia.

Preconceitos, estereótipos e discriminação

Alicerce:

Ajudamos as crianças a reconhecerem o preconceito em si próprias e nos outros, e realçamos que o preconceito pode levar à discriminação, mas que a discriminação também poderá dar origem ao preconceito.

Os preconceitos não são inatos, mas sim adquiridos, contudo ninguém está livre deles. Alguns preconceitos estão tão incorporados numa determinada cultura que são difíceis de reconhecer. Já foram realizados muitos estudos para determinar as causas do preconceito. Os estudos sociológicos indicam que os preconceitos são determinados por fatores sociais, como as questões metropolitanas, as taxas de desemprego, os padrões competitivos de papéis sociais, etc. Por outro lado, os historiadores acham que certos preconceitos só podem ser compreendidos de um ponto de vista histórico. Por exemplo, a escravatura poderá

explicar os preconceitos para com os afro-americanos. Para os psicólogos, o preconceito é um processo psicológico universal que está ligado à frustração, e ao facto de a raiva que resulta dessa frustração ser direcionada para um bode expiatório inocente.

Onde existem preconceitos, muitas vezes também existem estereótipos e discriminação. Atualmente, somos capazes de brincar com esses estereótipos, e ninguém se atreveria a falar de diferentes culturas dessa forma pouco sofisticada. No entanto, a sociedade está em constante mudança, e são criados novos estereótipos, que são mais difíceis de reconhecer.

A discriminação acontece quando as pessoas são tratadas de forma diferente por pertencerem a um determinado grupo. Existem muitos tipos de discriminação, dependendo de quem é excluído e porquê. Os tipos de discriminação mais comum incluem a discriminação pessoal (e.g. um Diretor Geral exclui alguém por ser uma mulher) e a discriminação institucional (e.g. a exclusão de pessoas negras pelo regime do Apartheid da África do Sul, ou a exclusão dos judeus por parte dos nazis antes e durante a Segunda Guerra Mundial). No entanto, nem toda a discriminação é errada. Por exemplo, a discriminação positiva pode ser útil para criar oportunidades para uma determinada minoria ou grupo que de outra forma não seria incluído.

Os estereótipos, os preconceitos e a discriminação poderão ser desagradáveis, mas não têm de ser necessariamente prejudiciais. Contudo, tornam-se perigosos quando surgem em conjunto e se reforçam mutuamente. Por exemplo, quando uma determinada cultura discrimina sistematicamente um determinado grupo, este comportamento também poderá dar origem a preconceitos e estereótipos. Numa cultura em que as mulheres e as crianças são continuamente excluídas, é mais provável que as pessoas desenvolvam preconceitos negativos e percepções estereotipadas.

Viver sem preconceito

No final da exposição sobre tolerância no Centro para a Tolerância em Los Angeles, os visitantes encontram duas portas: uma diz 'PRECONCEITUOSO' e a outra diz 'SEM PRECONCEITO'. Se abrir a porta que diz 'SEM PRECONCEITO', irá encontrar uma parede. A mensagem é clara: todas as pessoas são preconceituosas.

Os preconceitos generalizam e é frequente conterem ideais tendenciosas sobre um grupo e os seus membros. De certa forma, os preconceitos são uma proteção – protegemo-nos do que é diferente ou estranho. Em princípio, isso não é errado. Se tivermos a noção de que somos todos preconceituosos, podemos dar o primeiro passo para reconhecer esses preconceitos e assegurar que são negociáveis. Desta forma, conseguimos controlar a sua influência negativa.

Lidar com os conflitos de forma não violenta

Alicerce:

Ajudamos as crianças a desenvolverem competências sociais, e ensinamos-lhes que quando existe um desentendimento devem procurar soluções que beneficiem todas as partes. Estimulamos a cooperação em vez da competição.

Os conflitos estão presentes em toda a parte, desde discussões em casa a desentendimentos com vizinhos e crises internacionais. Fazem parte da vida, e nunca seremos capazes de os erradicar completamente. No entanto, por vezes os desentendimentos podem ser úteis – proporcionam a oportunidade de reajustar situações erradas, de alterar padrões implementados, de conhecer os desejos e valores da outra pessoa através de um confronto, de fortalecer uma relação, ou até de criar um sentimento de espírito de equipa. É frequente as crianças entrarem em conflito com os seus pais ou educadores, porque no decurso do processo de crescimento pessoal querem explorar e superar as suas fronteiras. Consequentemente, o conflito em si não é certo nem errado. É apenas uma expressão de interesses, conhecimentos, opiniões ou desejos contraditórios. A forma como lidamos com o conflito irá determinar se o mesmo é construtivo ou destrutivo.

De facto, uma atitude não violenta requer um espírito de luta, resiliência e ação, mas sem o uso de violência. Afinal a violência nunca proporciona uma solução duradoura e acarreta sempre um comportamento mais violento.

Gandhi realçava o facto de ser necessário todas as partes encontrarem uma solução conjunta – uma solução que seja aceitável para todos – e isto deverá acontecer através de um comportamento não violento, assim como através do seu amor pela vida e pelo outro. Só assim é que os conflitos podem desenvolver-se de forma construtiva. Ou, expresso de uma forma mais poderosa – a essência da não violência é a inclusão dos outros na busca de uma solução. A essência da violência é a sua exclusão.

HMS *Swift*

Em março de 1770, o navio britânico HMS *Swift*, que navegava ao largo da Argentina, embateu numa rocha não mapeada e naufragou. O *Swift* permaneceu escondido durante mais de um século até ser redescoberto por mergulhadores locais. A escavação do navio naufragado resultou num vasto manancial de informação sobre a vida no final do século XVIII. O Museu Municipal Mario Brozoski em Puerto Deseado, na Argentina, tem agora uma extensa coleção de artefactos encontrados no navio.

Foi feita uma descoberta interessante no decurso da escavação, que poderia ter causado problemas, mas que foi resolvida de forma muito amigável.

Durante o naufrágio a tripulação abandonou o navio, mas o cozinheiro e dois marinheiros do *Swift* afogaram-se. O corpo do cozinheiro foi recuperado e enterrado, mas os corpos dos dois marinheiros, Robert Rusker de 21 anos e John Ballard de 23 anos, nunca foram encontrados. Em 2005, os mergulhadores que trabalhavam sob supervisão da Dra. Dolores Elkin descobriram um osso do pé num sapato perto da cabine do capitão no navio. Assim que fizeram a descoberta, pararam de trabalhar e contactaram o Adido da Defesa do Reino Unido em Buenos Aires. Receberam autorização para continuar a procurar e recuperaram um esqueleto inteiro. Os testes subsequentes determinaram que se tratava de um homem dextro, com 1,70 metros de altura e aproximadamente 25 anos de idade. Recorrendo aos registos surpreendentemente completos e detalhados da Marinha Real, foram feitas tentativas de encontrar os descendentes do homem através de testes de ADN, mas sem sucesso.

A 2 de março de 2007, os restos mortais foram enterrados pelos britânicos e argentinos na seção das Sepulturas de Guerra do Cemitério de Chacarita com uma campa que dizia apenas 'um marinheiro desconhecido, HMS Swift, 13 de março de 1770'.

Para obter mais informação, consulte:

www.interpatagonia.com/paseos/museo-mario-brozoski/index_i.html



A violência, sobretudo a guerra, é uma forma horrível das pessoas expressarem a raiva.

Victoria, Áustria, 13

A agressividade e a prevenção da violência

Alicerce:

Ajudamos a crianças a refletirem sobre a sua própria agressividade e os seus impulsos violentos. Ensinamo-los a usarem a força da raiva de uma forma construtiva. Ensinamo-los a serem resilientes, mas ao mesmo tempo a respeitarem os outros.

A raiva é uma emoção humana normal, que muitas vezes é expressa através de comportamento agressivo positivo ou negativo. Todas as pessoas precisam de um pouco de

agressividade para viverem em sociedade. A agressividade é um dos nossos instintos de sobrevivência. Quem compreender o seu poder poderá escolher entre usá-la de uma forma positiva ou negativa. Os problemas só surgem quando a resposta agressiva não é proporcional ao que motivou o comportamento e degenera em violência. A violência é um comportamento descontrolado que habitualmente é explosivo e combativo.

A violência nunca é construtiva. A violência prejudica intencionalmente os seres humanos, os animais e o nosso meio envolvente. Detetamos mais facilmente a violência física, como esbofetear, arranhar, pontapear, cuspir, puxar os cabelos e partir coisas. Todas as crianças fazem estas coisas. Apesar de a violência física ser bastante devastadora, as formas de violência verbal, emocional e psicológica podem ser ainda mais prejudiciais. Estes tipos de violência incluem ameaçar, ignorar, excluir, insultar e ridicularizar.

Na vida, existem momentos em que experienciamos a violência quer como perpetradores, vítimas ou testemunhas. Neste aspeto, a dinâmica de grupo e a psicologia de grupo desempenham um papel importante. Os estudos mostram que as pessoas em grupos são mais suscetíveis à violência. As pessoas têm mais tendência para a violência quando se sentem apoiadas por um grupo. Assim, e uma vez que a violência é perpetrada com base no desejo de fazer parte de um grupo, ou no receio de ser excluído do grupo, as crianças são mais vulneráveis que os adultos.

Para se sentirem seguras, as pessoas precisam de ser autoconfiantes e resilientes. No entanto, isto pode transformar-se em agressividade negativa quando as pessoas se convencem de que têm razão, e querem impor as suas próprias ideias sem terem em consideração as consequências para os outros. Numa situação destas, o respeito é extraordinariamente importante. As crianças devem aprender que é necessário defenderem as suas ideias sobre problemas ou abuso, mas que também precisam de escutar os argumentos da oposição.

Crianças-soldado

Muitos dos jovens que serviram na Primeira Guerra Mundial, em terra e no mar, eram, de acordo com o nosso entendimento atual da expressão, crianças-soldado.

A UNICEF define uma criança-soldado como qualquer criança, rapaz ou rapariga, com menos de 18 anos, que faça parte de qualquer força armada ou grupo armado, regular ou irregular, em qualquer qualidade, incluindo, mas não limitado a: cozinheiros, carregadores, mensageiros, e qualquer pessoa a acompanhar tais grupos que não seja um membro da família. Inclui raparigas e rapazes recrutados para efeitos de abuso sexual e/ou casamento forçado. Consequentemente, a definição não se refere apenas a crianças que empunham, ou empunharam, armas (Baseado nos 'Princípios da Cidade do Cabo', 1997).

Segundo os relatórios da UNICEF², aproximadamente 300.000 crianças com menos de 18 anos estão atualmente envolvidas em mais de 30 conflitos em todo o mundo. As crianças são usadas como combatentes, mensageiras, carregadoras, cozinheiras e escravas sexuais. Algumas são raptadas outras são recrutadas à força, enquanto outras são levadas a aderirem devido à pobreza, à discriminação, ou a um desejo de vingar a violência contra elas ou as suas famílias. As crianças separadas das suas famílias, desalojadas das suas casas, a viverem em zonas de combate, ou com um acesso limitado à educação têm maior probabilidade de se tornarem crianças-soldado. Para algumas crianças, aderirem a grupos armados é a única forma de garantirem comida e sobrevivência.



Ex-Criança-soldado da Somália entregue ao cuidado da UNICEF © Tobin Jones/Foto da ONU.

Em algumas situações, o envolvimento de crianças enquanto soldados em conflitos poderá até ser aceite ou encorajado. As crianças poderão participar de forma voluntária na guerra, sem se aperceberem dos perigos e dos abusos a que serão sujeitas. O mais provável é estas crianças estarem a responder a pressões económicas, culturais, sociais e políticas.

Para obter mais informação, consulte:

www.un.org/cyberschoolbus/childsoldiers/whatsgoingon

<http://teachunicef.org/explore/topic/child-trafficking>

www.unicef.org/emerg/index_childsoldiers.html

A sociedade e o indivíduo

Alicerce:

Ajudamos as crianças a ganharem consciência do papel que podem desempenhar a nível local, nacional e internacional. Estimulamos o empenho e a solidariedade para com os eventos na comunidade, assim como no resto do mundo, e estimulamos o respeito pelo património, mesmo que não lhes pertença.

A relação entre a sociedade e os indivíduos ocorre a vários níveis. O primeiro nível envolve o contacto interpessoal (e.g. relações com pessoas que vemos todos os dias, quer seja em casa, na escola, no trabalho, no nosso bairro, na rua, nas lojas). Apesar de a lei fornecer um enquadramento jurídico para o contacto interpessoal, as pessoas deverão ter a atitude certa para conviverem em harmonia.

O segundo nível diz respeito à relação entre os cidadãos e o Estado. Na sua maioria, estas relações envolvem iniciativas locais e nacionais, que tentam resolver problemas locais e nacionais. Por exemplo, uma comissão distrital envia esforços para tornar os bairros mais seguros, e para fornecer mais atividades recreativas às crianças. A ação política requer que os indivíduos sejam resilientes, responsáveis e empenhados.

O terceiro nível aplica-se às relações entre nações, uma tarefa que está principalmente nas mãos dos governos. Consequentemente, muitas pessoas sentem que o processo político internacional é na realidade uma dança de políticos, diplomatas e forças armadas, e que é pouco relevante para a vida quotidiana dos cidadãos normais. Contudo, os acordos realizados através da cooperação internacional têm frequentemente uma influência direta



A Assembleia Geral reunida para debater questões sobre os Oceanos e o Direito do Mar. © Foto da ONU.

nas nossas vidas cotidianas. Além disso, as questões globais importantes são sempre discutidas a este nível. Assim, a educação para a paz tenta sensibilizar as crianças para o facto de o seu mundo não acabar nas fronteiras da sua cidade ou país, e tenta aumentar o seu envolvimento em eventos mundiais.

A maioria dos conflitos nacionais e internacionais pode ser resolvida de forma democrática, através do debate e da negociação. Contudo, em algumas situações, o debate não consegue produzir uma solução ou resultado. Quando é esse o caso, a luta por um mundo melhor deve ser apoiada por meios não violentos, como greves, redacção de cartas, boicotes, desobediência civil, manifestações, campanhas de sensibilização, ou cessação de parcerias.

O motim de Kiel

Os navios *Friedrich der Grosse*, *Helgoland* e *Thüringen*, que pertenciam ao Império Alemão, iam participar numa ação final da frota no final de outubro de 1918, apenas dias antes do Armistício pôr fim à guerra. A maioria da Frota de Alto-Mar planeava deixar a base de Wilhelmshaven e enfrentar a Grande Frota Britânica. O Grande Almirante Scheer queria infligir o máximo de danos possível à Marinha Britânica para melhorar a posição de negociação da Alemanha, apesar das baixas que daí resultariam. No entanto, muitos dos marinheiros, já fartos da guerra, achavam que a operação poderia pôr em risco o processo de paz e prolongar a guerra. Além disso, também não queriam morrer desnecessariamente. Contudo, na manhã de 29 de outubro de 1918, foi dada a ordem para a partida de Wilhelmshaven no dia seguinte.

Um dos marinheiros reconta que dia 28 de outubro de 1918, o Capitão-Tenente Rudloff em pé na sala dos oficiais do *Thüringen* com um copo de champanhe na mão disse, ‘Vamos disparar as nossas últimas duas mil munições contra os ingleses e depois vamos perecer em glória. Para a cavalgada da morte da frota alemã.’ No entanto, os marinheiros que o miravam através da claraboia que dava para a sala dos oficiais tinham algo diferente em mente.

Na noite de 29 de outubro, teve início o motim de muitos dos marinheiros a bordo de vários navios de guerra, incluindo o *Thüringen*. Os fogueiros desligaram as caldeiras e recusaram-se a trabalhar. No dia seguinte, para intimidar os amotinados, os torpedeiros *B110* e *B112*, e o U-boat *U-135* aproximaram-se e apontaram aos canhões ao navio dos amotinados. Uma percentagem significativa da tripulação, 314 marinheiros e 124 fogueiros, foi presa e retirada do navio, mas não foi o suficiente para pôr fim ao motim, que rapidamente alastrou ao resto da frota e acabou por dar origem à famosa revolta de Kiel. Os distúrbios acabaram por obrigar os almirantes Hipper e Scheer a cancelarem a

última ação da frota. Quando foi informado sobre o que se passava, o Kaiser alemão declarou, 'Já não tenho marinha'. As portas das celas onde os marinheiros estavam detidos foram arrombadas e os homens foram libertados. O Almirantado em Berlim acabou por finalmente capitular.

Esta revolta dos marinheiros da Frota de Alto-Mar despoletou a revolução alemã, que afastou a monarquia no espaço de apenas alguns dias. A revolta também levou ao fim da Primeira Guerra Mundial e ao estabelecimento da República de Weimar. A 10 de novembro de 1918, o último Imperador Alemão e Rei da Prússia, Wilhelm Hohenzollern, atravessou a fronteira de comboio como um cidadão comum, e foi para o exílio nos Países Baixos, nação que tinha permanecido neutra durante a guerra.

Pista de ensino

Modelo das Nações Unidas

O Modelo das Nações Unidas, também conhecido como o Modelo da ONU ou MUN, é uma atividade extracurricular em que habitualmente os alunos desempenham o papel de delegados das Nações Unidas e simulam comités da ONU.



Alunos reunidos na sala da Assembleia Geral para a 11ª Conferência Anual do Modelo da ONU, patrocinada pela Organização das Nações Unidas dos Estados Unidos da América (UNA-USA). © Mark Garten/Foto da ONU.

Alguns dos exercícios do Modelo da ONU decorrem na sala de aula ou na escola, enquanto que outros são regionais, nacionais ou até internacionais. Os exercícios regionais, nacionais e internacionais envolvem conferências de maiores dimensões, com participantes de todo o mundo. Desde que a conferência se tornou conhecida, há cerca de 50 anos atrás, mais de um milhão de pessoas já participaram nas conferências MUN em todo o mundo. No entanto, dependendo do local, uma conferência poderá contar com a participação apenas de 30 alunos ou de 2.000.

O Modelo da ONU estimula o interesse nas relações internacionais e noutros temas relacionados, aumenta a capacidade dos alunos se envolverem na resolução de problemas, transmite conhecimentos relacionados com a resolução de conflitos, transmite competências de investigação e competências de comunicação, e proporciona a oportunidade de conhecer pessoas novas e fazer novos amigos que vêm de contextos culturais diferentes.

www.wfuna.org



Primeiro a paz é um estado de espírito, e depois é então a mudança no mundo e na sociedade

Clara, Espanha, 12

As pessoas, a cultura e o ambiente

Alicerce:

Ajudamos as crianças a descobrirem como podem cuidar do seu meio envolvente, do ambiente e da sua herança cultural. Mostramos-lhes como podem protestar contra uma atmosfera de indiferença e contra sentimentos de impotência.

A violência da guerra nunca é dirigida exclusivamente às pessoas, também é dirigida ao ambiente e à cultura. Por exemplo, durante as guerras as plantações são frequentemente destruídas ou morrem; as pessoas fogem em massa à procura de proteção em cidades densamente povoadas ou em campos de refugiados; as fontes de água potável são envenenadas; as minas terrestres tornam a agricultura impossível; e grande parte do património cultural da nação é destruído ou levado para fora do país.

Claro que o futuro do planeta não é assolado apenas pela guerra. Por exemplo, a atividade industrial é uma das principais causas da poluição em todo o mundo. O património cultural subaquático é apenas um exemplo do que pode ser danificado pela atividade

industrial, uma vez que é ameaçado pela extração de petróleo e minerais, ou usado como uma fonte barata de metal.



Restos do submarino AE2 da Marinha Real Australiana, em Galípoli, na Turquia. © M. Spencer.

No entanto, só quando as necessidades básicas das pessoas forem satisfeitas, é que será dada atenção ao ambiente e à cultura, e serão tomadas medidas para proteger o nosso meio envolvente natural. Isto não quer dizer que as pessoas que sofrem não tenham a tendência inerente de se preocuparem com estas questões. Contudo, em zonas de grande pobreza, as pessoas poderão preferir trabalhar em indústrias altamente poluentes que afetarão a sua saúde e a dos seus filhos, do que não ter qualquer rendimento. Além disso, apesar da desflorestação da floresta tropical ter consequências dramáticas para a natureza e para as pessoas, continua a existir porque o comércio da madeira é uma grande fonte de rendimento para estes países pobres.

Mesmo nos países ricos, em que há paz e em que estas questões fazem parte da agenda política, o ambiente e a cultura continuam a sofrer. O planeta está a ficar sobrelotado, e permitimos a destruição do património e de edifícios antigos, assim como a construção sobre sítios de património, quer em terra quer no mar.

O desenvolvimento de políticas ambientais e culturais sustentáveis, assim como motivar as pessoas a contribuírem para este desenvolvimento, é um dos grandes desafios do futuro. Irá exigir esforços contínuos no futuro, a nível macro e micro. Desta forma, é

fundamental que as crianças adquiram, desde cedo, conhecimentos sobre alternativas que promovem o património e a cultura. Também é importante que sejam ensinadas a cuidar do património e do seu meio envolvente. Por exemplo, as crianças são ensinadas a contribuir para uma gestão de resíduos preventiva, através de medidas que têm como objetivo assegurar que a sala de aula, as zonas de recreio e a cantina da escola são devidamente mantidas. Além disso, devem ser ensinadas a respeitarem os sítios de património e a não desfigurá-los. Um ambiente limpo e um meio envolvente limpo são mais saudáveis, mas também proporcionam uma vida mais agradável, e aumentam a nossa sensação de segurança. Assim, a preservação da cultura proporciona uma sensação única a determinado lugar, e também o transforma num local mais confortável para se viver.

de Pista de ensino

‘Dez mil milhões de tufões trovejantes!’

São poucas as pessoas que têm a noção de que os mares que envolvem a Europa contêm toneladas de resíduos químicos. Ninguém sabe exatamente a quantidade de armas químicas que já foi descartada nestes mares, mas é considerável. Por exemplo, no Mar Báltico, onde os aliados descartaram as munições do arsenal alemão, existem pelo menos 40.000 toneladas de resíduos, das quais uma quantidade significativa contém substâncias tóxicas.

Para poupar dinheiro, os resíduos químicos são frequentemente despejados em águas pouco profundas, em zonas de pesca abundante. Estas armas tóxicas apresentam um risco sério não só para o ambiente, mas também para os habitantes das cidades costeiras, que muitas das vezes são densamente povoadas. Além disso, uma vez que muitas destas operações foram realizadas em segredo, nem sempre é claro quem é responsável. Só mais recentemente é que foi dada mais atenção científica as estas lixeiras subaquáticas. O desenvolvimento lento da consciência desta situação está relacionado com o facto de haver uma falta de relatórios oficiais sobre as operações de despejo, que muitas vezes são realizadas em circunstâncias caóticas logo após a guerra.³ Além disso, a limpeza destas lixeiras seria extraordinariamente complexa e dispendiosa.

Uma das lixeiras subaquáticas mais bem estudada é a ‘Horse Fair’ (Paardenmarkt) – uma lixeira de munições da Primeira Guerra Mundial ao largo da costa da Bélgica. Após a Primeira Guerra Mundial, ficaram na Bélgica grandes quantidades de explosivos. A recolha e o armazenamento temporário de munições em armazéns criou uma situação extremamente perigosa, que causou muitas fatalidades. Uma vez que a situação se tornou

3 Environmental Science and Technology. 2010, 44, 4389–4394. Environmental Hazards of Sea-Dumped Chemical Weapons, Hans Sanderson et al.

insustentável, e que o descarte das munições em terra ainda era muito arriscado, no final de 1919, o governo belga decidiu despejar cerca de 35.000 toneladas de munições no mar. Este despejo foi rapidamente esquecido, e só foi redescoberto em 1971, quando foram encontrados vários obstáculos no fundo do mar no decurso de operações de dragagem a este do porto de Zeebrugge. Após o fundo marinho ter sido analisado por mergulhadores da marinha, foram encontradas munições, incluindo granadas de gás venenoso, em vários sítios. É frequente as pessoas pensarem que o gás venenoso é sinónimo de gás mostarda (também chamado Iperite, porque foi usado pela primeira vez durante a Batalha de Ipres). No entanto, este tipo de gás especificamente é apenas um entre muitas das armas químicas que foram usadas durante a Guerra. Alguns dos outros gases usados incluíam cloropicrina, fosgénio, difosgénio e compostos de arsénico altamente tóxicos. Os gases mostarda compunham apenas um terço das munições químicas descobertas na lixeira subaquática 'Horse Fair'.

Atualmente, a 'Horse Fair' é uma das lixeiras de munições químicas mais bem monitorizada do mundo. O leito marinho foi analisado minuciosamente, e foram até contempladas possibilidades de armazenamento. Além disso, para evitar o pânico foi adotada uma política de maior transparência e abertura para com o público.

Assim, cem anos depois dos eventos, a Grande Guerra ainda tem impacto nas vidas das gerações que atualmente tentam construir um futuro - um futuro que está inevitavelmente ligado a uma ecologia sustentável. Tais estudos de caso dão-nos a oportunidade de desenvolvermos projetos escolares em diferentes disciplinas, como química, línguas, história, biologia e filosofia, e de incluirmos questões entusiasmantes sobre o passado, o presente e o futuro.

Para obter mais informação, consulte:

www.vliz.be/en/de-grote-rede



O património cultural subaquático é um testemunho do nosso passado e se os mares e os oceanos estiverem poluídos, o património será destruído aos poucos por vermes e bactérias, e poderá desaparecer rapidamente.

Patricia, Eslovénia, 12

V. ANEXO I – A UNESCO e a Educação para a Paz

Neste anexo, iremos analisar a génese e o funcionamento das Nações Unidas e da sua agência especializada, a UNESCO, na perspetiva do crescente interesse na educação para a paz.

Da Liga das Nações às Nações Unidas

Os grandes conflitos também originaram reformas. Devido às atrocidades das duas Guerras Mundiais, os líderes mundiais aperceberam-se que a preservação da paz no mundo deveria ser o primeiro objetivo para o futuro. No rescaldo da Primeira Guerra Mundial, Woodrow Wilson, o Presidente dos Estados Unidos na altura, tomou a primeira iniciativa nessa direção. Sob a sua presidência, os países aliados reuniram-se pela primeira vez em Paris a 14 de fevereiro de 1919, originando a criação da Liga das Nações. A Liga



A Liga das Nações na sua sessão de abertura, a 15 de novembro de 1920, em Genebra, na Suíça. © Foto da ONU.

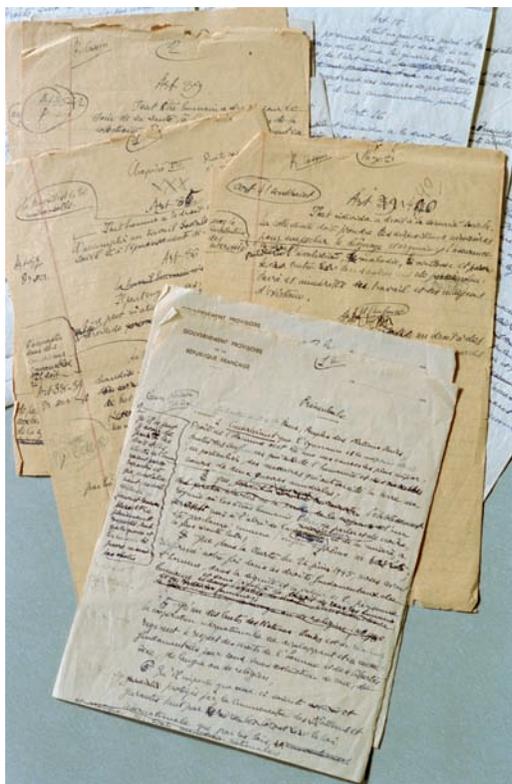
das Nações tinha como missão a resolução pacífica de conflitos internacionais que surgissem no futuro. Para grande desilusão do Presidente Americano, o seu país não partilhava das suas ideias. Como resultado da decisão do Congresso dos EUA de não ratificar o Tratado de Versalhes, os Estados Unidos nunca fizeram parte da Liga das Nações. Consequentemente, a Liga das Nações perdeu muito do seu potencial poder e credibilidade. Os esforços da Liga das Nações não conseguiram remover os maiores

obstáculos à paz da década 1930, e acabou por ser totalmente impotente perante o Fascismo e a Segunda Guerra Mundial.

Apesar do seu fracasso político, o legado intelectual da Liga das Nações mais tarde deu origem à maioria das instituições especializadas das Nações Unidas. Este foi certamente o caso na área da educação, e mais especificamente na educação para a paz. De facto, o fim da Primeira Guerra Mundial trouxe consigo um poderoso apoio para o entendimento

internacional. Foi uma inspiração para integrar estas ideias de cooperação internacional nos sistemas educativos existentes. A Liga das Nações e algumas organizações não-governamentais trabalharam em conjunto nestas ideias, sobretudo através do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, a antecessora da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Só em 1941 é que a ideia de um órgão político mundial ganhou um novo destaque. Durante a guerra, a 14 de agosto, o Presidente americano, Franklin D. Roosevelt, e o Primeiro-Ministro britânico, Winston Churchill, reuniram-se a bordo do navio britânico Prince of Wales ao largo da costa de Terra Nova. Foi ali que assinaram a Carta Atlântica, em que explicavam os princípios das suas políticas pós-guerra. As políticas tinham como objetivo um mundo mais pacífico e justo, e a salvaguarda das quatro liberdades dos seres humanos: viver livre da necessidade, viver livre do medo, ter liberdade de opinião, e liberdade de religião.



Uma versão inicial da Declaração Universal dos Direitos Humanos © Greg Kinch/Foto da ONU.

Nos anos seguintes, mais países assinaram os princípios da carta, que formou a base dos ideais das Nações Unidas. O trabalho preparatório da verdadeira criação da organização demorou bastante tempo. Apesar dos objetivos serem óbvios, a definição dos meios específicos para atingir tais objetivos exigiu longos debates entre os delegados de vários países, que por sua vez tinham de ter em consideração os seus próprios interesses nacionais. Durante a conferência de fundação, que se realizou em São Francisco de 25 de abril a 26 de junho de 1945, a Organização das Nações Unidas adquiriu o seu formato atual – entrou em vigor a 24 de outubro desse ano.

A Organização das Nações Unidas serve para manter a paz no mundo, garantir a segurança, encorajar um diálogo amigável entre Estados, defender os direitos humanos, fornecer

ajuda em caso de desastres naturais, e encontrar soluções para grandes questões mundiais a nível económico, social, cultural e humanitário. Atualmente, quase todos os países do mundo, 192, já ratificaram a Carta das Nações Unidas.

A 10 de dezembro de 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) foi proclamada pelas Nações Unidas. Tem como objetivo proporcionar ao mundo mais liberdade, igualdade, justiça e paz. A declaração atribui um papel proeminente à educação, mais especificamente no Artigo 26: 'A educação deve visar o desenvolvimento pleno da personalidade humana e o reforço do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. Deve promover a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações, e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz.' A Declaração Universal dos Direitos Humanos, e os tratados resultantes, estabelece uma base sólida para os direitos humanos e para a educação para a paz.

A UNESCO e a Construção da Paz

No sistema da ONU, a agência que detém a preponderante responsabilidade da educação, cultura e ciência, é a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

A construção da paz e a educação para a paz são aspetos centrais do mandato de constituição da UNESCO. O Preâmbulo da sua Constituição (1945) começa por referir que, 'uma vez que as guerras começam nas mentes dos homens, é nas mentes dos homens que devem ser erguidos os baluartes da paz.'

A UNESCO partilha com as outras organizações das Nações Unidas o compromisso fundamental para com a paz internacional, mas é única no seu mandato de trabalhar através da educação, da ciência e da cultura.

A divulgação alargada da cultura e da educação da humanidade para a justiça, a liberdade e a paz foi considerada indispensável para a dignidade de todos os seres humanos. Foi destacada como um dever sagrado de todas as nações. Os Estados criaram a UNESCO como uma organização com o objetivo de desenvolver a paz internacional e o bem-estar comum da humanidade. Desde o início que a integração de uma abordagem baseada nos direitos humanos em todos os seus programas e atividades foi uma prioridade da Organização.

Sessenta anos depois da adoção da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a UNESCO envida esforços diários para melhorar o conhecimento e a compreensão de todos os

direitos humanos, quer sejam civis, culturais, económicos, políticos ou sociais. Atualmente, a UNESCO é reconhecida como uma organização líder nesta área dentro do sistema das Nações Unidas.

A educação é um direito humano fundamental, e é essencial para o exercício de todos os outros direitos humanos. A educação em direitos humanos é uma parte integrante do direito à educação, e é cada vez mais reconhecida como um direito humano em si. O conhecimento dos direitos e das liberdades é uma ferramenta fundamental para garantir o respeito pelos direitos de todos. O trabalho da UNESCO na educação em direitos humanos é orientado pelo Programa Mundial para a Educação em Direitos Humanos.¹

A educação deverá abranger valores como a paz, a não discriminação, a igualdade, a justiça, a não violência, a tolerância, e o respeito pela dignidade humana. Uma educação de qualidade baseada numa abordagem de direitos humanos significa que os direitos são implementados de forma transversal, em todo o sistema educativo e em todos os ambientes de aprendizagem.



Debate da UNESCO. Forest Whitaker (segundo a contar da esquerda), ator vencedor de um Óscar e Embaixador da Boa Vontade da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), discursa num debate de alto nível organizado pela UNESCO, 'Desafios e abordagens contemporâneos para a construção de uma cultura de paz duradoura'. À direita de Forest Whitaker está a Diretora Geral da UNESCO, Irina Bokova.

© Rick Bajornas/Foto da ONU.

1 Literatura recomendada: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001478/147853e.pdf> and <http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002173/217350e.pdf>

A UNESCO advoga veementemente a inclusão dos princípios e valores dos direitos humanos no sistema educativo, e encoraja os Estados-Membros da ONU a elaborarem planos de ação para a educação em direitos humanos. A ação centra-se nas áreas em que a UNESCO tem um mandato especial: gerar e partilhar conhecimento, proteger os direitos humanos, renovar e reforçar o compromisso para com a educação em direitos humanos, e prestar serviços de consultoria e assistência técnica aos Estados-Membros.

A Recomendação da UNESCO relativamente à educação para a compreensão internacional

A Conferência Geral da UNESCO durante a sua 18ª sessão adotou um instrumento importante para a educação para a paz: a Recomendação relativa à Educação para a Compreensão, Cooperação e Paz Internacionais, e à Educação em Direitos Humanos e Liberdades Fundamentais (1974). O conceito de educação para a paz recebeu uma nova interpretação, e foram definidos objetivos e abordagens específicas, a partir do pressuposto básico: 'A paz pode ser aprendida'. A Recomendação pretende promover estes objetivos através da educação.

Nas últimas décadas, a UNESCO liderou diversas iniciativas da Nações Unidas para a promoção dos direitos humanos e da educação para a paz:

- **1995-2004 foi designada a Década das Nações Unidas para os Direitos Humanos.** Foi atribuído um papel central à UNESCO no desenvolvimento, na implementação e na avaliação de diversos projetos através do fornecimento de programas de formação, informação, bolsas e consultoria aos Estados-Membros, e também através do desenvolvimento de programas escolares baseados nos direitos humanos, técnicas pedagógicas e materiais de ensino para escolas primárias e secundárias.
- A UNESCO desempenhou um papel fundamental na implementação do **Programa Mundial para a Educação em Direitos Humanos (PMEDH)**. No seguimento da Década para a Educação em Direitos Humanos da ONU (1995-2004), a Assembleia Geral das Nações Unidas proclamou o Programa Mundial, a 10 de dezembro de 2004, para desenvolver a implementação dos programas de educação em direitos humanos em todos os setores.
- O ano de 2000 foi declarado o **Ano Internacional para a Cultura da Paz**, com uma ação mundial, o *Manifesto 2000*, que foi organizada por um grupo de laureados do Prémio Nobel da Paz, com a ajuda da UNESCO.
- 2001-2010 foi declarada a **Década Internacional para uma Cultura de Paz e não Violência para as Crianças do Mundo**. Esta última iniciativa pretendia criar uma convenção internacional sobre uma cultura de paz e não violência. Para este efeito,

a ONU solicitou aos Estados-Membros que, tanto a nível local como nacional, formulassem recomendações que pudessem servir de inspiração para a elaboração de um acordo internacional. Como ponto central para o Ano Internacional para a Cultura da Paz, e agência responsável pela Década, a UNESCO desenvolveu um website interativo que permitia às pessoas envolvidas no movimento promoverem as suas iniciativas e trocaram informação e recursos, criando uma interação melhorada.

A educação para a paz desempenha um papel fundamental na *Iniciativa Global pela Educação em Primeiro Lugar das Nações Unidas* (GEFI), que apela aos governos para fazerem da educação uma prioridade nas suas agendas políticas. A Iniciativa foi criada pelo Secretário-Geral das Nações Unidas na Assembleia Geral da ONU, em setembro de 2012. Pretende estabelecer a educação como uma prioridade essencial a nível global. A iniciativa apela ao desenvolvimento de parcerias globais para investir mais na educação, destacando três prioridades para os próximos cinco anos:

- Colocar todas as crianças na escola, para alcançar o objetivo do ensino primário universal até 2015 e em diante.
- Melhorar a qualidade da aprendizagem, para assegurar as competências necessárias e relevantes numa sociedade baseada no conhecimento.
- Fomentar uma cidadania global, para construir um futuro sustentável e um mundo melhor com políticas educativas que promovam a paz, o respeito mútuo, e o respeito pelo ambiente.

A UNESCO tem um papel central na formulação da Iniciativa Global pela Educação em Primeiro Lugar, sobretudo na área da educação para a cidadania global. A Educação para a Cidadania Global (ECG) é um paradigma de enquadramento que expressa o objetivo coletivo da educação num mundo cada vez mais interdependente e interligado. Pretende desenvolver os conhecimentos, as competências, os valores e as atitudes de que os alunos precisam para assegurarem um mundo mais justo, pacífico, tolerante, inclusivo, seguro e sustentável.

Literatura recomendada:

Educação para a Cidadania Global: Uma Perspetiva Emergente

<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002241/224115E.pdf>

Preparar os alunos para os desafios do século XXI

<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002277/227729e.pdf>

O facto de a Iniciativa Global pela Educação em Primeiro Lugar ter sido lançada em setembro de 2012 não é uma coincidência. O Dia Internacional da Paz, celebrado anu-



O Secretário Geral da ONU, Ban Ki-moon, toca o Sino da Paz numa cerimónia realizada no sede da ONU para celebrar o Dia Internacional da Paz. © Foto da ONU.

almente a 21 de setembro, proporciona uma oportunidade para o mundo parar, refletir e pensar como poderá quebrar o ciclo vicioso de violência que é criado pelos conflitos.

Escolas Associadas da UNESCO

! O Projeto da Rede das Escolas Associadas da UNESCO (ASPnet) é uma rede internacional, que desenvolve os meios para reforçar o papel da educação no que diz respeito a ensinar as crianças a conviverem numa comunidade global. A ASPnet está empenhada nos quatro pilares da educação conforme descritos no Relatório Delors, incluindo aprender a saber, aprender a ser, aprender a fazer, e aprender a conviver. A rede começou, em 1953, com 33 escolas em 15 Estados-Membros, e, atualmente, abrange perto de 10.000 instituições educativas em 181 países. Estas instituições incluem escolas pré-primárias, primárias e secundárias, assim como instituições de formação de professores.

Todas as escolas membro são encorajadas a desenvolverem projetos e atividades relacionadas com quatro temas de estudo:

- A ASPnet e as Prioridades da ONU;
- A Educação para um Desenvolvimento Sustentável;
- A Paz e os Direitos Humanos;
- A Aprendizagem Intercultural.

A UNESCO instituiu uma nova Estratégia para a Rede das Escolas Associadas da UNESCO Construindo uma Cidadania Global e promover um Desenvolvimento Sustentável 2014-21, na promoção de uma Educação para a Cidadania Global através das escolas associadas, pelo fortalecimento do intercâmbio, da partilha de boas práticas, na promoção de valores de solidariedade, defesa da diversidade, cooperação, e desenvolvendo sistemas de aprendizagem, facultando aos alunos competências para que sejam cidadãos do mundo, criativos e responsáveis. Neste momento, a Rede Portuguesa das Escolas Associadas da UNESCO inclui 77 escolas, e três em processo de adesão.

Para obter mais informação, consulte:

www.unesco.org/new/en/education/networks/global-networks/aspnet

www.unescoportugal.mne.pt

www.unesco.org/new/en/culture/themes/underwater-cultural-heritage/world-war-i/peace-education-initiative/

VI. ANEXO II – Património Cultural Subaquático da Primeira Guerra Mundial

Contexto Histórico do Património Cultural Subaquático da Primeira Guerra Mundial

A Primeira Guerra Mundial começou a 28 de julho de 1914 e terminou a 11 de novembro de 1918. O assassinato do Arquiduque Franz Ferdinand da Áustria, herdeiro do trono do Império Austro-Húngaro, foi o seu aparente catalisador. No entanto, as verdadeiras causas foram questões relacionadas com as políticas de relações internacionais. A guerra envolveu as principais potências do mundo. Mais de 70 milhões de soldados participaram no conflito, que se transformou numa das guerras mais extensas da história. Estima-se que morreram entre 9 milhões a mais de 15 milhões de pessoas. A Primeira Guerra Mundial abriu caminho para alterações políticas profundas, e também originou a criação da primeira organização internacional e permanente com a missão de manter a paz mundial, a Liga das Nações.



O Príncipe Herdeiro Austríaco Franz Ferdinand e a sua mulher Sophie, a 28 de junho de 1914, em Sarajevo. Foram assassinados passados cinco minutos

Um dos principais aspetos da Primeira Guerra Mundial foi o combate naval entre frotas conceituadas. As batalhas entre os U-boats alemães e os submarinos dos Aliados também representaram um afastamento da guerra naval mais tradicional que era travada ao nível da superfície, e uma aproximação à guerra naval moderna com submarinos. Igualmente importante, antes da Primeira Guerra Mundial, foi a Lei de Defesa Naval de 1889 e a “Two-power Standard”.

Na época, o sucesso da guerra naval era considerado um fator essencial para a vitória dos Aliados. Foram travadas diversas batalhas importantes entre grandes frotas de navios, sendo a mais famosa a Batalha da Jutlândia (Skagerrakschlacht), juntamente com centenas de pequenas escaramuças. Contudo, os Aliados concentraram-se principalmente em bloquear as Potências Centrais no mar, enquanto que estas se concentraram em quebrar o bloqueio, ou, por sua vez, em bloquearem os Aliados através do uso de submarinos. Estas batalhas provocaram o naufrágio de milhares de navios e a morte de milhões de pessoas. Foram muitas as

peçoas que morreram à fome devido aos bloqueios marítimos. Apesar das batalhas serem largamente conhecidas, os seus abundantes vestígios, que repousam no leito marinho, não são suficientemente reconhecidos como sítios históricos e estão gravemente ameaçados.

Alguns dados:

- A guerra naval foi responsável por uma grande parte dos prejuízos humanos e económicos. Por exemplo, as forças navais britânicas que participaram na Primeira Guerra Mundial incluíam 11.000 navios de guerra e navios auxiliares, dos quais se perderam 250 navios de guerra e 850 navios auxiliares. Isto inclui 50 couraçados (dreadnought) e cruzadores de batalha, 41 couraçados (pre-dreadnought), 58 cruzadores pesados, 119 cruzadores ligeiros, 17 porta-aviões, 550 contratorpedeiros, 109 torpedeiros, 272 chalupas canhoneiras e 39 monitores. Estima-se que participaram 640.000 oficiais e homens, dos quais 74.289 eram marinheiros regulares e 15.313 eram marinheiros da marinha mercante e membros das tripulações de barcos de pesca.¹ O número total de baixas da Commonwealth da Primeira Guerra Mundial foi de 1.115.597.²
- Em comparação, a Marinha Imperial Alemã perdeu 49 contratorpedeiros e afundou 52 navios de guerra da frota alemã em Scapa Flow. Perdeu 192 submarinos (naufragados ou danificados). Morreram mais de 34.836 membros das tripulações alemãs. O número total de baixas³ da Alemanha⁴ foi de 2.462.897 militares mortos. No entanto, estima-se que morreram mais 424.000 civis devido a desnutrição e as doenças causadas principalmente pelo bloqueio naval da Alemanha. Não nos podemos esquecer ainda das cerca de 200.000 mortes causadas pela epidemia de gripe.⁵

“Haverá alguma coisa mais ridícula do que um homem ter o direito de me matar, porque vive do outro lado da água, e porque o seu governante tem uma quezília com o meu, apesar de eu não ter nenhuma quezília com ele?”

Blaise Pascal

1 www.naval-history.net/Cr03-20-00WW1-NREF.htm

2 O número total de baixas da Commonwealth da Primeira Guerra Mundial foi de 1.115.597 (Reino Unido e antigas colónias 886.939; Índia 74.187; Canadá 64.976; Austrália 61.966; Nova Zelândia 18.052; África do Sul 9.477 - Relatório Anual da Comissão de Túmulos de Guerra da Commonwealth 2010–2011) www.cwgc.org/learning-and-resources/publications/annual-report.aspx

3 Os registos médicos oficiais da guerra da Alemanha listavam 2.036.897 mortos militares, incluindo: Exército 1.900.876, Marinha 34.836, Tropas coloniais 1.185 e cerca de 100.000 desaparecidos e presumivelmente mortos (Heeres San- itätsinspektion im Reichskriegsministerium (1934). Sanitätsbericht über das deutsche Heer im Weltkrieg 1914–1918. Vol. 3, Sec 1. Berlim. págs. 12-14).

4 Consultar NR. 1.

5 L. Grebler, 1940, *The Cost of the World War to Germany and Austria-Hungary*. Yale University Press, p. 78.

Patrimônio Cultural Subaquático da Primeira Guerra Mundial – Um Patrimônio Ameaçado

Os arqueólogos subaquáticos deverão ser as primeiras pessoas a visitarem os sítios históricos submersos, para os avaliarem e assegurarem o seu devido estudo e preservação. Estes sítios não deverão ser deixados ao abandono permitindo assim abrir caminho à recuperação, pilhagem e destruição descontrolados. No entanto, infelizmente os navios naufragados da Primeira Guerra Mundial são frequentemente objeto de intervenções indesejáveis.

Desmantelamento para sucata

O desmantelamento de grandes navios de metal danifica seriamente os mesmos. O *Indefatigable* e vários outros navios famosos, que naufragaram na Batalha da Jutlândia, têm sido sistematicamente desfeitos para a extração de metal não ferroso. As suas peças de bronze são vendidas no cais do porto dinamarquês de Esbjerg desde 1958. Os 26 U-boats alemães que se renderam às Marinha Britânica no final da guerra, e que foram levados para Kent no Reino Unido, tiveram um destino semelhante. Foram abandonados ou afundados nos rios de Medway. Após a guerra, uma empresa de sucata comprou os navios e recuperou os seus motores e geradores para os vender. Atualmente, só três dos 26 U-boats estão intactos. A recuperação de metal é cada vez mais uma ameaça alarmante, uma vez que os preços dos metais não irradiados têm aumentado, tais como os encontrados nos navios antigos, dado que estes metais são usados no fabrico de microchips e outros produtos semelhantes.

Caça ao Tesouro Comercial

Os caçadores de tesouros que procuram carga valiosa já destruíram muitos navios históricos. O SS *Mantola* era um barco de passageiros a vapor da Companhia de Navegação a Vapor Anglo-Indiana. Foi afundado por um U-boat alemão em 1917, enquanto supostamente transportava uma grande quantidade de prata. Uma vez que o sítio do naufrágio do navio ainda não tinha sido designado um sítio protegido, o Departamento de Transportes do Reino Unido atribuiu um contrato de recuperação a uma empresa interessada no navio. A empresa poderia chegar a ficar com 80% ou mais do valor do material recuperado. No entanto, o navio histórico seria destruído independentemente do seu tesouro ser mantido. Os navios naufragados *Aboukir*, *Cressy* e *Hogue* são casos semelhantes.

Pilhagem e destruição intencional

São muitos os navios que já foram danificados por pilhagem, até o histórico *Lusitania*. Este navio, considerado o segundo mais famoso a seguir ao *Titanic*, foi seria-

mente danificado por cargas de profundidade. A sua proa apresenta sinais de diversos impactos pós-naufrágio causados pela Marinha Irlandesa ou pela Britânica. O navio também foi danificado pela remoção de três das quatro hélices em 1982. Um mergulhador, que explorou o navio na década de 1990, referiu que ‘parecia queijo suíço’, e que o leito marinho à sua volta estava ‘pejado de cargas de profundidade por explodir’. Além disso, em 1982, vários itens da carga misteriosa do navio foram recuperados e levados para o Reino Unido, despoletando uma batalha jurídica que acabou com a recusa de proteção para o navio.

Passagem do tempo

O tempo também ameaça muitos dos navios de metal devido aos processos de corrosão, que podem provocar a acumulação de incrustações de ferrugem, e formações semelhantes a pingentes, despoletados por bactérias, em todo este processo.



© NOAA

Incrustações de ferrugem no RMS Titanic.

O património ameaçado da Jutlândia

A Batalha da Jutlândia (Skagerrakschlacht) foi travada entre as Marinhas Britânica e Alemã, a 31 de maio e 1 de junho de 1916, no Mar do Norte perto da Jutlândia, na Dinamarca. Foi a maior batalha naval e o único confronto de navios de guerra em grande escala da Primeira Guerra Mundial.

O navio naufragado *Invincible* foi encontrado pelo caça-minas HMS *Oakley* da Marinha Real em 1919. Após a Segunda Guerra Mundial, alguns dos navios foram objeto de recuperação comercial. Por exemplo, os registos do Departamento Hidrográfico relativos ao SMS *Lützow*, afundado em 1916, depois da Batalha da Jutlândia, revelam que o navio foi objeto de operações de recuperação em 1960. Em 2000-2001, uma série de expedições de mergulho localizaram o *Defence*, o *Indefatigable* e o *Nomad*. Durante estas expedições, foi descoberto que o *Indefatigable* já tinha sido desfeito por empresas de recuperação. Em 2003, foi realizado um levantamento detalhado dos navios naufragados da Jutlândia.

Os 14 navios britânicos que se perderam na batalha foram designados sítios protegidos ao abrigo da Lei de Proteção de Restos Militares do Reino Unido. Em 2000, o navio naufragado alemão *Frauenlob*, praticamente intacto, foi localizado por mergulhadores dinamarqueses. O navio repousa direito na horizontal no leito marinho e praticamente inteiro. O mastro de ré repousa na areia com o cesto de gávea ainda no sítio. O navio ainda contém restos mortais.

Apesar de já terem sido feitos seis levantamentos dos navios naufragados, já foi reconhecido que só temos uma pequena noção do que os navios naufragados da Jutlândia nos podem oferecer em termos arqueológicos e históricos. Consequentemente, a sua proteção é de extrema importância. Infelizmente, existem muitas evidências de recuperação comercial em muitos dos navios naufragados descobertos até ao momento. Alguns deles estão já irreconhecíveis. Espera-se que a Convenção da UNESCO sobre a Proteção do Património Cultural Subaquático, de 2001, a seu tempo, proteja estes monumentos extraordinários às frotas de batalha da Grande Guerra e aos homens corajosos que as travaram.

Innes McCartney liderou e participou em seis expedições aos navios naufragados da Batalha da Jutlândia. Ele encontrou três novos sítios e produziu o filme C4/Discovery/ZDF 'Clash of the Dreadnoughts'. Innes especializa-se na investigação e interpretação de restos de navios naufragados do século XX.



Mapa dos navios de guerra britânicos (amarelo), dos navios de guerra alemães (preto), que naufragaram, e das minas (vermelho) no Mar do Norte durante a Primeira Guerra Mundial. Cortesia do museu Strandingsmuseum St George.

Assegurar a Proteção do Património Subaquático da Primeira Guerra Mundial – A Convenção de 2001 da UNESCO

Em muitos países, as leis nacionais protegem algum ou todo o património submerso com uma determinada idade. Por exemplo, a ‘Lei de Proteção de Restos Militares de 1986’ do Reino Unido designa muitos dos navios da Guerra Mundial como sítios protegidos. Do mesmo modo, nos Países Baixos, a ‘Lei dos Monumentos e Edifícios Históricos de 1988’ assegura uma proteção básica para todos os sítios arqueológicos e permite a designação de sítios arqueológicos específicos. Já foi concedida proteção reforçada a seis sítios subaquáticos. A Bélgica e a França também têm regulamentos de proteção.

As leis nacionais são muitas vezes insuficientes e só se aplicam na medida da jurisdição do Estado.

Apesar dos Estados terem total jurisdição no seu Mar Territorial, a sua jurisdição é limitada na sua Zona Económica Exclusiva (ZEE). No Alto Mar e na Área (i.e. no leito marinho fora da jurisdição nacional), geralmente os Estados só têm jurisdição sobre os seus cidadãos e os navios que arvore o seu pavilhão. Alguns Estados reconhecem exceções para os restos de navios de outras nações. No entanto, quanto mais longe da costa for encontrado um sítio arqueológico submerso, mais difícil será um Estado proibir a intervenção no sítio por parte de um navio que arvore o pavilhão de outra nação. Consequentemente, fora do Mar Territorial do Estado a cooperação entre Estados de bandeira é essencial. Os problemas enfrentados devido a esta situação foram, infelizmente, demonstrados no caso da recuperação dos artefactos do *Lusitania*.⁶

O juiz britânico em questão decidiu que neste caso um tribunal inglês não poderia conceder proteção a um navio naufragado fora das águas territoriais do Reino Unido, mesmo que os itens recuperados fossem subsequentemente levados para o Reino Unido.

O Direito do Mar atual não assegura uma proteção adequada do património cultural subaquático.

A Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, CNUDM, contém dois regulamentos que se referem ao património cultural subaquático, os Artigos 149 e 303. Contudo, ambos os artigos foram introduções de última hora e têm uma formulação geral. O Artigo 149 assegura alguma proteção do património cultural subaquático na Área, mas os pormenores relativamente ao nível de proteção exato são vagos. O Artigo 303 estipula que os Estados têm a obrigação geral de protegerem o seu património cultural subaquático,

6 The *Lusitania*, [1986] QB 384, [1986] 1 All ER 1011.

mas só concede poderes efetivos de proteção até ao limite da Zona Contígua, i.e. até 24 milhas da costa.⁷

No vasto espaço entre a Área e a Zona Contígua, ou seja, na restante ZEE e na Plataforma Continental, os vestígios do património cultural subaquático estão desprotegidos. O que é ainda mais problemático é que o Artigo 303(3) da CNUDM estipula que ‘Nada neste artigo afeta ... o direito de recuperação ou outras regras de almirantado...’. Consequentemente, a CNUDM deixa espaço de manobra para a destruição comercial do património cultural subaquático. Já foi aliás criticada como sendo um ‘convite à pilhagem’.⁸

O vazio jurídico é retificado pela Convenção de 2001 da UNESCO. A Convenção proporciona uma proteção jurídica abrangente do património cultural subaquático, e estipula princípios éticos e diretrizes científicas para a investigação.

A Convenção de 2001 formula um regime de proteção abrangente e universal, o que significa que os navios naufragados não terão de estar inscritos numa lista específica para serem protegidos. A Convenção proíbe expressamente quaisquer atividades não científicas de invadirem ou destruírem sítios de património cultural subaquático, sem respeito pela necessidade de os proteger e preservar. A Convenção abrange todas as águas e zonas marítimas, alargando consideravelmente a proteção jurídica do património cultural subaquático. Uma mais-valia especial é o regulamento científico, estipulado pelo Anexo da Convenção, das atividades direcionadas ao património cultural subaquático. Além disso, é garantido um cuidado especial com os túmulos. Os sítios são protegidos pela Convenção de 2001 da UNESCO após estarem submersos durante pelo menos 100 anos. Assim, os navios naufragados da Primeira Guerra Mundial ficarão sob proteção da convenção durante o período de celebração do centenário de 2014-2018.

⁷ Consultar o Artigo 303(2).

⁸ ‘Em alguns aspetos ... pode ser até considerada não só insuficiente, mas também contraproducente e um convite à pilhagem do património em questão’. Tullio Scovazzi, in Wolfrum (ed.), 2008, *The Max Planck Encyclopaedia of Public International Law*.

Grandes Batalhas Navais da Primeira Guerra Mundial e o seu Patrimônio Cultural Subaquático

As batalhas navais da Primeira Guerra Mundial foram extensas. No entanto, no geral são caracterizadas não tanto como grandes batalhas contínuas, como a da Jutlândia e de Galípoli, mas mais como bloqueios navais de longa duração, guerra submarina sem restrições, e uma grande quantidade de pequenas escaramuças. Abaixo apresentamos uma lista de alguns dos confrontos mais importantes que ainda possuem vestígios no leito marinho. Também fazemos referência ao destino do patrimônio submerso resultante.



Navio a vapor Kenilworth (carga) afundado por uma mina.
© Nicolas Job.

Batalha de Heligoland Bight (28 de agosto de 1914)

No primeiro confronto naval da guerra, os britânicos atacaram a base naval alemã de Heligoland. Afundaram dois torpedeiros alemães, assim como os SMS *Mainz*, *Cöln* e *Ariadne*, e danificaram outros três cruzadores. Os alemães perderam mais de 1.200 homens, e os britânicos perderam 35. O navio naufragado *Cöln* foi movido em agosto de 1979 para que deixasse de apresentar um risco subaquático. Algumas partes do navio foram recuperadas e estão preservadas no museu Windstärke Museum (<http://windstaerke10.net/>). O *Mainz* permanece *in situ* perto da Ilha de Heligoland, e é possível mergulhar e visitá-lo.

O Bombardeamento de Papeete (22 de setembro de 1914)

Os cruzadores couraçados alemães SMS *Scharnhorst* e *Gneisenau* entraram no porto de Papeete, no Taiti, em setembro de 1914 e afundaram a canhoneira francesa *Zélée* e o car-

gueiro *Walküre*, antes de bombardearem as fortificações da cidade. O *Zélée* transformou-se num local de mergulho habitual.

Batalha de Coronel (1 de novembro de 1914)

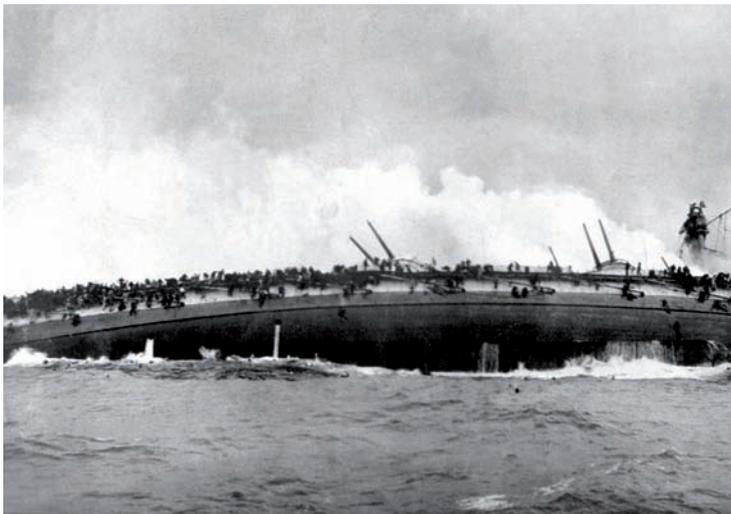
Esta batalha teve lugar ao largo da costa de Coronel, no Chile, entre as forças britânicas e alemãs. Os navios britânicos *Monmouth* e *Good Hope* foram destruídos e afundaram-se. Não houve sobreviventes de nenhum dos navios. As forças alemãs sofreram poucos danos.

Batalha das Ilhas Falkland (8 de dezembro de 1914)

A 8 de dezembro de 1914, o Almirante alemão von Spee atacou uma estação de rádio e um armazém de carvão nas Ilhas Falkland no Atlântico Sul. Os britânicos esperaram por ele com um esquadrão bem armado. Quatro cruzadores alemães, o *Scharnhorst*, o *Gneisenau*, o *Nürnberg* e o *Leipzig*, assim como os carvoeiros da frota, *Santa Isabel* e *Baden*, foram afundados. Outro navio, o SMS *Dresden*, foi afundado pouco depois. No total, morreram 2.200 soldados. O sino de 115 kg do *Dresden*, decorado com a Águia Imperial, foi recuperado do navio naufragado a uma profundidade de 70 m em 2006, e está agora na Alemanha.

Batalha de Dogger Bank (24 de janeiro de 1915)

A 24 de janeiro de 1915, as forças alemãs atacaram três cidades da costa norte do Reino Unido. Os britânicos intercetaram a frota alemã e afundaram o *Blücher*. O resto da frota alemã conseguiu fugir. O *Blücher* permanece em Dogger Bank, a uma profundidade de 60 m.



O SMS *Blücher*, o último cruzador couraçado a ser construído pela Marinha Imperial Alemã (Kaiserliche Marine), naufragou na Batalha de Dogger Bank, a 24 de janeiro de 1915. Cortesia do museu War Imperial Museum.

A Campanha de Galípoli (de 25 de abril de 1915 a 9 de janeiro de 1916)

A Batalha de Galípoli teve lugar na Turquia perto de Çanakkale. As forças britânicas e francesas pretendiam conquistar Istambul e assegurar uma rota marítima para a Rússia. A tentativa falhou e ambos os lados sofreram grandes baixas. A campanha foi considerada uma das maiores vitórias dos turcos e um dos maiores fracassos dos Aliados. Na Turquia, a batalha é considerada um momento decisivo da sua história. A campanha foi também a primeira grande batalha empreendida pelo Exército da Austrália e Nova Zelândia (ANZAC), e é considerada o momento do nascimento da consciência nacional destes dois países. O Dia de ANZAC, 25 de abril, continua a ser a evocação mais significativa das baixas militares e dos veteranos de guerra na Austrália e na Nova Zelândia.



Çanakkale Seddulbahir Majestic © Harun Ozdas.

Morreram mais de 120.000 homens na Campanha de Galípoli. Entre abril de 1915 e janeiro de 1916, nove submarinos britânicos afundaram dois couraçados e um contratorpedeiro, cinco canhoneiras, nove transportadores de tropas, sete navios de abastecimentos, 35 navios a vapor, e 188 navios de pequenas dimensões, que no total custaram aos Aliados oito dos nove submarinos, que foram afundados no estreito ou no Mar de Mármara. Os navios britânicos *Irresistible*, *Bouvet* e *Ocean*, e o submarino australiano *AE2* também naufragaram. Foi descoberto, em Galípoli, um ‘museu submarino’ por arqueólogos turcos e australianos. As descobertas incluem os destroços de uma barca que transportava soldados australianos e neozelandeses feridos e mortos para fora da enseada de Anzac durante a campanha. Em 1993, uma operação de mineração de carvão desvendou os destroços do submarino alemão *UB-46* perto da costa de Kemberburgaz. No caminho de volta das suas missões no Mar Negro, o *UB-46* embateu numa mina perto de Karaburun e afundou-se juntamente com toda a tripulação. Está agora em exibição no museu Dardanelles Naval Museum em Çanakkale.

Batalha do Lago Tanganica (dezembro de 1915 – abril de 1916)

A Batalha do Lago Tanganica foi constituída por uma série de confrontos navais entre a Grã-Bretanha, e a Bélgica, versus a Alemanha. Durante a primeira ação, a 26 de dezembro de 1915, o navio alemão *Kingani* foi danificado e capturado. Durante a segunda, o navio alemão *Hedwig von Wissman* naufragou, enquanto o navio alemão *Graf von Götzen* foi afundado mais tarde. Os desenvolvimentos nos conflitos em terra levaram as forças alemãs a baterem em retirada, e as forças britânicas e belgas ganharam controlo do Lago Tanganica. As façanhas cativaram a imaginação do público devido à excentricidade do comandante supremo e à localização. Os feitos foram recontados por C. S. Forester no seu romance *The African Queen*, que mais tarde deu origem a um filme com o mesmo nome.

O *Graf von Götzen* foi erguido pela Marinha Real Britânica e rebocado até Kigoma, mas voltou a afundar-se no seu ancoradouro durante uma tempestade. Foi erguido novamente em 1921, e voltou ao serviço a 16 de maio de 1927 com o nome *Liamba*. Atualmente, ainda navega no Lago Tanganica.

Bloqueio da Alemanha e Campanha dos U-Boats (1914–1919)

O Bloqueio da Alemanha foi uma longa operação naval por parte dos Aliados com o objetivo de restringir o abastecimento de materiais e alimentos às Potências Centrais, que incluíam o Império Alemão, o Império Austro-Húngaro e o Império Otomano. Foi um dos elementos essenciais para a vitória dos aliados. Um estudo académico de 1928 esti-

mou que como consequência do bloqueio 424.000 pessoas morreram à fome.⁹ A campanha dos U-boats foi travada pelos U-boats alemães contra as rotas comerciais dos Aliados como retaliação contra o bloqueio. Teve lugar principalmente à volta das Ilhas Britânicas e no Mediterrâneo.

Uma das vítimas mais famosas da guerra submarina foi o *Lusitania*, que foi atingido por torpedos a 7 de maio de 1915 ao largo da costa sul da Irlanda, levando consigo 1.195 vidas. A morte de 123 americanos entre as vítimas do naufrágio acabou por levar à declaração de guerra dos EUA em 1917. A cobertura mediática devido ao grande número de baixas, o debate sobre a existência ou não de munições a bordo (fazendo com que fosse um objetivo militar válido), assim como o rumor de que havia obras de arte valiosas a bordo, deram grande notoriedade ao navio. Foi seriamente danificado por atividades destrutivas posteriores.

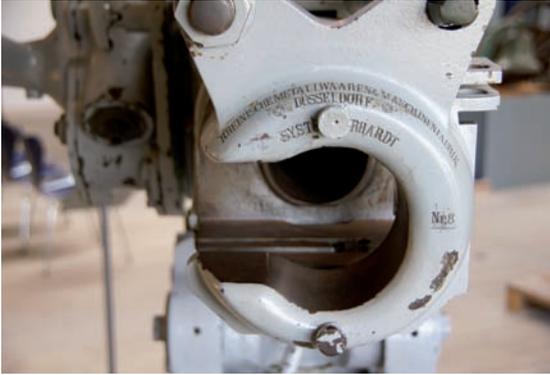
Uma outra vítima, o navio britânico SS *Mantola*, foi alvo de uma operação de recuperação dos artefactos que continha por parte de uma empresa americana de caça ao tesouro.

Batalha da Jutlândia (31 de maio de 1916 – 1 junho de 1916)

A Batalha da Jutlândia (Skagerrakschlacht) foi travada entre as Marinhas Britânica e Alemã, a 31 de maio e 1 de junho de 1916, no Mar do Norte perto da Jutlândia, na Dinamarca. Foi a maior batalha naval e o único confronto de couraçados em grande escala da Primeira Guerra Mundial. O número total de baixas foi de 9.823 homens. Durante a batalha, os britânicos perderam os cruzadores de batalha *Indefatigable*, *Queen Mary* e *Invincible*, os cruzadores couraçados *Black Prince*, *Warrior* e *Defence*, o líder da flotilha *Tipperary* e os contratorpedeiros *Shark*, *Sparrowhawk*, *Turbulent*, *Ardent*, *Fortune*, *Nomad* e *Nestor*. A Frota Imperial Alemã perdeu o cruzador de batalha *Lützow*, o couraçado predreadnought *Pommern*, os cruzadores ligeiros *Frauenlob*, *Elbing*, *Rostock* e *Wiesbaden* e os contratorpedeiros *V48*, *S35*, *V27*, *V4* e *V29*.

O navio naufragado *Invincible* foi encontrado pelo caça-minas HMS *Oakley* da Marinha Real em 1919. Após a Segunda Guerra Mundial, alguns dos navios foram objeto de recuperação comercial. Por exemplo, os registos do Departamento Hidrográfico relativos ao SMS *Lützow* revelam que o navio foi objeto de operações de recuperação em 1960. Em 2000-2001, uma série de expedições de mergulho localizaram o *Defence*, o *Indefatigable* e o *Nomad*. Durante estas expedições, foi descoberto que o *Indefatigable* já tinha sido desfeito por empresas de recuperação. Em 2003, foi realizado um levantamento detalhado

9 C. Paul Vincent, 1985, *The Politics of Hunger: the Allied Blockade of Germany, 1915-1919*. Athens, Ohio: Ohio University Press, p. 141; and L. Grebler, 1940, *The Cost of the World War to Germany and Austria-Hungary*. Yale University Press, p. 78.



Fragmento de uma arma de 88 mm do SM- U20. Coleção do museu Strandingsmuseum St George, na Dinamarca. © Dirk Timmermans, Cortesia da Associação das Nações Unidas da Flandres.

dos navios naufragados da Jutlândia. Os 14 navios britânicos que se perderam na batalha foram designados sítios protegidos ao abrigo da Lei de Proteção de Restos Humanos Militares do Reino Unido. Em 2000, o navio naufragado alemão *Frauenlob*, praticamente intacto, foi localizado por mergulhadores dinamarqueses. O navio repousa direito na horizontal no leito marinho e praticamente inteiro. O mastro de ré repousa na areia com o cesto de gávea ainda no sítio. O navio ainda contém restos mortais.

Batalha dos Estreitos de Otranto (14-15 de maio de 1917)

Nesta batalha, a maior batalha da Primeira Guerra Mundial a ter lugar no Mediterrâneo, a Marinha Austro-Húngara atacou a Barragem de Otranto dos Aliados. Afundaram dois navios italianos a caminho de Otranto e catorze navios-patrolha dos Aliados na barragem. Posteriormente, dois cruzadores britânicos, o *Dartmouth* e o *Bristol*, quatro contratorpedeiros italianos, e o líder da flotilha italiana, o *Aquila*, intercetaram a Marinha Austro-Húngara. O *Aquila*, o *Dartmouth* e dois contratorpedeiros ficaram danificados no combate que se seguiu, e um contratorpedeiro foi afundado por uma mina.

Ataque de Zeebrugge e Oostende (23 de abril de 1918)



Memorial do HMS Vindictive em Oostende © Dirk Timmermans, cortesia da Associação das Nações Unidas da Flandres.

Zeebrugge e Oostende eram pontos de passagem obrigatória para os submarinos alemães com base em Bruges. O Ataque de Zeebrugge, a 23 de abril de 1918, foi uma tentativa da Marinha Real Britânica de neutralizar o porto na entrada do canal para impedir os navios alemães de saírem do porto, afundando três navios britânicos mais antigos, o HMS *Thetis*,



O SMS Bayern virado sobre a popa e a afundar em Scapa Flow.
Cortesia do Imperial War Museum.

re-movidos do leito marinho. No entanto, alguns deles, incluindo os couraçados *Kronprinz Wilhelm*, *Markgraf*, *König*, e os cruzadores ligeiros *Karlsruhe*, *Dresden*, *Brummer* e *Cöln*, nunca foram recuperados e permanecem no leito marinho como atrações para os mergulhadores.

o *Intrepid* e o *Iphigenia*. Morreram quase 200 tripulantes, mas dois dos três navios foram afundados no sítio correto (o terceiro afundou cedo demais), e os seus destroços bloquearam o porto de Zeebrugge durante dois dias, após o que as forças alemãs reabriram a passagem.

O afundamento deliberado da frota alemã em Scapa Flow (21 de junho de 1919)

Finalmente, o dramático afundamento deliberado da frota alemã em Scapa Flow a 21 de junho de 1919, ou seja, depois do armistício de 11 de novembro de 1918. O Contra-Almirante Ludwig von Reuter acreditava que as hostilidades navais seriam retomadas e, conseqüentemente, afundou 72 couraçados de batalha alemães para evitar que caíssem nas mãos do inimigo. Muitos deles foram re-

Para obter uma cronologia diária das baixas navais da Primeira Guerra Mundial, consulte o Projeto '**Lost Beneath the Waves**' da Sociedade de Arqueologia Náutica (NAS), uma ONG acreditada pela Reunião dos Estados Partes da Convenção de 2001, e Parceira oficial da Rede de Investigação WWI da UNESCO: www.nauticalarchaeologysociety.org/lbtw

Experienciar Sítios Históricos Submersos da Primeira Guerra Mundial



O Eildon, navio a vapor (carga) que naufragou a 4 de maio de 1915 © Nicolas Job.

“Será encorajado um acesso responsável e não intrusivo para observar ou documentar in situ o património cultural subaquático, para assim promover a sensibilização do público, e a valorização e proteção do património, exceto quando tal acesso for incompatível com a proteção e gestão do referido património.

Artigo 2(10) da Convenção de 2001 da UNESCO

É possível visitar o património submerso da Primeira Guerra Mundial e experienciar o sentimento de história e de perda trágica, que resulta da guerra, que estes sítios genuínos irradiam. Apesar de alguns artefactos estarem expostos em museus marítimos ou militares, outros podem ser vistos na sua localização original no leito marinho. Nenhum artefacto deverá ser recuperado destes sítios sem ser por cientistas, para não danificar estes sítios e não provocar a perda de conhecimento histórico.

Visitar os Navios *in situ*

A parte menos profunda do sítio da Batalha da **Jutlândia** repousa a uma profundidade de 50 a 60 metros no sítio de Dogger Bank. Sendo relativamente profundo para o mergulhador amador médio, e os destroços, preferencialmente, só deverão ser visitados por mergulhadores profissionais com experiência. Em comparação, os sítios submersos de Galípoli e Scapa Flow são mais facilmente acessíveis. Existem diversas empresas de turismo de mergulho que se especializam na organização de excursões dirigidas ao património cultural subaquático destes naufrágios.

No sítio de **Galípoli**, é possível visitar os navios e os túmulos dos australianos e neozelandeses que vieram para a Europa para combater ao lado dos Aliados. Também existem vários navios franceses e ingleses. Podem ser visitados os destroços de diferentes tipos de navios, incluindo navios de transporte de tropas, canhoneiras e navios de abastecimento.

Em **Scapa Flow**, podem ser visitados navios de guerra de ambas as Guerras Mundiais em bom estado de conservação. Alguns deles repousam de lado, sendo possível os mergulhadores verem o interior do navio. Existem navios da Marinha Real, assim como três couraçados alemães, o *König*, o *Kronprinz Wilhelm* e o *Markgraf*, quatro cruzadores ligeiros, o *Brummer*, o *Dresden*, o *Cöln* e o *Karlsruhe*, os contratorpedeiros *V83* e *S54*, e um submarino, o *UB-116*, bem como 4.600 toneladas das torres de artilharia do *Bayern*. Também são visíveis três navios que os britânicos afundaram deliberadamente para impedir entrada de submarinos em Burra Sound, o *Tabarka*, o *Doyal* e o *Gobernador Boris*.

Perto da ilha de **Heligoland**, o *Mainz*, um cruzador ligeiro alemão, pode ser visitado debaixo de água.

O navio francês *Zélée* pode ser visitado perto de **Papeete**, no **Taiti**.

Museus de Patrimônio Cultural Subaquático da Primeira Guerra Mundial

São muitos os museus em todo o mundo que possuem patrimônio cultural subaquático da Primeira Guerra Mundial. Podem ser locais entusiasmantes para as crianças visitarem. Por exemplo:

O sino de 115 kg do SMS *Dresden*, que naufragou durante a Batalha das Ilhas Falkland, pode ser visto na cidade de Dresden, na Alemanha, no museu Militärlhistorisches Museum der Bundeswehr.

Existem relíquias da Batalha da Jutlândia em exibição no museu Strandingsmuseum St George, em Thorsminde, na Dinamarca. A coleção inclui o canhão de 88 mm do SM-U59, e a torre do SM-U20, o submarino que torpedeou o RMS *Lusitania* a 7 de maio de 1915.

Os Museus e Galerias Nacionais em Merseyside, no Reino Unido contêm galerias que contam a história do Lusitania, enquanto o Musée de la Marine, em Paris, em França apresenta maquetes dos submarinos da Primeira Guerra Mundial, assim como os pertences pessoais de marinheiros que combateram na guerra.

Os destroços do submarino alemão *UB-46*, encontrado perto da costa de Kemerburgaz na Turquia, foram recuperados e estão agora em exibição no museu Dardanelles Naval Museum em Çanakkale.

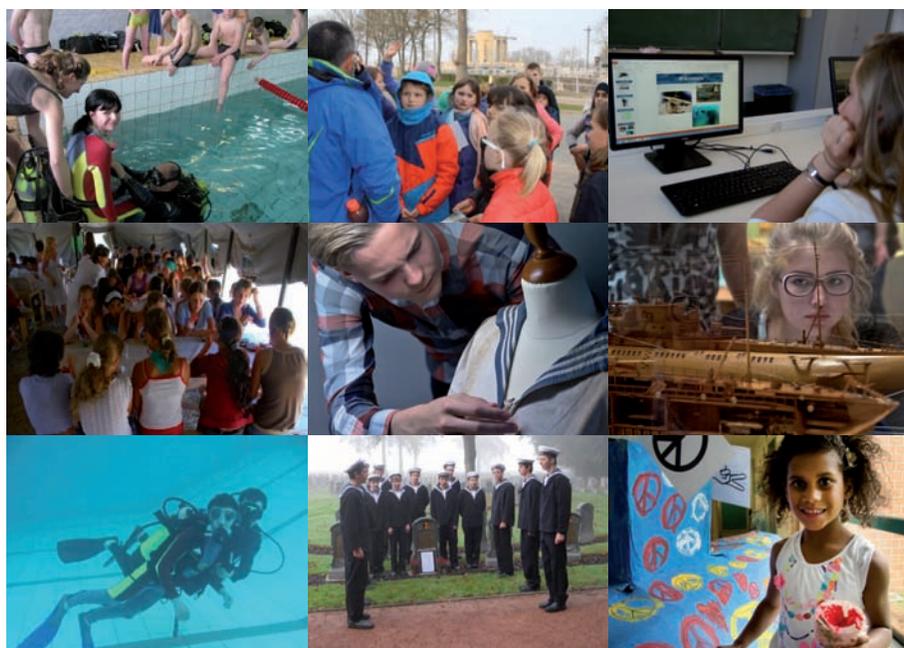
! O website da UNESCO disponibiliza uma [lista exaustiva de museus](http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/underwater-cultural-heritage/museums-and-tourism/) com patrimônio cultural subaquático:

VII. ANEXO III – EXEMPLOS DE PLANOS DE AULA

Este Anexo inclui planos de aula que poderão servir de inspiração. Os planos de aula mostram como determinadas escolas têm moldado os seus processos educativos.

Incluímos propositadamente uma grande e variada quantidade de planos de aula, desde o ensino pré-primário ao secundário, desde os mais pequenos projetos aos maiores, uma vez que acreditamos que a educação para a paz, através do património cultural subaquático pode ser incluída no programa escolar de diversas formas.

Os planos de aula estão agrupados por diferentes componentes de ensino, como temas de aprendizagem, objetivos de aprendizagem, materiais usados, duração, processo de ensino, pontos de avaliação, etc.



1. Alunos a experimentar o uso de equipamento de mergulho © UNESCO.
2. Crianças com o seu professor no complexo das comportas em Nieuwpoort. ©Vrije Basisschool Stella Maris, Cortesia de UNESCO Platform Vlaanderen.
3. Aluna a trabalhar num projeto sobre património cultural subaquático no colégio Sint-Sint-Jozef-klein-seminarie, em Sint-Niklaas. Cortesia da Associação das Nações Unidas da Flandres.
4. Crianças a responderem a perguntas na escola. ©UNESCO.
5. Aluno a trabalhar num projeto sobre a paz e o património no museu Strandingsmuseum Tommy Bay, © Strandingsmuseum St George.
6. Alunos a trabalharam num projeto sobre a paz e o património no museu Strandingsmuseum Tommy Bay, © Strandingsmu-
7. Alunos a experimentar equipamento de mergulho ©UNESCO.
8. Alunos da escola Royal IBIS School a prestarem homenagem a Bernard De Koninck ©Royal IBIS School.
9. Criança a pintar um submarino da paz, Istvan Leel-Össy © Educação Municipal de Antuérpia.

Plano de Aula 1

Visita a um museu: abordar conceitos básicos sobre o patrimônio com as crianças.

▪ Assunto

Porque é que as pessoas ficam com medo, zangadas, felizes ou tristes? O que é que une as pessoas?

▪ Idade

5 a 6 anos

▪ Legitimação Social – Tema de aprendizagem ou tema transdisciplinar

- ▶ Explorar a importância do patrimônio cultural
- ▶ Atitudes sociais/ética
- ▶ Língua
- ▶ Respeito

▪ Objetivos/projeto de ensino

Saber

As crianças adquirem conhecimentos sobre (e experienciam):

- diferentes culturas do mundo;
- alguns conceitos gerais sobre patrimônio cultural material;
- as diferentes razões que levam as pessoas a ficarem ansiosas, felizes, zangadas ou tristes.

Competências

As crianças conseguem:

- reconhecer e descrever sentimentos de ansiedade, alegria, raiva ou tristeza (sozinhas e com os outros);
- mostrar empatia pelos sentimentos dos outros;
- identificar que os comentários negativos sobre os outros, por serem diferentes, não são aceitáveis;
- distinguir entre dar e receber em situações específicas;
- formular ideias para concretizações técnicas simples.

Atitudes

As crianças querem:

- estar interessadas no passado, no presente e no futuro;
- estar abertas a novas coisas no seu meio envolvente;
- valorizar a diversidade de pessoas;
- falar sobre o seu trabalho visual e o dos outros.

- Alicerce/Área de trabalho
 - ▶ Eu, eu mesmo e os outros
 - ▶ Respeito e conexão
 - ▶ Preconceitos, estereótipos e discriminação

- Pontos de avaliação
 - Histórias de ‘esperança’
 - Não se centre só nos problemas. Fornecer uma perspetiva de uma situação melhor no processo de ensino (e.g. direitos das crianças).
 - Ênfase da liberdade de escolha
 - Assegure-se que deixa as crianças descobrirem de que gostam para que aprendam a escolher as atividades que correspondem aos seus interesses e às capacidades da sua idade.
 - Tratar as emoções com cuidado
 - Assegure-se que as crianças têm sempre a possibilidade de expressarem as suas emoções relativamente ao que viram ou experienciaram.
 - Tenha muito cuidado ao confrontar crianças muito jovens com imagens chocantes ou histórias tristes.
 - Tente proporcionar às crianças a oportunidade de conhecerem alguém que testemunhou uma guerra, mas primeiro defina com essa pessoa o que deverá ou não ser abordado.

- Duração

5 meses

- Local(is)

Sala de Aula

Museu

- Materiais

- Caneta, lápis, tesoura, cola, tinta, papel;
- Uma pessoa de um centro de refugiados que é convidada para a aula.

- Breve descrição

Através de conversas de grupo sobre artefactos subaquáticos, o termo património é definido mais claramente. Após a visita ao museu local MAS (Museum at the Stream), são estabelecidas ligações a outros conceitos, sobretudo através das perguntas colocadas pelas crianças depois de regressarem à sala de aula. O projeto produz diferentes resultados criativos, como construir um simples submarino da paz. Finalmente, as crianças fazem um passeio de barco pelo porto de Antuérpia.



Crianças numa excursão no Museum at the Stream (MAS). © Escolas Municipais da Cidade de Antuérpia.

Criança a pintar um submarino da paz. © Escolas Municipais da Cidade de Antuérpia.

▪ Projeto de ensino

O processo de ensino deverá conter os seguintes elementos.

1. Uma visita ao museu local (Museum at the Stream), que inclui a descoberta de artefactos de navios antigos e expressões de muitas das culturas das pessoas que vieram para a cidade.
2. Na sala de aula: durante as conversas filosóficas com as crianças, são explorados muitos conceitos diferentes relacionados com o património, como navios históricos, transportes, portos, outras culturas, diversidade e direitos.
3. Fazer escolhas: as crianças decidem desenvolver mais o tema dos direitos das crianças. Após diversos momentos de reflexão, criam os seus próprios posters sobre os direitos das crianças.
4. As crianças recebem uma visita importante. Uma ex-refugiada partilha as suas experiências com a turma. Os professores tinham-se preparado cuidadosamente para esta atividade. Foi acordado antecipadamente o que poderia e não poderia ser contado às crianças.
5. As crianças decidem angariar dinheiro para o centro de refugiados, solicitando donativos junto dos pais e dos vizinhos. A turma reflete sobre o significado de partilhar.
6. O projeto é concluído através da construção de um submarino de cartão, que será exposto na entrada da escola. O submarino é decorado com símbolos universais de paz.
7. Finalmente, as crianças fazem um passeio de barco pelo porto, onde veem a dimensão dos navios atuais, e comparam aquilo que aprenderam com a realidade de um porto internacional moderno.

- **Possíveis atividades subsequentes**

O ficheiro do projeto e os planos de aula são dados aos professores do primeiro ano do ensino primário para lhes dar a oportunidade de desenvolverem os objetivos de aprendizagem anteriores.

- **Contacto**

hetvliegertje@so.antwerpen.be

Plano de Aula 2

Blub and Blob – uma história de dois peixes – destaque do património subaquático

- **Assunto**

A partir de *Blub and Blob*, uma história para crianças sobre dois peixes que encontram navios de guerra no leito marinho, este plano de aula para o ensino primário alarga os horizontes dos alunos em termos da vida e do património subaquáticos e em termos da guerra e da paz.

- **Idade**

10 a 12 anos

- **Legitimação Social – Tema de aprendizagem ou tema transdisciplinar**

- Atitudes sociais
- Expressão artística
- Consciência do património cultural subaquático

Aprender a aprender

- **Objetivos/projeto de ensino**

Saber

As crianças adquirem conhecimentos sobre:

- o património subaquático;
- os navios naufragados;
- a Primeira Guerra Mundial.

Competências

As crianças conseguem:

- expressar-se de forma artística;

- trabalhar em conjunto e comunicar;
- conceber e construir um periscópio.

Atitudes

As crianças querem:

- praticar responsabilidade e solidariedade sociais;
 - promover uma interação e uma cooperação positivas para resolver problemas;
 - desenvolver uma atitude positiva para com o património cultural subaquático.
- Alicerce/Área de trabalho
 - ▶ Respeito e conexão
 - ▶ A sociedade e o indivíduo
 - ▶ As pessoas, a cultura e o ambiente
 - Pontos de avaliação
 - ⊗ Processos e mecanismos
 - Analise os processos e os mecanismos do passado que têm valores atuais.
 - ⊗ Enquadramentos de referência
 - Assegure-se que a história sobre o património é um verdadeiro ponto de partida, que as crianças a consideram familiar e plausível, que apresenta uma imagem multifacetada das pessoas, e que não está completamente acabada.
 - ⊗ Tratar as emoções com cuidado
 - Assegure-se que as crianças têm sempre a possibilidade de expressarem as suas emoções relativamente aos que viram ou experienciaram.
 - ⊗ Antídoto contra a indiferença
 - Tente retratar as pessoas e os testemunhos escritos do passado, tanto quanto possível, como seres humanos e não estatísticas.
 - Assegure-se que as crianças não se identificam com as pessoas, mas sim que se colocam no lugar dessas pessoas.
 - Duração

Várias semanas na sala de aula, incluindo uma visita de três dias à antiga frente flamenga.
 - Local(is)

Sala de Aula

Visita à frente da Primeira Guerra Mundial

▪ Materiais

Materiais para desenho e pintura.

Pacotes de leite vazios.

História de dois peixes.

▪ Breve descrição

A partir de *Blub and Blob*, uma história para crianças sobre dois peixes que encontram navios de guerra no leito marinho, apresentamos aos alunos o património cultural subaquático e a sua importância, e a guerra e a paz.

▪ Processo de ensino

O processo de ensino deverá conter os seguintes elementos.

1. Um progenitor escreve uma história sobre dois jovens peixes que têm várias aventuras em navios naufragados como consequência de uma guerra travada pelos seres humanos à superfície do mar. Não existem referências diretas a atrocidades ou vítimas. As aventuras acabam com uma solução positiva, conseguida através das ideias inteligentes dos dois peixes, que se baseiam na cooperação e no objetivo de compreender melhor os sítios de património e protegê-los.
2. As crianças refletem sobre estas histórias e expressam os seus sentimentos através de atividades diferentes, como pintar ou desenhar.
3. Os alunos mais velhos constroem um periscópio com pacotes de leite vazios.

▪ Possíveis atividades subsequentes

A Sterrenbos, uma Escola Associada da UNESCO, concluiu um projeto de um ano sobre a Grande Guerra com a criação de um kit de ensino. O kit contém material pronto a ser utilizado, como fichas de aula, material impresso e um livro para crianças sobre o Blub e o Blob, assim como muita informação sobre o tema da guerra e do património cultural subaquático. Este kit de ensino será oferecido à biblioteca local para que as escolas da zona possam desenvolver estas experiências de aprendizagem.

▪ Contacto

bs.hamme@g-o.be

Nieuws

Unescoschool schenkt leskoffer

DINSDAG 13 MEI 2014, 03U00 | J/V/D/V



Um artigo sobre o projeto na imprensa local, cortesia de UNESCO Platform Vlaanderen.

Plano de Aula 3

Centenário da primeira guerra mundial – um exemplo de um projeto local que transcende a escola

▪ Assunto

O Ataque de Zeebrugge e a Ponte da Paz em Antuérpia

▪ Idade

10 a 12 anos

▪ Legitimação Social – Tema de aprendizagem ou tema transdisciplinar

- ▶ Orientação global
- ▶ Atitudes/ética social
- ▶ Linguagem
- ▶ História

▪ Objetivos/projeto de ensino

Conhecimento

As crianças adquirem conhecimentos sobre:

- a história local da Primeira Guerra Mundial;
- os processos que despoletam a guerra e a paz, tanto em pequena escala (escola, família) como em grande escala (contexto internacional);
- as condições de vida das crianças em zonas de guerra, atualmente e durante a Primeira Guerra Mundial.

Competências

As crianças conseguem:

- estabelecer ligações entre o passado e o presente;
- usar diferentes meios de comunicação;
- consultar várias fontes;
- trabalhar em conjunto e comunicar;
- usar competências de pensamento criativo para concluir 5 missões diferentes em 5 locais diferentes (todos os locais estão ligados à Primeira Guerra Mundial).

Atitudes

As crianças querem:

- sentir empatia pelas diferentes condições de vida no passado, ou atualmente noutros locais do mundo;
- respeitar a dignidade humana;
- praticar responsabilidade e solidariedade sociais.

▪ Alicerce/Área de trabalho

- ▶ Eu, eu mesmo e os outros
- ▶ Respeito e conexão
- ▶ Direitos e obrigações, liberdades e responsabilidades
- ▶ Falar e escutar
- ▶ Conhecimento e pensamento crítico

▪ Pontos de avaliação

- Processos e mecanismos
 - Analise os processos e os mecanismos do passado que têm valores atuais.
 - Tenha em atenção as semelhanças e as diferenças antes de identificar as possíveis relações entre o passado e o presente.
- Passado e presente
 - Quando as crianças são encorajadas a imaginarem-se numa situação no passado, assegure-se que o processo de ensino se baseia em saber e conhecimento sobre o contexto histórico.
- Antídoto contra a indiferença
 - Tente retratar as pessoas e os testemunhos escritos do passado, tanto quanto possível, como seres humanos e não estatísticas.
 - Assegure-se que as crianças não se identificam com as pessoas, mas sim que se colocam no lugar dessas pessoas.
 - Ajude as crianças a reconhecerem que as pessoas, no passado e no presente, têm diferentes valores e crenças, e que, conseqüentemente, as perspetivas diferentes são normais e significativas.

▪ Duração

5 horas

▪ Local(is)

Sala de Aula Museu

▪ Materiais

Todo o material pode ser encontrado no workshop interativo. Cada grupo de crianças (5 por subgrupo/máx. 25 no grupo) recebe um saco com um mapa, um lápis, um quadro branco pequeno, e uma brochura. Estas ferramentas ajudam as crianças a serem bem-sucedidas nas suas missões.

▪ Breve descrição

As crianças participam num workshop interativo organizado pelo Centro para a Paz de Antuérpia. O centro desenvolveu uma aventura, uma experiência num trilho para crianças de 9-12 anos. Durante o workshop, as crianças adquirem conhecimentos sobre diversos aspetos da guerra e da paz. Aprendem, descobrem e debatem a situação crítica de Antuérpia durante a Primeira Guerra Mundial, quando milhares de pessoas tiveram que fugir da cidade fazendo uso de uma ponte temporária sobre o rio Escalda. Ao longo do trilho, as crianças podem explorar as ligações às questões contemporâneas, como os refugiados da Síria e do Iraque, e a importância da paz: tanto em pequena escala (como manter a paz na sala de aula ou no seio da família) e em grande escala (União Europeia). Durante o workshop, cada grupo de crianças deverá completar diversas missões para obter o material necessário para construir a ponte. No final do workshop, os cinco grupos juntam-se e constroem uma ponte da paz. A necessidade de cooperar para construir esta ponte promove uma plataforma de paz. A ponte deverá ser construída sobre um mapa grande de países em zonas de conflito.



Crianças a participarem num workshop interativo © Vredescentrum Antwerpen.

▪ Processo de ensino

O processo de ensino deverá conter os seguintes elementos.

1. Preparação na sala de aula. O que sabemos sobre a Primeira Guerra Mundial? – 1 hora
2. Chegada ao workshop (museu local).
3. Facilitar e desenvolver o círculo de debate: O que sabemos sobre a paz, a guerra e os conflitos? O que sabemos sobre o património? Ainda existem vestígios? – 30 min.
4. Workshop interativo de 1,5 horas (5 grupos que completam 5 missões diferentes).
5. Exercício final: construir uma ponte da paz de madeira entre países diferentes num mapa grande. – 30 min.
6. Sessão informativa na sala de aula fazendo uso dos materiais recolhidos pelas crianças durante a visita. – 1 hora

- **Possíveis atividades subsequentes**

As crianças são convidadas a atravessarem a ponte temporária reconstruída pelos batalhões de engenharia da Bélgica e dos Países Baixos sobre o rio Escalda, como parte da evocação do Centenário da Primeira Guerra Mundial. A reconstrução da Ponte da Paz é um símbolo poderoso da ligação entre o passado, o presente e o futuro.

- **Contacto**

info@vredescentrum.be

Plano de Aula 4

Escola de arte – ‘Construir uma paz duradoura através da educação para o património’

- **Assunto**

Produzir posters contemporâneos para promover a paz e a consciência do património cultural subaquático.

- **Idade**

14 a 16 anos

- **Legitimação Social – Tema de aprendizagem ou tema transdisciplinar**

- ▶ Consciência e conhecimento históricos
- ▶ Consciência da importância do património cultural subaquático
- ▶ Uso do design gráfico para formular mensagens de paz
- ▶ Refletir sobre a reconciliação

- **Objetivos/projeto de ensino**

Saber

Os alunos adquirem conhecimentos sobre:

- os principais pontos históricos da Primeira Guerra Mundial;
- a componente naval da Primeira Guerra Mundial;
- os princípios básicos da Convenção sobre a Proteção do Património Cultural Subaquático de 2001.

Competências

Os alunos conseguem:

- fazer uma avaliação crítica de como as questões fundamentais sobre a guerra, os conflitos e a paz afetam a forma como escolhemos viver as nossas vidas, como interagimos com os outros, e como vivemos no mundo;
- usar diferentes materiais e ferramentas de várias formas de arte;
- criar objetos de arte originais, numa forma de arte específica;
- analisar, interpretar e avaliar a forma e o conteúdo da fotografia e do design gráfico, incluindo a arte usada para as atividades de propaganda;
- avaliar os elementos básicos do design (cor, linha, forma, textura, etc.).

Atitudes

Os alunos querem:

- colocar perguntas mantendo uma abertura de espírito, e desenvolver estratégias para uma tomada de decisão e resolução de problemas que sejam éticas;
- desenvolver uma consciência para com o património cultural;
- defender os seus projetos visuais através de crítica individual ou de grupo;
- demonstrar que compreendem a teoria do design através da aplicação de uma metodologia prática no projeto.

▪ Alicerce/Área de trabalho

- ▶ Respeito e conexão
- ▶ Conhecimento e pensamento crítico
- ▶ Preconceitos, estereótipos e discriminação
- ▶ Métodos não violentos de lidar com os conflitos

▪ Pontos de avaliação

- ⊗ Conhecimento sobre o contexto histórico do património cultural subaquático
 - Posters de propaganda relacionados com a guerra no mar: tenha em atenção qual é a fonte, e onde e porque a informação foi fornecida.
 - Tenha em atenção o contexto económico, político, social e cultural da informação sobre o passado.
- ⊗ Enquadramentos de referência
 - Tenha em atenção que os alunos nem sempre estão familiarizados com determinados conceitos ou terminologia histórica.
- ⊗ Histórias de esperança
 - Tente incluir elementos da história da paz no processo de ensino (e.g. a Convenção de 2001 sobre a Proteção do Património Cultural Subaquático).
- ⊗ O bom, o mau e tudo o que existe no meio

- Transmita aos alunos a noção de que a empatia histórica se revela de várias formas, como preocupação pelas vítimas, empatia para com os espectadores, e consciência dos motivos dos perpetradores.
- Tratar as emoções com cuidado
 - As imagens relacionadas com a guerra e a propaganda podem ter um forte impacto no nosso pensamento. Assegure-se que tais imagens não causam desespero ou emoções não processadas.

▪ Duração

5 meses

▪ Loca(is)

Escola

▪ Materiais

A Internet e livros de arte relevantes.

A Convenção de 2001 sobre a Proteção do Património Cultural Subaquático da UNESCO.

Software de design.

▪ Breve descrição

No decurso de diversas aulas sobre ética e história, o tema do património cultural subaquático relacionado com a Primeira Guerra Mundial é debatido e analisado num contexto histórico. Isto inclui uma reflexão ética sobre as mensagens que os alunos querem partilhar com os seus pares. Os alunos desafiam os seus colegas do departamento de fotografia e design gráfico a promoverem e transmitirem as suas mensagens de paz, através da criação de um conjunto de posters de propaganda.

▪ Processo de ensino

O processo de ensino deverá conter os seguintes elementos.

1. O tema do património cultural subaquático é debatido e relacionado com a história geral da Primeira Guerra Mundial.
2. Durante as aulas de ética, o tema é relacionado com mensagens contemporâneas de paz.
3. Os alunos do departamento de fotografia analisam posters de propaganda da Primeira Guerra Mundial que tenham uma componente marítima e originários de diversos contextos.
4. Os alunos criam as suas próprias mensagens de paz através de posters contemporâneos, desenvolvendo a análise anterior.

- Possíveis atividades subsequentes



Os mais de 20 posters são expostos durante um evento de dia aberto na escola.
© Escola Municipais da Cidade de Antuérpia, fotografia digital de Jan Landau.

- **Contacto**

Stedelijk Lyceum Cadix
cadix@stedelijklyceum.be

Plano de Aula 5

O património cultural subaquático e os destinos individuais

- **Assunto**

A Lista de Pitzemburg – Projeto histórico sobre a nossa Colónia Britânica

- **Idade**

15 a 18 anos

- **Legitimação Social – Tema de aprendizagem ou tema transdisciplinar**

- ▶ Consciência e conhecimento históricos
- ▶ Consciência sobre o património da escola

- ▶ Atitudes sociais
- ▶ Heurística
- ▶ Aprender a aprender

▪ **Objetivos/projeto de ensino**

Saber

Os alunos adquirem conhecimentos sobre:

- a história comum da França, do Reino Unido e da Bélgica;
- os factos básicos da crítica histórica.

Competências

Os alunos conseguem:

- usar diferentes meios de comunicação;
- consultar várias fontes;
- trabalhar em conjunto e comunicar;
- usar os registos linguísticos apropriados na reconstrução das vidas de antigos alunos;
- questionar a informação com base em critérios de relevância.

Atitudes

Os alunos querem:

- sentir empatia pelos antigos alunos;
- refletir sobre como se sentiriam nessas circunstâncias.

▪ **Alicerce/Área de trabalho**

- ▶ Respeito e conexão
- ▶ Conhecimento e pensamento crítico
- ▶ A sociedade e o indivíduo
- ▶ As pessoas, a cultura e o ambiente

▪ **Pontos de avaliação**

- ⊗ Saber e conhecimento
 - Tenha atenção à fiabilidade das suas fontes.
- ⊗ Passado e presente
 - Quando as crianças são encorajadas a imaginarem-se numa situação no passado, assegure-se que o processo de ensino se baseia em saber e conhecimento sobre o contexto histórico.
- ⊗ Antídoto contra a indiferença

- Ajude os alunos a reconhecerem que os antigos alunos da época da Primeira Guerra Mundial tinham valores e crenças diferentes, e que, conseqüentemente, as perspetivas diferentes são normais e significativas.
- Cerimónias de evocação
 - Tenha em atenção o carácter complexo das cerimónias de evocação.
 - Construa em conjunto com os alunos uma filosofia de evocação relativamente à história específica da escola.

▪ Duração

Várias semanas durante as aulas de História e Línguas.

▪ Local(is)

Sala de Aula

▪ Materiais

A Internet e livros de história relevantes.

Processador de texto.

▪ Breve descrição

A KA Pitzemburg é uma Escola Associada da UNESCO da cidade de Mechelen, na Bélgica. A escola foi fundada em 1831 e, conseqüentemente, já passou, de forma consciente, por duas Guerras Mundiais. Todos os dados relativos aos antigos alunos ainda estão disponíveis nos arquivos da escola. Alguns dos alunos fugiram de navio para o Reino Unido durante a Primeira Guerra Mundial. Pedimos aos alunos para se imergirem nos arquivos e reconstruírem as vidas das pessoas que formaram a ‘Colónia’ da escola em Inglaterra. Como é que os refugiados atravessaram o Canal? Sobreviveram ou repousam agora no fundo do mar? O que aconteceu a esses antigos alunos que foram para o Reino Unido? E



Alunos a participarem numa demonstração artística no exterior da escola, cortesia de UNESCO Platform Vlaanderen.

todos os navios que naufragaram no Canal por causa da guerra submarina? Como é que os alunos podem estabelecer uma ligação com os destroços que aí repousam? Devemos proteger o património cultural subaquático?

▪ **Processo de ensino**

O processo de ensino deverá conter os seguintes elementos.

1. Os alunos adquirem noções básicas sobre como usar arquivos e outros documentos históricos.
2. Os alunos são alertados que deverão sempre respeitar a privacidade dos antigos alunos, assim como a das suas famílias e descendentes, e que também deverão confirmar se a informação que recolheram pode ser tornada pública.
3. O trabalho dos alunos é avaliado pelos professores.
4. Os achados dos alunos são reunidos num novo portefólio da escola sobre a sua ‘Colónia Britânica’.

▪ **Possíveis atividades subsequentes**

Cerimónia de recordação, exposição de património cultural subaquático.

▪ **Contacto**

Koninklijk Atheneum Pitzemburg
ka1.mechelen@g-o.be

Plano de Aula 6

Mensagem numa garrafa – um projeto de geminação bilingue

▪ **Assunto**

Projeto interativo de geminação eletrónica entre duas escolas (falantes de francês e neerlandês)

▪ **Idade**

15 a 18 anos

▪ **Legitimação Social – Tema de aprendizagem ou tema transdisciplinar**

- ▶ Consciência e conhecimento históricos
- ▶ Atitudes sociais
- ▶ Competências linguísticas bilingues ao nível da leitura e escrita

- ▶ Consciência do património cultural subaquático
- ▶ Heurística
- ▶ Aprender a aprender

▪ Objetivos/projeto de ensino

Saber

Os alunos adquirem conhecimentos sobre:

- a história comum da França, do Reino Unido e da Bélgica, e das suas colónias;
- os factos básicos da crítica histórica.

Competências

Os alunos conseguem:

- usar diferentes meios de comunicação;
- consultar várias fontes;
- trabalhar em conjunto e comunicar;
- usar os registos linguísticos apropriados na redação de cartas;
- questionar a informação com base em critérios de relevância.

Atitudes

Os alunos querem:

- sentir empatia pelas pessoas das colónias que foram enviadas para a guerra;
- refletir sobre como se sentiriam, nestas circunstâncias, e desenvolver consciência cultural através do contacto direto com os pares em outras regiões ou países.

▪ Alicerce/Área de trabalho

- ▶ Respeito e conexão
- ▶ Conhecimento e pensamento crítico
- ▶ A sociedade e o indivíduo
- ▶ As pessoas, a cultura e o ambiente

▪ Pontos de avaliação

- ⊗ Processos e mecanismos
 - Tenha em atenção que as perceções do passado descritas pelos alunos têm um contexto histórico e cultural específico, que poderá ser diferente do contexto atual.
- ⊗ Passado e presente

- Quando as crianças são encorajadas a imaginarem-se numa situação no passado, assegure-se que o processo de ensino se baseia em saber e conhecimento sobre o contexto histórico.
- Cuidado com a reconstrução
 - Tenha em atenção que no processo de ‘re-redação’ de cartas históricas existe o risco de determinadas lacunas ou imprecisões no conhecimento histórico serem preenchidas pela imaginação ou por uma visão romanceada do passado. Debata estas lacunas no conhecimento com os alunos.

▪ Duração

2 semanas

▪ Local(is)

Sala de Aula

▪ Materiais

A Internet e livros de história relevantes.

Dicionário, gramática.

Processador de texto.

▪ Breve descrição

No decurso de um projeto de geminação de longa duração, a Atheneum Vijverhof em Bruges (uma Escola Associada da UNESCO) e a Athénée Royal em Ganshoren decidiram centrar-se na educação para a memória e o património cultural subaquático em 2014. Foi solicitado aos alunos falantes de neerlandês de Bruges que imaginassem que eram pessoas trazidas das colónias para combaterem na Europa, ou pessoas a fugirem para os EUA durante a Primeira Guerra Mundial. O seu navio foi atacado. Foi solicitado aos alunos que escrevessem uma carta em francês para enviar para casa, que seria atirada ao mar enquanto o navio se afundava. Os alunos falantes de francês de Ganshoren ‘encontraram’ estas mensagens numa garrafa e responderam em neerlandês. Ambos deveriam refletir sobre o património cultural subaquático, a sua relevância histórica, e o seu significado para a paz.

▪ Pontos de avaliação

O processo de ensino deverá conter os seguintes elementos.

1. Tanto os alunos falantes de neerlandês como os de francês se centraram na situação naval no Mar do Norte e no Oceano Atlântico durante a Primeira Guerra Mundial.
2. Os alunos adquirem conhecimentos sobre a situação dos soldados trazidos das colónias e sobre o desenvolvimento da guerra em África.

3. Os alunos falantes de neerlandês escolhem as suas personagens e escrevem a sua mensagem na garrafa em francês.
4. As diferentes mensagens na garrafa são atribuídas aos vários alunos falantes de francês, que depois respondem em neerlandês.
5. Na reunião seguinte, os alunos de ambas as escolas debatem as cartas uns dos outros e a importância do património cultural subaquático.



Uma aluna a lançar ‘Uma mensagem na garrafa’ num dos canais de Bruges, cortesia de UNESCO Platform Vlaanderen.

- **Possíveis atividades subsequentes**

Nenhuma.

- **Contacto**

Atheneum Vijverhof
directeur@kavijverhof.be

Plano de Aula 6

Um espetáculo de entretenimento informativo que faz uso de diferentes meios artísticos

- **Assunto**

Um espetáculo de entretenimento informativo baseado no professor-e-aluno enquanto componente de um projeto a longo prazo sobre a Primeira Guerra Mundial.

- **Idade**

15 a 18 anos

- **Legitimação Social – Tema de aprendizagem ou tema transdisciplinar**

- ▶ Orientação global
- ▶ Atitudes sociais e relacionais
- ▶ Ética
- ▶ Línguas e ciência

- ▶ Consciência e conhecimento históricos
- ▶ Contexto político e jurídico

▪ Objetivos/projeto de ensino

Saber

Os alunos adquirem conhecimentos sobre:

- a história da Grande Guerra, que não pode ser considerada apenas do ponto de vista de uma nação, ou num vazio político, cultural ou histórico;
- a importância da história naval da Primeira Guerra Mundial;
- o património subaquático, que é um processo assim como um produto de determinadas atividades do presente;
- os elementos construtivos e destrutivos dos conflitos internacionais.

Competências

Os alunos conseguem:

- estabelecer ligações entre o passado e o presente;
- usar materiais, ferramentas e processos relacionados com diversas formas de arte;
- consultar várias fontes e aplicar a crítica histórica;
- trabalhar em conjunto e comunicar;
- ser proativos e completar diferentes tarefas sem serem obrigados a fazê-lo.

Atitudes

Os alunos querem:

- ter uma atitude ativa e construtiva para com os seus direitos e os dos outros;
- sentir empatia pelas diferentes condições de vida no passado, e atualmente noutros locais do mundo;
- desenvolver um sentimento profundo de respeito pelos outros, por culturas diferentes e pelo património cultural subaquático;
- avaliar as suas próprias crenças relativamente a eventos sociais, passados e presentes, de pontos de vista diferentes.

▪ Alicerce/Área de trabalho

- ▶ Saber e conhecimento
- ▶ Respeito e conexão
- ▶ Direitos e obrigações, liberdades e responsabilidades
- ▶ Conhecimento e pensamento crítico
- ▶ Lidar com os conflitos de forma não violenta
- ▶ A sociedade e o indivíduo

▪ Pontos de avaliação

- Conhecimento sobre o contexto histórico do património cultural subaquático
 - Ajude os alunos a adquirirem conhecimentos sobre o contexto económico, político, social e cultural do património subaquático da Primeira Guerra Mundial.
 - Se forem usadas fontes escritas (e.g. cartas), tenha em atenção qual é a fonte, e onde e porquê é que a informação foi fornecida.
- Processos e mecanismos
 - Tenha em atenção as semelhanças e as diferenças antes de identificar as possíveis relações entre o passado e o presente.
- História versus memória coletiva
 - Analise a forma como um determinado assunto é lembrado atualmente, e quais são as razões subjacentes.
- Antídoto contra a indiferença
 - Tente retratar as pessoas e os testemunhos escritos do passado, tanto quanto possível, como seres humanos e não estatísticas.
 - Tenha em consideração uma perspetiva global sobre a história, sobretudo relativamente a alunos originários de outras culturas.
- Ênfase da liberdade de escolha
 - Realce a liberdade de escolha individual, apesar das circunstâncias extremas da guerra.

▪ Duração

Ao longo de vários anos - projeto a longo prazo

▪ Local(is)

Escola

▪ Materiais

Conforme necessário.

▪ Breve descrição

A escola está a integrar o tema do património cultural subaquático num espetáculo de entretenimento informativo baseado no professor-e-aluno enquanto componente de um projeto a longo prazo sobre a Primeira Guerra Mundial.

Num espetáculo criativo e informativo de 100 minutos são discutidos diversos aspetos básicos da Primeira Guerra Mundial: as novas armas, a neutralidade, a Trégua de Natal, o trauma de guerra, a propaganda, a guerra naval, etc. Os alunos contribuem voluntariamente de várias formas através de: produção de um pequeno filme, apresentação de um livro, realização de teatro, conversão de poemas de guerra na letra de uma música e interpretação ao vivo com uma banda de ocasião, apresentação de documentos (cartas, diários) dos seus avós, etc. O objeto subjacente é a promoção da paz.

O aspeto do património cultural subaquático é concretizado através da abordagem das cheias nas planícies do Yser e da história de Galípoli, assim como através dos contributos especiais de alunos de origem turca.

Além disso, todas as disciplinas analisam a Primeira Guerra Mundial do ponto de vista específico dessa área. O aspeto da arqueologia marítima é abordado nas aulas de ciência (e.g. proteção do sítio, preservação de artefactos, corrosão, processos biológicos, etc.).



Espectáculo de entretenimento informativo, 2014.

Aluna de origem turca lê cartas de Galípoli.

Diálogo sobre a Grande Guerra entre um professor e um aluno.

Cortesia da Associação das Nações Unidas da Flandres.

▪ Processo de ensino

O processo de ensino deverá conter os seguintes elementos.

- Todas as disciplinas analisam a Primeira Guerra Mundial do ponto de vista específico dessa área.
- O aspeto da arqueologia marítima também será abordado nas aulas de ciência (e.g. proteção do sítio, preservação de artefactos, corrosão, processos biológicos, etc.).

▪ Possíveis atividades subsequentes

Os alunos do último ano do ensino secundário aplicam as suas experiências de aprendizagem a um estudo de caso da Segunda Guerra Mundial.

▪ Contacto

Sint-Jozef-Klein-Seminarie

info@sjks.be

MANUAL TEXTO CNU – adaptação Portuguesa

Em Portugal, as Evocações do Centenário da I Guerra Mundial têm um programa que decorrerá entre 2014-18, no âmbito de uma Comissão Coordenadora da Evocação do Centenário da Primeira Guerra Mundial, constituída para o efeito (Despacho nº 15602/2012). Entre muitas outras iniciativas, decorrem apoios à investigação, seminários, congressos e colóquios, evocações militares nos ramos das Forças Armadas, exposições, publicações e, a participação em eventos internacionais.

Sendo este, um projeto nacional com relevância no âmbito da educação histórica e da educação para a cidadania, foi assinado um Protocolo, em 2014, entre o Ministério da Defesa Nacional e o Ministério da Educação e Ciência, no quadro da execução de um plano de atividades promovido pela Comissão Coordenadora, a desenvolver de 2014 a 2018, envolvendo a participação das escolas dos ensinos básico e secundário. É pretendido sensibilizar a sociedade civil, em geral e, em particular, a população escolar para a importância da preservação da memória e a promoção da cidadania.

A Comissão Nacional da UNESCO (CNU) integra o Grupo de Trabalho do Ministério dos Negócios Estrangeiros para a coordenação do Centenário da 1ª Guerra Mundial, no âmbito do projeto “Património para a Paz e a Reconciliação. Salvar o património cultural subaquático da Primeira Guerra Mundial”. No âmbito da Rede das Escolas Associadas da UNESCO, um vasto programa de exposições e de projetos estão a ser realizados no âmbito desta temática, entre as escolas do país.

No blog http://omaioirmuseudomundo.blogspot.pt/2013/04/o-mar-e-o-maior-museu-do-mundo_27.html uma escola associada da UNESCO, comprometeu-se até 2018, a alojar todos os projetos que sejam dinamizados, nas escolas associadas, como os projetos realizados em parceria com as congéneres da Rede internacional, funcionando como um repositório de memória e de partilha de atividades.

O centro de formação de professores, sediado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL), escola associada da UNESCO, propõe-se criar uma ação de formação para professores, no âmbito deste Manual e, deste modo, colaborar para a formação nesta área, ajudando a criar valores, atitudes e aptidões necessárias na construção de um mundo mais pacífico, inclusivo e sustentável, e, assim também a cumprir a Estratégia UNESCO de Educação para a Cidadania Global 2014-2021 -“Construindo uma cidadania global e promovendo um desenvolvimento sustentável”.

Também, e por ocasião da evocação do Centenário da Primeira Guerra Mundial, o Instituto de História Contemporânea da FCSH-UNL, em colaboração com diversas instituições, para além da comunidade académica, (e.g. Assembleia da República, a Direção-Geral de Arquivos, o Arquivo Histórico Militar, a Câmara Municipal de Lisboa, a Câmara Municipal de Cascais, a Comissão Portuguesa de História Militar e o Camões, Instituto da Cooperação e da Língua), encontra-se a promover um conjunto de iniciativas, focando em particular, a participação Portuguesa e o impacto que este conflito mundial teve em Portugal. Através do portal www.portugal1914.org encontra-se disponibilizada informação relacionada com a história da participação de Portugal na I Guerra Mundial, a partilha de memórias, testemunhos, histórias herdadas dos que participaram e também dos que ficaram.

Exemplos dos programas em curso: *Memórias da Primeira Guerra Mundial*, Portugal no *Europeana* 1914-1918: plataforma digital e “Collection day em Portugal”; Enciclopédia Internacional da I Guerra Mundial (<http://www.1914-1918-online.net/>); Dias da Memória; Exposições; Encontros Científicos; Multimédia; Projetos de Investigação; <http://www.portugal1914.org/portal/pt/programa/item/6731-portugal-centenario-da-grande-guerra-1914-1918>

Por fim, e porque esta guerra deixou para trás um extenso património cultural submerso, a Comissão Nacional da UNESCO tem um protocolo de colaboração celebrado com a FCSH-UNL, através do Centro de História d’Aquém e d’Além-Mar (CHAM). Neste protocolo, diversas linhas de atuação foram firmadas, especialmente no âmbito da investigação e do património arqueológico marítimo, na promoção de ações tendo em vista a prossecução de iniciativas dirigidas à divulgação e sensibilização para a educação, preservação e proteção deste património, pelo que, para além de entre outras, a sua participação na criação do Kit Educativo “Património Cultural Subaquático”.

Como recomendado pela UNESCO, o novo quadro de ação Agenda para o Desenvolvimento Pós 2015, pretende mobilizar todos os países para uma visão mais partilhada e integral, com a inclusão de uma significativa componente social e humana, os direitos humanos e a cooperação para o desenvolvimento.

Referências

- Boonen, H. & Timmermans, D. (2005) *Vrede kan je leren!: Praktijkboek voor vredeseducatie*, Mechelen: Jeugd & Vrede.
- Chatelin C, Fenwick V, Pudret-Barré A, Momber G, Demerre I, Zeebroek I & Bownens A (2012), *L'Atlas archéologique des 2 Mers, Un projet d'archéologie maritime transfrontalier*, França, A2S.
- Delegação da Província da Flandres Ocidental, (2014) *Touchstone '14-'18*, Bruges: Província da Flandres Ocidental, Departamento Gráfico.
- Deschoolmeester, P. (2013) Sea Feeling, *The Great War and the Sea*, N° especial 36, novembro, pág. 103, Oostende: Vliz.
- Europeana 1914-1918 [Online] Disponível em: www.europeana1914-1918.eu [15 de agosto de 2014]
- Firstworldwar.com: *Memoirs & Diaries - The Battle of Jutland* [Online] Disponível em: <http://www.firstworldwar.com/diaries/jutland.htm> [25 de março de 2014]
- Gibbs, M. (2006) 'The International Journal of Nautical Archaeology', *Cultural Site Formation Progress in Maritime Archaeology: Disaster Response, Salvage and Muckelroy 30 Years on*. Volume 35, N° 1, páginas 4–19, abril.
- Guérin U, Egger, B & Penalva V (eds) 2010, *Underwater Cultural Heritage in Oceania*, Paris: UNESCO.
- The Lusitania Resource [Online] Disponível em: <http://www.rmsslusitania.info> [30 de setembro de 2014]
- Manders, Martijn R & Underwood Christopher J (eds) 2012, *Training Manual for the UNESCO Foundation Course on the Protection and Management of Underwater Cultural Heritage in Asia and the Pacific*, Banguécoque: UNESCO Banguécoque.
- Maarleveld, T, Guérin U & Egger B (eds) 2013, *Manual for Activities Directed at Underwater Cultural Heritage*, Paris: UNESCO.
- Pieters, M. (2013) 'The UNESCO convention on the protection of the Underwater Cultural Heritage (Paris, 2001) and maritime WWI heritage in the Belgian part of the North Sea', *The Great War and the Sea*, N° especial 36, novembro, páginas 21-26, Oostende: Vliz.
- Pieters, M & Guérin U (eds) 2014, *Proceedings of the Scientific Conference on the Underwater Cultural Heritage from World War I*, Paris: UNESCO.
- Sanderson, H. et al. (2010) *Environmental Hazards of Sea-Dumped Chemical Weapons*, *Environmental Science and Technology*, Vol. 44, N° 12, páginas 4389–4394.
- A convenção da UNESCO sobre a proteção do património cultural subaquático, *Underwater Cultural Heritage* [Online] Disponível em: http://www.unesco.org/new/filead-min/MULTIMEDIA/HQ/CLT/UNDERWATER/pdf/Info_kit/GB-2001CONVENTION-INFOKIT%2007-2009.pdf [8 de agosto de 2014].

- Timmermans, D. & Van Dinter F. (1996) *Vrede herdenken: een didactische map voor leerkrachten*, Bruxelles: Koning Boudewijnstichting.
- Timmermans, D. (ed) (2010) *De Verenigde Naties in de klas: Werken aan internationalisering in de school*, Gante: Vereniging voor de Verenigde Naties.
- Timmermans, D.(2000) *Herinneringseducatie*, Driemaandelijks tijdschrift van de Auschwitz Stichting, N° 66, janeiro-março, Bruxelles.
- Tuinier, J.D. (1993) *Herinneren voor de Toekomst: de relatie Tweede Wereldoorlog – Heden*, Amesterdão: APS.
- Visser,G. & Tuinier J.D. (1993) *Met het oog op educaties: Natuuren milieu-educatie in relatie tot Ontwikkelingseducatie in het primair onderwijs*, Amesterdão: Landelijk Servicebureau Ontwikkelingseducatie (LSO).
- Wouters, J. & Ryngaert C. (ed) (2005) *De Verenigde Naties: Een wereld van verschil?*, Lovaina: Acco.
- UNESCO, *Guidelines on Intercultural Education* [Online] Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001478/147878e.pdf> [12 de abril de 2014].
- UNESCO: *Media and Information Literacy* [Online] Disponível em: http://portal.unesco.org/ci/en/ev.php-URL_ID=15886&URL_DO=DO_TOP-IC&URL_SECTION=201.html [24 de setembro de 2014]
- Departamento de Informação Pública das Nações Unidas (2008), *The United Nations Today*, Nova Iorque: Publicação das Nações Unidas.

Este Manual do Professor faz parte de um pacote fornecido no âmbito do apoio do projeto educativo da UNESCO, 'Património para a Paz e a Reconciliação', que também inclui filmes e uma brochura. O projeto Património para a Paz e a Reconciliação irá ajudar os educadores a introduzirem na sua atividade de ensino os conceitos de diálogo, paz e reconciliação através da compreensão do património cultural. Poderão utilizar os exemplos fornecidos para organizarem projetos, excursões ou exposições escolares, ou para enriquecer as aulas habituais. Uma ocasião em que poderá ser importante desenvolver atividades e iniciativas de cooperação, será todos os anos a 21 de setembro, o Dia Internacional da Paz da ONU.

Através da escolha de uma época específica e de um determinado tipo de património, este manual centra-se no património cultural subaquático da Primeira Guerra Mundial. A Primeira Guerra Mundial foi, socialmente, uma das guerras mais devastadoras do século passado. Uma das novidades desta guerra, que teve um impacto particularmente forte na população civil, foi o desenvolvimento da guerra naval, e mais especificamente da guerra submarina. Esta guerra deixou para trás um extenso património submerso. Apesar destes materiais educativos se centrarem no extenso património cultural subaquático da Primeira Guerra Mundial, poderá ser adotada a mesma abordagem para exemplos de património cultural subaquático da Segunda Guerra Mundial, ou de outras épocas em que os conflitos incluíram uma vasta quantidade de batalhas no mar.



The Protection of the Underwater Cultural Heritage



United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

Comissão Nacional da UNESCO Portugal

Portuguese National Commission for UNESCO

